

(Organizadoras)

Iniciação Científica no Ensino Médio

Volume 5



Iniciação Científica no Ensino Médio

Volume 5



Iniciação Científica no Ensino Médio

Direção Editorial

Prof.º Dr. Adriano Mesquita Soares

Organizadores

Prof.ª Ma. Fabiana Perpétua Ferreira
Fernandes

Prof.ª Dr.ª Flávia Motta de Paula Galvão

Revisão

Os Autores

Capa

AYA Editora©

Capa

AYA Editora©

Executiva de Negócios

Ana Lucia Ribeiro Soares

Produção Editorial

AYA Editora©

Imagens de Capa

br.freepik.com

Área do Conhecimento

Ciências da Saúde

Conselho Editorial

Prof.º Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva (UNIDAVI)

Prof.ª Dr.ª Adriana Almeida Lima (UEA)

Prof.º Dr. Aknaton Toczec Souza (UCPEL)

Prof.º Dr. Alaerte Antonio Martelli Contini (UFGD)

Prof.º Dr. Argemiro Midonês Bastos (IFAP)

Prof.º Dr. Carlos Eduardo Ferreira Costa (UNITINS)

Prof.º Dr. Carlos López Noriega (USP)

Prof.ª Dr.ª Claudia Flores Rodrigues (PUCRS)

Prof.ª Dr.ª Daiane Maria de Genaro Chirolí (UTFPR)

Prof.ª Dr.ª Danyelle Andrade Mota (IFPI)

Prof.ª Dr.ª Déa Nunes Fernandes (IFMA)

Prof.ª Dr.ª Déborah Aparecida Souza dos Reis (UEMG)

Prof.º Dr. Denison Melo de Aguiar (UEA)

Prof.º Dr. Emerson Monteiro dos Santos (UNIFAP)

Prof.º Dr. Gilberto Zammar (UTFPR)

Prof.º Dr. Gustavo de Souza Preussler (UFGD)

Prof.ª Dr.ª Helenadja Santos Mota (IF Baiano)

Prof.ª Dr.ª Heloísa Thaís Rodrigues de Souza (UFS)

Prof.ª Dr.ª Ingridi Vargas Bortolaso (UNISC)

Prof.ª Dr.ª Jéssyka Maria Nunes Galvão (UFPE)

Prof.º Dr. João Luiz Kovaleski (UTFPR)

Prof.º Dr. João Paulo Roberti Junior (UFRR)

Prof.º Dr. José Enildo Elias Bezerra (IFCE)

Prof.º Dr. Luiz Flávio Arreguy Maia-Filho (UFRPE)

Prof.ª Dr.ª Marcia Cristina Nery da Fonseca Rocha Medina (UEA)
Prof.ª Dr.ª Maria Gardênia Sousa Batista (UESPI)
Prof.º Dr. Myller Augusto Santos Gomes (UTFPR)
Prof.º Dr. Pedro Fauth Manhães Miranda (UEPG)
Prof.º Dr. Rafael da Silva Fernandes (UFRA)
Prof.º Dr. Raimundo Santos de Castro (IFMA)
Prof.ª Dr.ª Regina Negri Pagani (UTFPR)
Prof.º Dr. Ricardo dos Santos Pereira (IFAC)
Prof.º Dr. Rômulo Damasclín Chaves dos Santos (ITA)
Prof.ª Dr.ª Silvia Gaia (UTFPR)
Prof.ª Dr.ª Tânia do Carmo (UFPR)
Prof.º Dr. Ygor Felipe Távora da Silva (UEA)

Conselho Científico

Prof.º Me. Abraão Lucas Ferreira Guimarães (CIESA)
Prof.ª Dr.ª Andreia Antunes da Luz (UniCesumar)
Prof.º Dr. Clécio Danilo Dias da Silva (UFRGS)
Prof.ª Ma. Denise Pereira (FASU)
Prof.º Dr. Diogo Luiz Cordeiro Rodrigues (UFPR)
Prof.º Me. Ednan Galvão Santos (IF Baiano)
Prof.ª Dr.ª Eliana Leal Ferreira Hellvig (UFPR)
Prof.º Dr. Fabio José Antonio da Silva (HONPAR)
Prof.ª Ma. Jaqueline Fonseca Rodrigues (FASF)
Prof.ª Dr.ª Karen Fernanda Bortoloti (UFPR)
Prof.ª Dr.ª Leozenir Mendes Betim (FASF)
Prof.ª Dr.ª Lucimara Glap (FCSA)
Prof.ª Dr.ª Maria Auxiliadora de Souza Ruiz (UNIDA)
Prof.º Dr. Milson dos Santos Barbosa (UniOPET)
Prof.ª Dr.ª Pauline Balabuch (FASF)
Prof.ª Dr.ª Rosângela de França Bail (CESCAGE)
Prof.º Dr. Rudy de Barros Ahrens (FASF)
Prof.º Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares (UFPI)
Prof.ª Dr.ª Silvia Aparecida Medeiros Rodrigues (FASF)
Prof.ª Dr.ª Sueli de Fátima de Oliveira Miranda Santos (UTFPR)
Prof.ª Dr.ª Tássia Patricia Silva do Nascimento (UEA)
Prof.ª Dr.ª Thaisa Rodrigues (IFSC)

© 2025 - AYA Editora

O conteúdo deste livro foi enviado pelos autores para publicação em acesso aberto, sob os termos e condições da Licença de Atribuição Creative Commons 4.0 Internacional (**CC BY 4.0**). Este livro, incluindo todas as ilustrações, informações e opiniões nele contidas, é resultado da criação intelectual exclusiva dos autores. Estes detêm total responsabilidade pelo conteúdo apresentado, que reflete única e inteiramente sua perspectiva e interpretação pessoal.

É importante salientar que o conteúdo deste livro não representa, necessariamente, a visão ou opinião da editora. A função da editora foi estritamente técnica, limitando-se aos serviços de diagramação e registro da obra, sem qualquer influência sobre o conteúdo apresentado ou as opiniões expressas. Portanto, quaisquer questionamentos, interpretações ou inferências decorrentes do conteúdo deste livro devem ser direcionados exclusivamente aos autores.

I56 Iniciação científica no ensino médio [recurso eletrônico]. / Fabiana Perpétua Ferreira Fernandes, Flávia Motta de Paula Galvão (organizadoras) -- Ponta Grossa: Aya, 2025. 143 p.

v.5

Inclui biografia

Inclui índice

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN: 978-65-5379-848-9

DOI: 10.47573/aya.5379.2.483

1. Pesquisa – Resumos. 2. Pesquisa – Congressos. 3. Ensino médio. 4. Educação sexual para adolescentes – Congressos. I. Fernandes, Fabiana Perpétua Ferreira. II. Galvão Flávia Motta de Paula. III. Título

CDD:001.42

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Bruna Cristina Bonini - CRB 9/1347

International Scientific Journals Publicações de Periódicos e Editora LTDA AYA Editora©

CNPJ: 36.140.631/0001-53

Fone: +55 42 3086-3131

WhatsApp: +55 42 99906-0630

E-mail: contato@ayaeditora.com.br

Site: <https://ayaeditora.com.br>

Endereço: Rua João Rabello Coutinho, 557
Ponta Grossa - Paraná - Brasil
84.071-150

SUMÁRIO

Prefácio	10
-----------------------	-----------

01

Desmistificar e Conscientizar Sobre Educação Sexual na Escola: Uma Ação Necessária	13
---	-----------

Luana Maria Lacerda de Sousa

Fabiana Perpétua Ferreira Fernandes

DOI: 10.47573/aya.5379.2.483.1

02

Um Olhar Discursivo do Documentário o Dilema das Redes	29
---	-----------

Juliana Rocha Oliveira

Flávia Motta De Paula Galvão

DOI: 10.47573/aya.5379.2.483.2

03

Préverter: Subversão e Resistência	45
---	-----------

Luma Talia Guimarães Miranda Monteiro

Silvana Matias Freire

DOI: 10.47573/aya.5379.2.483.3

04

Concepção da Natureza Humana: Uma Análise da História de Anakin Skywalker e a Filosofia Rousseauiana62

Evelyn Rayane Alves Ribeiro

Evandson Paiva Ferreira

DOI: 10.47573/aya.5379.2.483.4

05

Discurso de Ódio e Cyberbullying no League of Legends79

Dmitri Lavrinha Simões

Allysson Fernandes Garcia

DOI: 10.47573/aya.5379.2.483.5

06

Maternidade no Cárcere: A Trajetória da Maternidade no Sistema Penitenciário Brasileiro da Atualidade....96

Isabela Gomes Correia

Sirlene Terezinha de Oliveira

DOI: 10.47573/aya.5379.2.483.6

07

Representações Discentes Sobre a Educação para as Relações Étnico-Raciais no CEPAE-UFG108

Julia Mota de Oliveira
Danilo Rabelo

DOI: 10.47573/aya.5379.2.483.7

08

**Da Lepra Medieval à Hanseníase Contemporânea:
Uma Análise Histórico-Artística.....125**

Lavínia Maria da Silva Vargas
Roberta Carvalho Cruvinel

DOI: 10.47573/aya.5379.2.483.8

Organizadoras135
Índice Remissivo136

PREFÁCIO

A formação científica torna-se também formação educativa, quando se funda no esforço sistemático e inventivo de elaboração própria, através da qual se constrói um projeto de emancipação social e se dialoga criticamente com a realidade. Predomina entre nós a atitude do imitador, que reproduz e faz prova. Deveria impor-se a atitude de aprender pela elaboração própria, substituindo a curiosidade de escutar pela de produzir. (...) Em termos cotidianos, pesquisa não é ato isolado, intermitente, especial, mas atitude processual de investigação diante do desconhecido e dos limites que a natureza e a sociedade nos impõem. (...) Conhecimento é processo diário, como a própria educação, que não começa nem acaba (Demo, 2011, p. 10 e 16).

O Volume 5 da coleção ***Iniciação Científica no Ensino Médio*** apresenta oito artigos de discentes e docentes do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, da Universidade Federal de Goiás, resultantes das pesquisas realizadas na disciplina de Trabalho de Conclusão do Ensino Médio (TCEM). A disciplina de TCEM tem como objetivo propiciar um espaço para as práticas de iniciação científica na educação básica e incentivar o letramento acadêmico no contexto escolar. As pesquisas apresentadas neste volume foram realizadas entre os anos de 2019 e 2024.

O capítulo 1 – **Desmistificar e conscientizar sobre educação sexual na escola: uma ação necessária** – apresenta uma discussão sobre a relevância da educação sexual no contexto escolar, dado que muitos jovens não se sentem esclarecidos sobre os processos que envolvem o corpo e a sexualidade. O estudo foi realizado com a participação de estudantes do Ensino Médio de uma escola pública, sendo observado que as atividades sobre educação sexual não são frequentes neste espaço escolar, pois muitos são os equívocos presentes no imaginário social que confundem “educação sexual” com “iniciação sexual”.

A pesquisa apresentada no capítulo 2 – **Um olhar discursivo do documentário Dilema das Redes** – faz uma análise interpretativa de como as redes sociais estão presentes na vida das pessoas e quais as representações discursivas que engendram essa prática, além de buscar ampliar as possibilidades de leitura e interpretação textual. A investigação revelou que a obra de fato possui conteúdo relevante e pode contribuir para a compreensão da influência das redes na formação de opiniões, narrativas e consequentes impactos nas relações sociais contemporâneas.

No capítulo 3 – **Prévert: subversão e resistência** – foram analisados poemas de Jacques Prévert que abordam, principalmente, temáticas recorrentes do contexto escolar. Entre as críticas apresentadas, a que mais se destaca é a forma de organização e funcionamento das instituições escolares. Percebe-se que esse modelo de escola tradicional, padronizada, disciplinar e repleta de conteúdos gera insatisfação e monotonia, refletindo na postura dos estudantes durante as demandas de sala de aula.

Discussões sobre a natureza humana são apresentadas no capítulo 4 – **A concepção da natureza humana: uma análise da história de Anakin Skywalker e a filosofia rousseauiana** – tendo como base a história de Anakin Skywalker, da saga Star Wars e sua transição/transformação em Darth Vader, considerado um dos maiores vilões do cinema. Foi realizada uma pesquisa de cunho bibliográfico, considerando a filosofia rousseauiana, buscando entender os fatores sociais que moldam o caráter do sujeito. Como resultado, foi observado que a maldade não é inata, os sujeitos constituem sua moral e suas ideias ao longo da vida, a partir das interações realizadas em diferentes contextos.

No capítulo 5 – **Discurso de ódio e cyberbullying no League of Legends** – são abordados os aspectos referentes ao cyberbullying e o discurso de ódio em jogos online. Frente às análises realizadas, percebe-se certa naturalização das práticas violentas, provavelmente relacionadas à homogeneidade da comunidade de jogadores.

Já o capítulo 6 – **Maternidade no cárcere: a trajetória da maternidade no sistema penitenciário brasileiro da atualidade** – discute sobre a situação de mães carcerárias, pesquisando o que a legislação vigente rege e o que de fato acontece com essas mulheres e seus filhos. Por meio das análises, dados alarmantes foram encontrados: a falta de amparo por meio da assistência pública; o descaso da saúde desde consultas médicas negadas durante o pré-natal; a violência obstétrica; o maltrato durante seu puerpério; a convivência dessas crianças com as outras presidiárias; o abandono familiar; e a separação entre mães e filhos.

O capítulo 7 – **As representações discentes sobre a educação para as relações étnico-raciais no Cepae-UFG** – mostra a forma como a desigualdade étnica racial (que leva em consideração aspectos físicos, como a cor da pele, ascendência, origem étnica ou nacional) interfere na educação para as relações étnico-raciais no contexto escolar, mais especificamente no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE).

Para finalizar, o capítulo 8 – **Da lepra medieval à hanseníase contemporânea: uma análise histórico-artística** – apresenta um estudo sobre o imaginário medieval em relação à lepra, considerando a forma como a sociedade e a igreja reagiam, bem como as formas de representação da doença em obras de arte. Os dados da pesquisa indicam que a igreja e seus fiéis acreditavam que os leprosos eram pecadores, sendo a infecção uma forma de punição, de castigo divino e que necessitava de isolamento.

Esperamos que esta coleção contribua para reflexões significativas sobre a relevância de práticas de iniciação científica na educação básica.

Ótima leitura!

Fabiana Perpétua Ferreira Fernandes

Flávia Motta de Paula Galvão



Desmistificar e Conscientizar Sobre Educação Sexual na Escola: Uma Ação Necessária

Luana Maria Lacerda de Sousa

Discente egressa (2022) do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE/UFG), estudante do Curso de Direito (PUC/Goias).

Fabiana Perpétua Ferreira Fernandes

Docente Adjunta do Departamento de Língua Estrangeira – Espanhol do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE/UFG).

Resumo: A educação sexual na escola é uma ação necessária para desmistificar as crenças criadas sobre o assunto e conscientizar os jovens sobre os processos pertinentes à sua sexualidade. O tema foi escolhido como foco de pesquisa para o Trabalho de Conclusão do Ensino Médio (TCEM) por sua importância social, pois acreditamos que muitos jovens não se sentem esclarecidos sobre os seus corpos e os processos que envolvem a sexualidade. Embora tenham acesso fácil à informação, muitos jovens não estão ou não buscam estar informados. Outro fator preocupante é a ausência de diálogo entre eles e suas famílias, fato que influencia na falta de orientação sobre este tema. Além disso, é importante enxergar o termo “educação sexual” como um processo pedagógico, visando formar adolescentes e futuros adultos com comportamentos e atitudes responsáveis e com autonomia e entendimento para tomarem suas próprias decisões. Nesse sentido, o problema de pesquisa que norteou o presente estudo foi: Qual a opinião de estudantes do EM, de uma escola pública federal de Goiânia, sobre a abordagem da temática educação e sexualidade no contexto escolar? O objetivo geral do estudo foi identificar os entendimentos e as opiniões de estudantes do Ensino Médio (EM), de uma escola pública federal de Goiânia, sobre educação e sexualidade no contexto escolar. Já como objetivos específicos, tivemos: definir os diferentes conceitos que são utilizados para o termo “educação sexual”; identificar as crenças e preconceitos que ainda são presentes no imaginário social; e elencar possíveis formas de abordar a temática no contexto escolar. Para a realização da pesquisa, optamos pelo estudo de caso, selecionamos uma escola pública e convidamos estudantes do Ensino Médio para participar de forma voluntária. Como instrumento de pesquisa, elaboramos um questionário virtual sobre o tema educação sexual na escola. Após a finalização do estudo, percebemos que ainda existe uma barreira para o desenvolvimento de atividades sobre educação sexual no contexto escolar por ser compreendido como sinônimo de “iniciação sexual”. Vale ressaltar que desenvolver atividades que abordam a educação sexual é um processo pedagógico, de extrema importância para a formação dos estudantes, e que não deve ser tratado apenas como uma questão biológica ou anticonceptiva, mas como um processo social e natural.

Palavras-chave: iniciação científica; educação sexual; contexto escolar; conscientização.

INTRODUÇÃO

Falar sobre sexualidade no contexto escolar ainda é um tabu. Percebemos que há uma confusão entre educar para sexualidade e incentivar o início precoce das relações sexuais, argumento utilizado por muitos pais ao repudiar as iniciativas de educação sexual no contexto escolar. De acordo com Vilelas-Janeiro (2008) e Saito e Leal (2000) afirmam que a escola é o espaço de formação dos indivíduos e tem o compromisso de desenvolver a cidadania, o respeito, o autocuidado e o

cuidado com o outro. Nesse sentido, a educação sexual na escola é uma ação necessária para desmistificar as crenças criadas sobre o assunto, bem como para conscientizar os jovens sobre os processos pertinentes à sua sexualidade.

Este tema foi escolhido como foco de pesquisa para o Trabalho de Conclusão do Ensino Médio (TCEM), do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE), devido à sua relevância social. Acreditamos que muitos jovens não se sentem esclarecidos sobre os seus corpos e os processos que envolvem a sexualidade. As vivências cotidianas e a percepção pessoal das dúvidas que surgem sobre o corpo são inúmeras e diversas, mesmo que se tenha acesso fácil à informação (internet, revistas, televisão, redes sociais), pois muitos jovens não estão ou não buscam estar informados. Outro fator preocupante é a ausência de diálogo entre eles e suas famílias, fato que influencia na falta de orientação sobre o tema.

A presente pesquisa tem como objetivo geral identificar os entendimentos e as opiniões de estudantes do Ensino Médio (EM), de uma escola pública federal de Goiânia, sobre educação e sexualidade no contexto escolar. Os objetivos específicos são: definir os diferentes conceitos que são utilizados para o termo “educação sexual”; identificar as crenças e preconceitos que ainda são presentes no imaginário social; e elencar possíveis formas de abordar a temática no contexto escolar.

Como problema de pesquisa, apresentamos: Qual a opinião de estudantes do EM, de uma escola pública federal de Goiânia, sobre a abordagem da temática educação e sexualidade no contexto escolar? Para auxiliar na realização do estudo, elaboramos as demais questões de pesquisa: Quais são os conceitos atribuídos ao termo “educação sexual”? Quais as crenças e os preconceitos presentes no imaginário social quando se fala em educação sexual na escola? De que forma a temática de estudo pode ser desenvolvida no contexto escolar?

Para a realização da pesquisa, optamos pelo estudo de caso, selecionamos uma escola pública federal localizada em Goiânia e convidamos estudantes do Ensino Médio para participar da pesquisa de forma voluntária. Como instrumento de pesquisa, elaboramos um questionário virtual sobre o tema educação sexual na escola. Após, analisamos os questionários, montamos gráficos e estabelecemos um diálogo com os autores estudados.

EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA: CONTEXTO HISTÓRICO

A Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), defende a educação sexual como tema importante nas políticas educacionais do Brasil, e explica que a partir da década de 1980 surgiu um conjunto de mudanças sociais decorridas da instalação do processo democrático, tendo a Constituição Federal de 1988 como um marco para uma noção inclusiva e diversificada de cidadania no país. Neste novo plano de sociedade é reconhecida a importância da educação para atingir os objetivos de justiça e igualdade.

Assim, de acordo com a UNESCO (2013), em 1990 houve uma promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), reforçando a regulamentação dos direitos das crianças e jovens a educação e proteção do Estado. Em 1996, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), versão utilizada na atualidade, é atribuído um papel de destaque para o sistema educacional e formaliza as necessidades de transformação do ambiente escolar em um espaço de reflexão e formação para a cidadania.

Em 1997, com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), aconteceu a primeira e mais significativa iniciativa do Governo Federal para a inclusão da sexualidade como tema legítimo a ser debatido nas escolas. Não foi proposta uma disciplina de “educação sexual”, mas foi indicado que o tema deveria fazer parte dos conteúdos ou temáticas desenvolvidas nas diversas disciplinas escolares.

Com base nos dados levantados pela UNESCO (2013), no ano de 2003, foi lançado o Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE), com foco na discussão sobre saúde e prevenção das infecções sexualmente transmissíveis (IST), o qual é considerado o principal projeto proposto pelo Governo, na década de 2000 que trata da temática educação sexual. Com esse projeto, fica claro que falar sobre sexualidade, saúde e cuidados com o corpo não é estimular as relações sexuais precoces, mas ensinar e informar milhões de jovens que não têm acesso à informação ou espaço de diálogo fora da escola. O Programa Brasil Sem Homofobia também é outro exemplo de iniciativa governamental que usa a educação como estratégia para combater a discriminação (UNESCO, 2013).

Apesar das transformações sociais observadas, a maioria das iniciativas escolares de abordar a educação sexual estão focadas no aspecto biológico e científico do corpo, pois falar sobre corpo e sexualidade continua sendo um tabu em muitas instituições de ensino (UNESCO, 2013). Um dos fatos que influencia nessa opção é pressão social, principalmente pelas famílias, as quais ainda acreditam que esse tema não é pertinente para o contexto escolar. O mito de que educação sexual é incentivo ao ato sexual precoce, infelizmente, segue no imaginário de muitos pais.

A UNAIDS - Programa das Nações Unidas criado em 1996 e que tem a função de criar soluções e ajudar nações no combate à AIDS – tem como princípio de que a educação sexual deve ser um programa de ensino sobre os aspectos cognitivos, emocionais, físicos e sociais que envolvem a sexualidade (Souza, 2011; Sousa Neto, 2012). Seu objetivo é propiciar que crianças e jovens tenham acesso ao conhecimento, as habilidades, as atitudes e aos valores necessários para vivenciar sua saúde, bem-estar e dignidade. Com isso, eles aprendem a desenvolver relacionamentos sociais e sexuais respeitosos, a considerar como suas escolhas afetam o seu bem-estar e o dos outros, a entender e a garantir a proteção de seus direitos ao longo da vida.

DESMISTIFICANDO O CONCEITO DE EDUCAÇÃO SEXUAL

Conforme Maia e Ribeiro (2011), desde os primeiros espaços de discussão sobre a temática existe uma divergência sobre o termo mais adequado a ser utilizado. Na década de 1990, quando começam a ser realizadas ações para tratar de sexualidade na escola, o termo utilizado era “orientação sexual”, mas não havia uma unanimidade entre os especialistas em educação. A partir dos anos 2000 começa a ser utilizado o termo “educação sexual”, causando discussões e entendimentos equivocados sobre seus objetivos. Em 2010, surge um novo termo “educação para a sexualidade”, mas assim como o anterior não foi adaptado ou utilizado em todos os âmbitos.

Apesar das divergências, o termo “educação sexual” foi assumindo uma posição de maior aceitação entre os demais, defendido principalmente pelo fato de demonstrar que se trata de uma ciência da educação, de um campo de intervenção pedagógica, como explicam Reis e Vilar (2004) e Martins e Souza (2013). Com isso, entende-se que a educação sexual na escola deve ser um processo intencional, planejado e organizado que vise proporcionar conhecimento, reflexão e desenvolvimento de uma cidadania ativa. Além disso, a intervenção deverá sempre ser feita por profissionais formados e capacitados (Maia; Ribeiro, 2011).

A sexualidade humana é composta por fatores biológicos, psicológicos e sociais. Sendo assim, a educação sexual é um processo constituído a partir de elementos básicos como os valores, comportamentos e atitudes ligadas à sexualidade que acompanham cada pessoa desde seu nascimento. No entanto, Saito e Leal (2000), Cunha e Lima (2013) e Martins e Souza (2013) afirmam que as atividades voltadas para a educação sexual devem ter planejamento, organização, metodologia e didática adequada, já que somente assim poderão ensinar, informar, refletir e questionar valores e concepções estabelecidas a cada um de acordo com suas vivências. Como um processo pedagógico, a educação sexual busca uma formação sobre sexualidade e o que dela é decorrente.

Embora a educação sexual possa ser realizada em diferentes instituições, como ambulatórios e postos de saúde, sindicatos, fábricas, universidades, consideramos que a escola é o espaço mais propício para realizá-la, primeiro porque se começa a frequentar a escola já com seis anos de idade, e, idealmente, espera-se que o indivíduo nela permaneça até os dezoito anos, quando termina o Ensino Médio. Segundo porque a escola tem por função social a transmissão do saber historicamente acumulado e de sua dimensão ético-política (Maia; Ribeiro, 2011, p.78).

Sendo assim, a escola é o espaço mais apropriado para realizá-la, considerando que tem por função compartilhar saberes, discutir temáticas do cotidiano, esclarecer, informar, propor debates e formar para cidadania. Maia e Ribeiro (2011), Souza (2011) e Sousa Neto (2012) afirmam que a educação sexual nas escolas deve ter como uma visão ampla de sexualidade, levando em consideração a diversidade de

comportamentos sexuais e de valores a eles associados, fornecendo informações e espaços para realizarem reflexões e questionamentos sobre sua sexualidade.

A educação sexual deve dar destaque ao aspecto social e cultural trabalhando os indivíduos em suas pluralidades e enquanto coletivo, assim formando um projeto educativo que exerça uma ação ligada à vida, saúde, segurança e bem-estar de cada pessoa, como defendem Saito e Leal (2000) e Maia e Ribeiro (2011). Enquanto processo pedagógico, a educação sexual deve apresentar não só temáticas preventivas (saúde sexual e reprodutiva), mas também discussões sobre relacionamentos sociais (cidadania, direitos humanos e respeito à diversidade sexual).

Conforme Sousa Neto (2012) e Cunha e Lima (2013), ao defender a educação sexual no contexto escolar buscamos educar, informar e formar indivíduos conscientes, responsáveis e cuidadosos consigo e com os outros. Para isso, é importante não limitar a educação a reprodução ou ao uso de preservativos, mas nas ações de cada um, no que diz respeito à cidadania, compromisso e respeito com as decisões dos indivíduos.

A educação sexual é um processo e por isso é necessário que haja uma reflexão e que se respeite cada faixa etária e seus fatores de riscos. Vale ressaltar a importância de desmistificar a sexualidade em todos seus âmbitos, como esclarecem Saito e Leal (2000, p. 45): “é igualmente importante não encarar a sexualidade como sinônimo de sexo ou atividade sexual, mas, sim, como parte inerente do processo de desenvolvimento da personalidade”.

Um dos fatores que dificultam a prática e desenvolvimento da educação sexual é que muitos pais constroem e passam para os filhos a ideia de assexuados, ou seja, tornando o assunto como algo “sujo”, inapropriado, proibido e constrangedor. Maia e Ribeiro (2011) reforçam as ideias defendidas por Saito e Leal (2000), ao explicar que esse posicionamento gera contradições e uma visão equivocada e fechada sobre a sexualidade. Embora o tema seja evitado pelas famílias, seus filhos têm constante contato por meio de novelas, filmes e redes sociais.

As abordagens sobre a educação sexual ainda são poucas e vagas, na maioria das famílias não se tem espaço e liberdade para esses diálogos. Na escola, quando abordado, costuma estar relacionado aos aspectos biológicos, como se a sexualidade se resumisse a reprodução. Este tema é indispensável para a formação integral do adolescente e para prevenção de fatores de riscos como: gravidez precoce, infecções sexualmente transmissíveis, abuso sexual, violência física e moral, entre outros.

EDUCAÇÃO SEXUAL: UMA AÇÃO NECESSÁRIA

Para uma ação eficaz de educação sexual é preciso que use de critérios morais de proteção ao indivíduo, sua saúde e sua vida. Dessen e Polonia (2007) e Dias (2010) defendem que na atualidade não é mais aceitável que as escolas desenvolvam ações de educação sexual voltadas somente para o aspecto biológico

e o uso de preservativos. É urgente manter uma parceria entre as famílias e as escolas, bem como utilizar as fontes informativas como ferramentas pedagógicas, auxiliando os adolescentes na tomada de decisões adequadas para suas vidas.

Em 2013, a UNESCO publica as “Orientações Técnicas de Educação em Sexualidade para o Cenário Brasileiro”, apresentando tópicos e objetivos de aprendizagem de acordo com cada nível de ensino. Os tópicos foram elaborados a partir da visão de que a escola representa o espaço para a construção de conhecimentos e busca respeitar à diversidade humana, além de não ser um lugar apenas de “transmissão” de saberes (como costuma ser visto), mas também como um ambiente onde os valores e atitudes diários são muito importantes em sua formação integral, concepção já defendida por Saito e Leal (2000), Dessen e Polonia (2007) e Dias (2010).

O material foi destinado aos programas de educação em sexualidade, tendo como público-alvo crianças e adolescentes, entre 5 e 18 anos, nos níveis de educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. Vale ressaltar que não é exigido o domínio, por parte dos professores, de todos os tópicos a serem abordados, mas sim um nível de “conforto e confiança” para a realização dessas iniciativas, assim os profissionais podem trabalhar junto com seus alunos de forma mais interativa.

É também importante lembrar que instituições internacionais, governamentais e não governamentais que trabalham com educação em sexualidade nas escolas brasileiras entendem que resultados importantes são obtidos sempre que as atividades com a temática da sexualidade forem associadas a alguma disciplina curricular ou por meio de um projeto específico (UNESCO, 2013, p.6).

No documento “Orientações Técnicas de Educação em Sexualidade para o Cenário Brasileiro” os temas a serem abordados foram divididos em conceitos-chave, os quais apresentam tópicos e objetivos de aprendizagem distribuídos ao longo das faixas etárias. Os conceitos-chave são: relacionamentos, valores, atitudes e habilidades, cultura, sociedade e direitos humanos, desenvolvimento humano, comportamento sexual, saúde sexual e reprodutiva e as propostas de tópicos de aprendizagem seguem abaixo:

Quadro 1- Conceitos-chave e tópicos proposto.

Conceitos-chave	Tópicos de aprendizagem
1. Relacionamentos	Famílias Amizade, amor e relacionamentos Respeito, tolerância e solidariedade Namoro, casamento, união estável, filhos e relacionamentos eventuais
2. Valores, atitudes e habilidades	Valores, atitudes e referências de aprendizado em sexualidade Normas e influência dos pares sobre o comportamento sexual
3. Cultura, sociedade e direitos humanos	Sexualidade, cultura e direitos humanos Sexualidade e mídia A construção social do gênero Violência de gênero, abuso sexual e práticas prejudiciais
4. Desenvolvimento humano	Anatomia e fisiologia sexual e reprodutiva Reprodução Puberdade Imagem corporal Privacidade e integridade corporal
5. Comportamento sexual	Sexo, sexualidade e o ciclo de vida sexual Comportamento sexual
6. Saúde sexual e reprodutiva	Saúde reprodutiva Entender, reconhecer e reduzir o risco de DST, inclusive o HIV Estigma, tratamento, assistência e apoio às pessoas vivendo com HIV e aids

Fonte: Orientações Técnicas de Educação em Sexualidade para o Cenário Brasileiro, (UNESCO, 2013, p. 14-15).

Cada tópico está vinculado a objetivos de aprendizagem específicos e direcionado a cada nível e faixa etária determinada conforme a proposta do documento. Os níveis e idades contempladas são: nível 1 (5 a 8 anos), nível 2 (9 a 12 anos), nível 3 (12 a 15 anos) e nível 4 (15 a 18 anos).

Buscando demonstrar como essas iniciativas poderiam acontecer na prática, o documento apresenta a seguinte situação: se o conceito-chave 1 (relacionamentos) for o escolhido junto com o tópico de aprendizagem (família) e o nível 1 (5 a 8 anos), o tópico de aprendizagem para esse nível e faixa etária poderia ser definir o conceito de família, apresentando exemplos de diferentes tipos de estruturas familiares, as ideias principais para desenvolvimento em sala de aula poderiam basear-se nas pessoas que fazem parte da família, cuidam uns dos outros e que a composição das famílias mudam ao longo do tempo (UNESCO, 2013).

A partir dessa seleção, além das discussões em sala de aula, os estudantes poderiam assistir a filmes, jogar, desenhar, pintar, escrever relatos ou utilizar outras técnicas que promovam o conhecimento, o desenvolvimento humano e o diálogo. Essa é apenas uma das muitas possibilidades a serem realizadas na prática, sempre adaptando e respeitando cada nível, faixa etária e fase da vida, bem como a escola, os alunos, os professores e seus contextos.

METODOLOGIA

A pesquisa foi estruturada em três etapas: elaboração do projeto de pesquisa e apresentação na I Roda de Conversa sobre TCEM (realizada no 1º ano do EM, 2020); redação do resumo expandido e apresentação no 18º Conpeex (realizada no 2º ano do EM, 2021); apresentação da pesquisa no VII Seminário de TCEM e no 19º Conpeex, finalização e defesa do TCEM (realizada no 3º ano do EM, 2022). No último ano, além das apresentações em eventos, finalizamos o levantamento bibliográfico, elaboramos um questionário virtual e disponibilizamos para todos os estudantes do EM do CEPAE. Realizamos a análise, finalizamos a escrita do trabalho e passamos para a etapa de defesa.

Para dar início ao estudo de caso, entramos em contato com uma escola pública federal situada na cidade de Goiânia/GO, solicitamos permissão para a realização da pesquisa, entramos em contato com estudantes dos três anos do Ensino Médio e convidamos a participar como voluntários por meio de um termo de consentimento. Logo, disponibilizamos o questionário virtual, composto por dez (10) questões mistas (5 objetivas e 5 dissertativas), durante um período de dois meses. Conseguimos somente vinte e sete (27) participantes entre os cento e sessenta e oito (168) matriculados no ano de 2022. Acreditamos que muitos não se sentem dispostos a participar de pesquisas, principalmente quando há questões dissertativas. Cada participante foi citado pela sigla E mais uma sequência numérica de ordem de participação, por exemplo: E1, E11, E27.

Optamos pelo estudo de caso porque, segundo Vieira (2010) e Severino (2013), seleciona espaços e sujeitos pertencentes a contextos específicos, únicos, que não podem ser generalizados. Com isso, as respostas obtidas configuram a opinião desse grupo de estudantes, pertencentes a três (3) séries e seis (6) turmas diferentes. A coleta dos dados foi feita em condições naturais, sem intervenção ou manuseio por parte da pesquisadora.

ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO

Questionário Virtual

Foram recebidos vinte e sete (27) questionários ao final do período destinado à realização desta etapa da pesquisa. A primeira questão era para identificar a série cursada pelos alunos participantes da pesquisa. A partir das respostas, identificamos que a maioria dos participantes são estudantes do 3º ano do ensino médio, somando (70,4%), como podemos verificar abaixo:

Gráfico 1 - Série.

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Na segunda questão, buscamos identificar a idade dos alunos e obtivemos como resposta que a grande maioria (40,7%) tem 17 anos, seguidos por 18,5% de estudantes com 18 e 19 anos, e em menor quantidade (11,1%) com 15 e 16 anos.

Gráfico 2 - Idade.

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Na terceira questão (Como você define o termo “educação sexual?”), o objetivo foi identificar como os alunos participantes da pesquisa definem o termo “educação sexual”, ou seja, se eles apresentam discernimento e sabem conceituar o termo. Identificamos os estudantes como estudante (E) e uma sequência numérica de acordo com a ordem de respostas. Retiramos alguns trechos das respostas:

Quadro 1 - Respostas da questão 3.

E6: "Eu defino como um estudo sobre a anatomia de certas partes de nosso corpo".

E9: "Explicar tudo que envolve sexo"

E10: "Aprendizado sobre o próprio corpo, seus limites e do outro, prevenção, doenças, etc".

E15: "Conscientização sobre temáticas sexuais como consentimento ou métodos contraceptivos ou prevenção doenças".

E19: "Acredito que seja uma disciplina voltada para assuntos pessoais que os adolescentes precisam entender desde cedo, mas que são muito evitados pelos pais e pela nossa sociedade em geral, como a sexualidade, gênero, sexo, etc".

E20: "É um ensino que prepara os jovens para uma vida sexual de forma segura, respeitando a faixa etária".

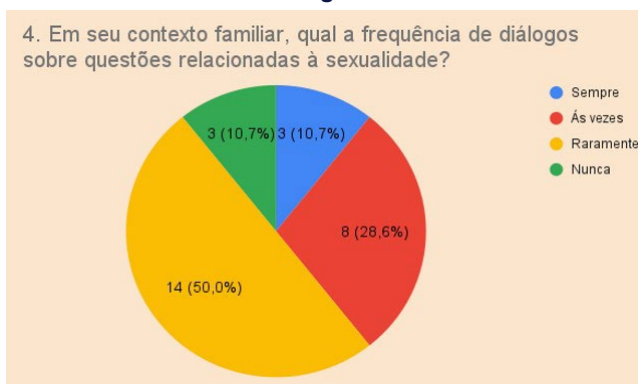
E25: "Como uma coisa que não é falado muito em escolas e no dia a dia por vergonhas".

E26: "Educação sexual é um ensino onde vai te auxiliar, ajudar a se relacionar e se for preciso se defender aos problemas sexuais que existem".

Fonte: autoria própria.

Diante das respostas, percebemos que apesar do assunto ainda ter pouco espaço para discussão no contexto escolar, a grande maioria dos estudantes apresentam uma compreensão significativa acerca do termo "educação sexual", citam possíveis temáticas para discussão e relevância para a aprendizagem sobre questões do cotidiano. Por outro lado, alguns também parecem ter essa ideia de que a educação sexual está voltada para questões sexuais ou biológicas, como os participantes E6 e E9. A partir das respostas, acreditamos que é de extrema importância desmistificar a sexualidade como somente sinônimo de relações sexuais e questões biológicas e fortalecer os demais aspectos, como já defendiam Saito e Leal (2000), Dessen e Polonia (2007) e Dias (2010).

A quarta questão teve como objetivo identificar qual a frequência das conversas relacionadas à sexualidade no contexto familiar.

Gráfico 3 - Diálogo com a família.

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Diante das respostas, observamos que a minoria dos estudantes tem espaço de diálogo sobre sexualidade no contexto familiar, apenas 10,7% dos participantes. Por outro lado, 50% raramente consegue conversar sobre o tema com sua família. Esses resultados vão ao encontro dos estudos de Saito e Leal 2000, os quais defendem que um dos fatores que dificultam a prática e o desenvolvimento de atividades voltadas à educação sexual na escola são os pais, pois não acreditam na importância de abrir um espaço de discussão e esclarecimento para os jovens.

Nas questões 5 e 6, verificamos a frequência dos diálogos sobre questões relacionadas à sexualidade no círculo de amigos e na escola dos alunos participantes da pesquisa. Os resultados seguem nos gráficos abaixo:

Gráfico 4 - Diálogo com amigos.

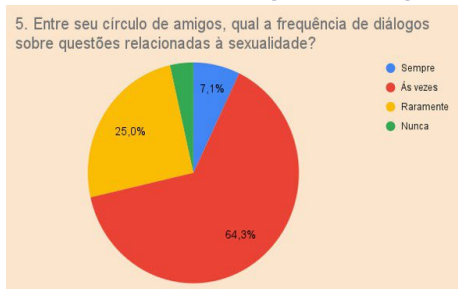


Gráfico 5 - Diálogo na escola.



Fonte: elaborados pela pesquisadora.

Observamos nas respostas contidas no Gráfico 4 que mesmo entre o círculo de amigos o assunto é abordado somente “às vezes”, gerando 64% de respostas para esta opção. O mesmo acontece na escola em relação a esta opção (46%), ou seja, a maioria dos participantes. O que preocupa é que 25% dos participantes apontam que “raramente” têm essa conversa com seus amigos e 39% também marcaram a mesma questão ao abordar o contexto escolar. Esse resultado reafirma a necessidade de abrir espaço para educação sexual nas aulas, pois é a possibilidade de discussão e esclarecimento sobre os inúmeros aspectos que envolvem a sexualidade, proposta já defendida pela UNESCO desde 2013.

Na sétima questão (Imagine uma aula, palestra, seminário ou atividade que apresente como temática a “educação sexual”. Quais assuntos poderiam ser abordados a partir dessa temática?), o objetivo foi identificar o entendimento dos alunos participantes da pesquisa sobre os possíveis temas abordados na educação sexual, ou seja, se eles apresentam discernimento sobre o tema. Algumas respostas estão na sequência.

Quadro 2 - Respostas da questão 7.

E2: "Assédios para ambos os gêneros masculinos ou femininos, prevenções durante o ato sexual, coisas relacionadas ao corpo".

E4: "Como se prevenir de doenças e gravidez na adolescência. Como abordar tal assunto com os responsáveis. Anatomia básica."

E6: "gêneros, relações sexuais, prevenções contra DSTs, sentimentos".

E14: "Depende da faixa etária, mas assuntos como violência sexual, como respeitar o corpo do próximo - e o seu - e até mesmo coisas relacionadas a prazer, por que não?".

E18: "- Respeito ao próximo independentemente da sexualidade - As decisões da pessoa que é considera um LGBT - Evitar certos tipos de abusos ou ofensas sexuais - violência sexual - Como a Educação Sexual está sendo desenvolvida na atualidade?".

Fonte: autoria própria.

Diante das respostas, é possível observar que muitos dos estudantes têm clareza sobre as inúmeras possibilidades de temáticas para serem desenvolvidas durante as atividades escolares. No material organizado pela UNAIDS (2018), várias das sugestões dos estudantes estão presentes, confirmando que a escola realmente é este espaço de conscientização e discussão sobre a sexualidade.

Na oitava questão (Quais as aulas, projetos, eventos ou atividades você costuma ter em sua escola com a temática "educação sexual"? Qual a sua opinião sobre essas atividades?), buscamos identificar o contato dos alunos participantes da pesquisa com os temas abordados na educação sexual, ou seja, se eles apresentam familiaridade com o tema.

Quadro 3 – Respostas da questão 8.

E1: "Já tive algumas aulas de educação sexual e essas aulas são essenciais."

E2: "Já tive uma eletiva sobre a temática, entretanto a forma que foi abordado não foi convincente ou atrativa, dessa maneira acabou criando um desinteresse no tema, algo que infelizmente acontece, mesmo sendo uma questão de grande importância."

E5: "Não me recordo, mas o tema aparece a partir de conversas a fora dos assuntos propostos em sala. Acho que seja necessário a educação sexual, pois ela ajuda a evitar traumas, abusos e reforça a escola como um ponto de apoio e de aprendizado sobre conhecimentos gerais sobre a realidade."

E6: "Tive seminário e aula de biologia q falava sobre o sistema genital do homem e da mulher e eu acho super importante."

E14: "Eu já participei de algumas aulas de ciências que abordaram o assunto. Eu acho essas atividades extremamente importantes, pois os adolescentes que estão entrando na puberdade precisam ter acesso a informações como essa, caso se envolvam em um relacionamento."

E16: "Rodas de conversas são de certa forma frequentes no CEPAE, além do projeto iniciado com o intuito de auxiliar mulheres que tenham passado por um caso de assédio; acho atividades importantíssimas e de extrema importância para o meio ambiente acadêmico e social."

Fonte: autoria própria.

Os estudantes relataram algumas propostas de atividades que foram desenvolvidas a partir do tema sexualidade, seja nas aulas do currículo, em eletivas ou em projetos. Todos apontaram a importância de desenvolver essas discussões na escola, o que reforça os estudos dos autores utilizados nesta pesquisa, pois todos defendem a importância da educação sexual na escola.

Na nona questão (Para você, qual a relevância de abordar questões relacionadas à educação sexual ou sexualidade no contexto escolar? E quais assuntos específicos deveriam ser discutidos?), pensamos em identificar a opinião dos alunos participantes da pesquisa sobre a importância da educação sexual e os assuntos que podem ser abordados, ou seja, se eles se interessam sobre o tema. Percebemos que em respostas anteriores eles já responderam essa questão, provavelmente tenha ficado um pouco repetitivo, mas servirá como aprendizado para as próximas pesquisas.

Quadro 4 – Respostas da questão 9.

E6: "Para mim a relevância é para gente aprender a se conhecer melhor e como fazer o ato sexual. Os assuntos que eu acho que deveriam ser abordados seria prevenção, ou seja, como usar a camisinha, se precisa tomar anticoncepcional, pílula do dia seguinte, entre outros."

E7: "Acho que muitos alunos e alunas não têm uma conversa sobre isso em casa, com esse assunto transmitido na escola, é possível mostrar as prevenções, os perigos, mostrar claramente que este assunto, apesar de ser polêmico, é importante para todos e para a vida e seus sentimentos também, para compreendê-los."

E10: "Quando uma pessoa tem essas aulas ela é capaz de identificar se está sendo assediada e saberá a quem recorrer, se sua orientação sexual foge do "padrão" ela não precisa se culpar ou achar que é uma aberração, ajuda na prevenção de gravidez precoce. Assuntos como sexo, orientação sexual, doenças, limites."

E11: "A dica é tratar o assunto com naturalidade, dar informações corretas e ensinar desde cedo a proteger e ter autonomia sobre seu corpo. Já os jovens se sentem mais à vontade tirando dúvidas na escola. Esse é o local seguro para abordar temas como ISTs, gravidez, prevenção e consentimento."

E12: "A relevância de se abordar esses assuntos é conscientizar os jovens sobre o assunto que muitas vezes não é discutido e acaba gerando problemas como desinformação. Os assuntos que deveriam ser discutidos é o respeito ao outro, a quem procurar caso ocorra algum caso de assédio ou abuso, como se prevenir de DST, entre outras."

Fonte: autoria própria.

A partir das respostas, podemos observar que os estudantes possuem um entendimento significativo da importância da educação sexual na escola, reforçando a ideia de Maia e Ribeiro 2011, do princípio de que a educação sexual na escola deve ser um processo intencional, planejado e organizado que vise proporcionar ao aluno conhecimento, reflexão e desenvolvimento de uma cidadania ativa. Fica evidente a necessidade de abordar as questões de seu cotidiano e que costumam ser "vergonhosas" ou "constrangedoras" para a maioria. Embora os alunos tenham acesso à internet e meios de informação, parece que não costumam usar de maneira formativa, esperando que na escola encontrem este espaço de formação e esclarecimento.

Na décima questão (Quando você quer falar sobre questões relacionadas à sexualidade, quais meios ou pessoas procura? Por quê?), buscamos identificar a fonte que os alunos procuram quando têm dúvidas sobre o tema e o que leva a esta escolha. Seguem alguns trechos das respostas:

Quadro 5 – Respostas da questão 10.

E1: “procuo falar com amigos que tenham mais conhecimento sobre o assunto, para esclarecer dúvidas e aprender mais coisas sobre.”

E3: “Pais e amigos”

E4: “Eu falo com todos porque temos que parar com vergonha de falar de coisas importantes, em tão conversando com todos isso um dia vai acabar.”

E5: “Converso com minha mãe e meus irmãos, e eles sempre me auxiliam de tal forma, mas principalmente meus amigos e amigas, por serem pessoas que convivo TODOS os dias tenho certa facilidade em abordar assuntos “delicados”.”

E8: “Não procuro por pessoas, pois não é um assunto fácil pra mim. Procuro escutar quem saiba do assunto em momentos propícios, buscar informações na Internet ou raramente questionando professores ou pessoas que tenham conhecimento sobre o assunto. Mas somente em meio científico, que é o que eu consigo aturar. Porque se forma pessoa, é uma tortura.”

Fonte: autoria própria.

Diante das respostas podemos observar que existe um desamparo para os estudantes na hora de conversar sobre questões relacionadas à sexualidade, por isso a intervenção deverá sempre ser feita por profissionais formados e capacitados. É importante verificar que alguns defendem a conversa com a família e com os amigos, mas se retornamos nos gráficos 3, 4 e 5, percebemos que as respostas não seguiram essa mesma linha, pois a abertura para diálogo sobre sexualidade nesses dois grupos não foi representativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a finalização da pesquisa, podemos afirmar que em relação ao termo “educação sexual” opta-se por esta nomenclatura na maioria das pesquisas, pois é uma forma de mostrar que faz parte de um processo pedagógico. Esta abordagem visa uma formação específica e intencional sobre sexualidade e o que dela é decorrente: comportamentos e atitudes, ética e valores, práticas e concepções. No entanto, não é trocando o termo empregado que será mudado o ponto de vista ou a ideologia por trás da intervenção, da formação e da proposta da escola. O termo é uma questão técnica, o que realmente importa é uma prática efetiva.

A partir das leituras, é possível concluir que a educação sexual ainda é um assunto visto como tabu pelas famílias e por algumas escolas, tendo pouco espaço e incentivo para discussão e encaminhamento de propostas, o que dificulta a realização desse processo com maior efetividade. Entendemos que deve ser um processo pedagógico, focado não só no aspecto biológico, mas também como parte da formação pessoal e social dos indivíduos. É preciso tratar as relações

sociais tanto quanto os métodos contraceptivos ou os aspectos da reprodução, proporcionando espaços de discussão e reflexão sobre sexualidade no ambiente escolar.

É muito importante desmistificar e desassociar a educação sexual como sinônimo de incentivar as relações sexuais de forma precoce e entender que é um processo pedagógico, o qual visa uma formação humana, integral, preocupada com as problemáticas que podem ser vivenciadas pelos jovens. Além disso, fica evidente nas respostas dos participantes o desejo em aprender, em ter um espaço aberto para esclarecimentos, informações e acolhimento.

Esse trabalho contribuiu para minha formação integral, proporcionando uma iniciação e experiência científica, conhecimento mais específico sobre um tema que tem me interessado desde o ensino fundamental. Acredito que também poderá servir como fonte de pesquisa para estudantes que tenham interesse pelo tema, bem como para a gestão escolar que poderá utilizar o trabalho como mais um argumento em defesa da importância da educação sexual na escola.

REFERÊNCIAS

- CUNHA, Cristiane de Freitas; LIMA, Nádia Laguárdia de. **A escuta de adolescentes na escola: a sexualidade como um sintoma escolar**. Estilos da Clínica, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 508-517, 2013.
- DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. **A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano**. Paidéia, Ribeirão Preto, v. 17, n. 36, p. 21-32, 2007.
- DIAS, Fernanda Lima Aragão. **Riscos e vulnerabilidades relacionados à sexualidade na adolescência**. Revista Enfermagem UERJ, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 456-461, 2010.
- DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.
- FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação sexual: problemas de conceituação e terminologias básicas adotadas na produção acadêmico-científica brasileira**. Semina: Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v. 17, n. 3, p. 286-293, set. 1996.
- MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **Educação sexual: princípios para a ação**. Doxa, v. 15, n. 1, p. 75-84, 2011.
- MARTINS, Christine Baccarat de Godoy; SOUZA, Solange Pires Salomé de. **Adolescente e sexualidade: as possibilidades de um projeto de extensão na busca de uma adolescência saudável**. Avances en Enfermería, Bogotá, v. 31, n. 1, p. 170-176, 2013.
- REIS, Maria Helena; VILAR, Duarte. **A implementação da educação sexual na escola: atitudes dos professores**. Análise Psicológica, Lisboa, v. 22, n. 4, p. 737-745, 2004.

SAITO, Maria Ignez; LEAL, Marta Miranda. **Educação sexual na escola.** Pediatría, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 44-48, 2000.

SOUSA NETO, Ariel; SOUZA, Tássia Milenna Oliveira de; RISSATO, Ulysses Pavan; SOUZA, Priscila Moraes Galvão; BRITO, Paula Vieira Nunes; DYTZ, Jane Lynn Garrison. **Programa de educação pelo trabalho para a saúde nas escolas: oficina sobre sexualidade.** Revista Brasileira de Educação Médica, Rio de Janeiro, v. 36, n. 1, p. 86-91, 2012.

SOUZA, Vânia de. **Adolescentes em cena: uma proposta educativa no campo da saúde sexual e reprodutiva.** Revista da Escola de Enfermagem da USP, São Paulo, v. 45, n. 2, p. 1716-1721, 2011.

VIEIRA, José Guilherme Silva. **Metodologia de pesquisa científica na prática.** Curitiba: Fael, 2010.

VILELAS-JANEIRO, José Manuel da Silva. **Educar sexualmente os adolescentes: uma finalidade da família e da escola?** Revista Gaúcha de Enfermagem, Porto Alegre, v. 29, n. 3, p. 382-390, 2008.

UNESCO. **Orientações técnicas de educação e sexualidade para o cenário brasileiro.** Brasília: UNESCO, 2013



Um Olhar Discursivo do Documentário o Dilema das Redes

Juliana Rocha Oliveira

Discente do 2º ano do Ensino Médio no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE/UFG), bolsista de iniciação científica no âmbito do Programa de Iniciação à Pesquisa Científica, Tecnológica e em Inovação – PIBIC Jr./UFG (ICJr), edital PRPI Nº 01/2023, com bolsa da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Flávia Motta De Paula Galvão

Docente Adjunta do Departamento de Língua Portuguesa do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE/UFG).

Resumo: As redes sociais conquistaram um espaço significativo na vida cotidiana dos indivíduos. Entretanto, parte dos criadores evita o uso e, inclusive, recomendam o uso moderado pela possibilidade de problemas na área da saúde e indevida influência nas políticas de Estado. Para aprofundar neste contexto, o presente estudo analisa o documentário Dilema das Redes. Nesse sentido, nosso trabalho busca fazer uma análise interpretativa de como as redes sociais estão presentes na vida das pessoas e quais as representações discursivas que engendram essa prática, além de buscar ampliar as possibilidades de leitura e interpretação textual. A partir dos pressupostos da Análise de Discurso (Orlandi, 2005), investigamos o tema e os possíveis impactos citados por participantes da obra. Com base nessa perspectiva, a pesquisa volta-se para a descrição e a compreensão dos fatores linguísticos e ideológicos que estão presentes na materialidade discursiva. Por meio do questionamento “como esse texto significa”, compreendemos as relações em que sujeito e discurso encontram-se afetados por questões cuja compreensão superam o material linguístico. Parte do caminho percorrido pelo trabalho envolve levantamento bibliográfico, decupagem da obra, além da análise em si. A investigação revelou que a obra de fato possui conteúdo relevante e pode contribuir para a compreensão da influência das redes na formação de opiniões, narrativas e consequentes impactos nas relações sociais contemporâneas, como o fenômeno das bolhas de informação na internet definidas pela interação apenas com conteúdo que predominantemente reforçam crenças preexistentes, dificultando o diálogo e o entendimento mútuo entre diferentes grupos sociais.

Palavras-chave: redes sociais; análise de discurso; documentário; leitura e interpretação.

INTRODUÇÃO

Este trabalho situa-se no âmbito da leitura e da interpretação textual pelo viés da Análise de Discurso e visa a formar sujeitos capazes de trabalhar com os objetos teóricos e analíticos dessa área de conhecimento, por meio de uma pesquisa aplicada, que incide sobre a compreensão de práticas discursivas de campos de atividades humanas, a saber: as redes sociais a partir do documentário “Dilema das redes”.

É sabido que as redes sociais, na última década, ganharam espaço significativo na vida das pessoas, as quais despendem muito tempo no uso desses aplicativos, tais como Instagram, Facebook, WhatsApp, Twitter, TikTok, dentre outros. De acordo com pesquisa divulgada pelo Globo.com, em janeiro de 2022, as pessoas

no Brasil gastam em média 3 horas e 42 minutos por dia nas redes sociais, o que equivale a 56 dias por ano¹. Diante desse número alarmante, percebemos que, muitas vezes, alguns indivíduos têm passado muito tempo conectados, seja para trabalhar, compartilhar informações, postar fotos e, infelizmente, em alguns casos, para propagar notícias falsas e gerar pânico com a divulgação de materiais que disseminam o ódio pelas redes e, até mesmo, combinar e divulgar ações criminosas como as que ocorreram recentemente em algumas escolas brasileiras.

Nesse sentido, nosso trabalho busca, por meio do documentário, fazer uma análise interpretativa de como as redes sociais estão presentes na vida das pessoas e quais as representações discursivas que engendram essa prática, além de buscar ampliar as possibilidades de leitura e interpretação textual. É interessante mencionar que esse é um gênero que pode ajudar no trabalho contínuo de percepção dos efeitos de sentido e no aprimoramento da compreensão de diferentes facetas, como as relações assimétricas de poder, o funcionamento da ideologia, a posição discursiva dos sujeitos, dentre outros.

A pesquisa assume os fundamentos teórico-metodológicos da Análise de Discurso, na vertente fundada por Michel Pêcheux, que encontra seus desdobramentos nos trabalhos de Eni Orlandi, entre outros, bem como recorre às teorizações advindas do Círculo de Bakhtin. Com base nessa perspectiva teórica, a pesquisa volta-se para a descrição e a compreensão dos fatores linguísticos e ideológicos que estão presentes na materialidade discursiva que, no presente trabalho, trata do estudo do gênero documentário sobre as redes sociais.

Por meio do questionamento “como esse texto significa”, pretende-se compreender as relações em que sujeito e discurso encontram-se afetados por questões cuja compreensão superam o material linguístico e que leva o sujeito a questionar: a quem se dirige aquele que enuncia e com que intencionalidades, como, por meio do linguístico, tais intencionalidades se representam, como os recursos verbais e não verbais constroem sentidos, que efeitos de sentido tais escolhas provocam, entre outras questões. Desse modo, a Análise de Discurso se faz importante como aporte teórico em que baseia esse trabalho, pois, segundo a teoria, “a compreensão supõe uma relação com a cultura, com a história, com o social e com a linguagem, que é atravessada pela reflexão e pela crítica” (Orlandi, 1993, p.116)

Ademais, esta pesquisa justifica-se no sentido de que se insere na política de fortalecimento do ensino da Educação Básica desta Universidade, uma vez que alguns princípios postulados pela Análise de Discurso orientam as atuais concepções teóricas para o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa.

Além disso, este trabalho permitiu à discente dar sua contribuição no que tange a compreensão das práticas discursivas, dos modos de produção, circulação e recepção dos discursos que constroem os saberes, as crenças e os valores do tecido social no qual estamos inseridos enquanto indivíduos e, sobretudo, enquanto

¹ Informação disponível em: <https://vogue.globo.com/atualidades/noticia/2022/01/quanto-tempo-o-brasileiro-gasta-usando-internet-por-dia-e-por-ano.html>. Acesso em: 25 de maio 2023.

sujeitos discursivos que assumem lugares sociais, aceitando e rechaçando ideologias, (re)produzindo modos de ser, de sentir e de se comportar na sociedade.

DOCUMENTÁRIO O DILEMA DAS REDES: BREVES CONSIDERAÇÕES

O documentário *O dilema das redes* foi lançado em 9 de setembro de 2020, no festival Sundance. Dirigido por Jeff Orlowski, o documentário tem duração de 1h34 min e está disponível no streaming Netflix. Apesar do sucesso mundial através da plataforma de streaming Netflix, na verdade, a obra estreou oito meses antes, em janeiro de 2020, no festival de cinema independente Sundance. Nesse período,

Em entrevista à rádio eTown, em 2020, sobre a estreia do documentário na plataforma Netflix, o diretor Jeff Orlowski revelou que a ideia surgiu após ter visto um post no Facebook. Era um vídeo de Tristan Harris (ex-Google), que explicava como as redes sociais controlam sentimentos e pensamentos de bilhões de pessoas ao redor do mundo. Orlowski até então pensava positivamente sobre as redes, mas, depois deste vídeo, procurou amigos da área da tecnologia para entender o problema.

O documentário foi premiado mais de oitenta vezes em festivais de cinema ao redor do mundo. O cineasta, Jeff Orlowski, que mora no estado do Colorado, nos Estados Unidos da América (EUA), também já recebeu dois prêmios Emmy, e detém dois recordes mundiais do Guinness Book por ter filmado o maior e mais duradouro rompimento da geleira. Entretanto, antes de se dedicar ao mundo do cinema, Orlowski estudou ciência da computação na Universidade de Stanford e, por isso, conviveu com muitos colegas que trabalhavam no Vale do Silício². Anos depois, o acesso aos entrevistados do documentário *O dilema das redes* (2020) foi facilitado pelas amizades anteriormente construídas.

Para a construção do documentário, ao todo, vinte e três especialistas e dois adolescentes foram entrevistados. A maioria trabalhou no Twitter, Instagram, Facebook e Google, outros são professores em universidades renomadas e pesquisam sobre tecnologia. Em 1h34min de duração, os especialistas explicam como a maioria das empresas do Vale do Silício vende a atenção do usuário para os anunciantes e como isso gera problemas para as democracias ao redor do mundo e para a saúde mental da humanidade.

Na construção do enredo, para facilitar a compreensão do público, uma história fictícia é apresentada por oito atores. Destes, cinco formam uma família, e três trabalham em um painel de controle do algoritmo. O núcleo de personagens fictícios encena situações como o vício em redes sociais, possíveis medidas de

2 O Vale do Silício, localizado na parte sul da região da Baía de São Francisco, na Califórnia, EUA, abriga muitas start-ups e empresas globais de tecnologia. Apple, Facebook e Google são algumas das mais conhecidas. Na região, também há instituições com foco em tecnologia, estabelecidas próximas à Universidade Stanford, em Palo Alto. Informações disponíveis em: <https://napratica.org.br/vale-do-silicio-como-surgiu-o-polo-de-inovacao-mais-famoso-do-mundo/>. Acesso em: 21 nov. 2023.

controle parental, polarização política, baixa autoestima entre adolescentes, entre outros temas.

É irônico ouvir de grandes profissionais da tecnologia, responsáveis pela criação das curtidas, da rolagem infinita e da monetização das plataformas, por exemplo, que se arrependem do que criaram. Muitos dizem que não faziam ideia das consequências, outros confessam que foram vítimas da própria criação ao chegar em casa e perder tempo em família, porque não conseguia tirar os olhos das redes.

Além disso, o documentário destaca entrevistas e notícias veiculadas em telejornais para ajudar na transição de temas e acrescentar dinâmica ao enredo. Em outros momentos, são apresentados posts em redes sociais relacionados às discussões. Tudo isso contribui para reforçar que os problemas já são realidade.

Pandemia em todo o mundo, além do período eleitoral nos EUA e Brasil. Também é interessante refletir sobre o momento de lançamento que ocorreu em um momento que estava no auge do uso de redes sociais. O documentário foi muito aclamado, ganhou vários prêmios e consolidou ainda mais a parceria entre a Netflix e a produtora Exposure Labs, do diretor Orlowski.

GÊNERO DOCUMENTÁRIO

Os gêneros textuais referem-se a tipos específicos de textos que compartilham características comunicativas e estruturais semelhantes. Eles são categorias que ajudam a compreender e classificar diferentes formas de expressão escrita. A diversidade de gêneros textuais é vasta e varia de acordo com o contexto cultural, social e comunicativo.

Mikhail Bakhtin, um filósofo e teórico literário russo do século XX, contribuiu significativamente para a compreensão dos fenômenos linguísticos e discursivos, incluindo o conceito de “gênero discursivo”. Sua obra, embora complexa, é notável por suas ideias sobre a natureza social e interativa da linguagem.

Em diferentes situações na vida em sociedade, faz-se necessário aplicar uma importante estratégia de comunicação: os gêneros discursivos. Eles são formatos que incorporam diferentes estruturas e estilos, por exemplo carta, artigo científico, resenha, entrevista, dentre outros. Para Bakhtin (2003), os sujeitos, de modo geral, têm domínio para identificar os gêneros, mesmo que não saibam explicá-los em detalhes, utilizam-nos pelas mais diversas esferas.

Nesse sentido, Bakhtin (2003) propõe uma abordagem centrada na interação social e na relação entre linguagem e sociedade; para ele, o conceito de gênero discursivo está intimamente ligado ao de “enunciado” e é caracterizado por sua orientação para a comunicação. O autor destaca que a linguagem não é apenas um conjunto de formas linguísticas, mas uma atividade social. Os enunciados (unidades de fala ou escrita) são vistos como eventos sociais que ocorrem em contextos específicos.

[...] por trás de cada texto está o sistema da linguagem. [...]. Concomitantemente, porém, cada texto (como enunciado) é algo individual, único e singular, e nisso reside todo o seu sentido [...]. Esse segundo elemento (polo) é inerente ao próprio texto, mas só se revela numa situação e na cadeia dos textos (na comunicação discursiva de dado campo) (Bakhtin, 2016, p.74-75).

Frente a isso, Bakhtin (2003) concebe os gêneros discursivos como formas de comunicação socialmente reconhecidas e institucionalizadas, caracterizadas por convenções linguísticas específicas. Esses gêneros não são formas fixas, mas sim dinâmicas e mutáveis, refletindo as mudanças na sociedade. Ademais, Bakhtin (2016) apresenta o conceito de heteroglossia, que se refere à coexistência de diferentes vozes, perspectivas e estilos linguísticos dentro de um único discurso. Em outras palavras, os gêneros discursivos refletem a diversidade de vozes sociais presentes em uma comunidade.

Outra conceituação fundamental é a de dialogismo; Bakhtin enfatizou o caráter dialógico da linguagem, argumentando que todo discurso é uma resposta a outros discursos. O significado de um enunciado é moldado pela interação com outros enunciados presentes na cultura e na sociedade.

Ainda de acordo com Bakhtin (2016), os gêneros podem ser categorizados em primários ou secundários. Bilhetes, cartas e formas de diálogo, com construção linguística mais simples, estão no universo dos gêneros discursivos primários. Por outro lado, os secundários abarcam textos mais complexos, como uma peça de teatro, palestras e teses científicas. Ambos são fundamentais tanto em situações formais quanto informais. Os sujeitos também podem escolher desconstruí-los ou repensá-los.

Dessa forma, para Bakhtin (2003), os gêneros discursivos são manifestações da linguagem enraizadas na interação social. Eles refletem as complexas relações entre os indivíduos e a sociedade, destacando a natureza dinâmica da linguagem. Em resumo, para Bakhtin, os gêneros discursivos são formas sociais de comunicação que refletem a natureza dinâmica e interativa da linguagem. Eles são moldados por contextos sociais específicos, incorporam uma multiplicidade de vozes e estão intrinsecamente ligados à heteroglossia e à interação comunicativa.

Os gêneros, ainda, podem ser utilizados em situações complexas, como no mundo da política e da arte, por meio de leis, decretos, poesia e grafite, respectivamente. No universo do jornalismo, um diferencial é o critério da objetividade, que é exigido ao retratar fatos, mas Salles *apud* Melo (1985) diz que:

A objetividade é uma utopia a perseguir para o jornalismo, seja escrito ou audiovisual, mas não para o documentário. O cinema não-ficcional é uma obra de arte que carrega a visão de mundo do seu criador, tanto quanto qualquer filme de ficção esteticamente engajado (Folha de SP, 2001).

Nesse sentido, o gênero documentário, constantemente produzido na esfera jornalística, possui versatilidade para combinar diferentes formatos do audiovisual,

a saber: i) o tipo poético busca por meio da expressão artística transmitir sensações; ii) o expositivo apresenta informações de maneira mais objetiva e informativa; iii) o modo observativo tenta registrar a realidade com o mínimo de interferência do diretor; iv) o participativo mostra a interação de um indivíduo alheio ao universo das personagens; v) quanto ao reflexivo, enfatiza-se o processo de criação do documentário; e vi) o performático dá ênfase à subjetividade da experiência e da memória, afastando-se do relato objetivo.

De modo geral, os documentaristas têm liberdade para construir roteiros que mesclam os tipos supracitados. Dessa forma, o gênero apresenta ampla diversidade de obras e o espectador pode acompanhar histórias que apenas utilizam recursos de narração, por exemplo, enquanto outras apresentam momentos de ficção em um documentário expositivo. Portanto, a direção tem a liberdade da subjetividade para apresentar a tese que a obra defende e que a equipe publicamente acredite.

Por isso, ao se tratar do documentário *O Dilema das Redes* (2020), podemos dizer que há uma mescla dos formatos expositivos, uma vez que são apresentadas informações objetivas, por meio de entrevistas com especialistas, além de dados e notícias sobre o uso das redes sociais. E também é possível identificar o modo performático, já que, ao longo da narrativa, a história de uma família fictícia também é apresentada. Ela ilustra a difícil relação entre pais, filhos e tempo de tela; além do impacto das notícias falsas, entre outras questões.

O QUE SÃO REDES SOCIAIS?

Embora hoje em dia associemos a expressão “rede social” ao mundo online, sua origem remonta a tempos anteriores. O termo “rede” deriva da palavra, em latim, “rete” e possui uma gama de significados. Por exemplo, desde uma malha de fios entrelaçados utilizada para retenção de animais até conjuntos de pessoas, estabelecimentos ou organizações que se comunicam entre si. Já o adjetivo “sociais” refere-se às relações estabelecidas entre os membros de uma sociedade.

Segundo Martha Gabriel (2010), as redes sociais têm uma história que remonta a pelo menos três mil anos atrás, quando comunidades se reuniam ao redor de uma fogueira para debater questões comuns. Inicialmente, essas redes eram limitadas pela comunicação oral e gestual, pela distância geográfica e pelo tempo, já que dependiam da presença física dos participantes. Ao longo dos séculos, a amplitude e a disseminação dessas redes mudaram, acompanhando a influência das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs).

Além disso, a autora ressalta que as redes sociais estão centradas nas pessoas e em suas relações. Neste caso, a tecnologia é apenas um elemento que complexifica. Assim, uma rede social é definida como um conjunto de elementos e suas interações. Essa ideia serve como metáfora para observar os padrões de conexão entre grupos sociais através das interações entre seus membros. Logo, a abordagem em rede concentra-se na estrutura social, em que não é possível separar os atores sociais das conexões. Vale citar que quem primeiro cunhou o

termo “rede social” foi o sociólogo australiano John Arundel Barnes. Em 1954, ele descreveu e identificou os padrões de conexão, além de incorporar conceitos já utilizados tanto pelo senso comum quanto pelos cientistas.

Contudo, também é fundamental acrescentar o termo online, já que nos referimos a plataformas como Facebook, TikTok, Instagram, dentre outras. Sem essa especificação, estaríamos nos referindo apenas às relações sociais estabelecidas, por exemplo, entre amigos, familiares e colegas de trabalho, sem considerar suas características específicas quando ocorrem na internet. Enquanto uma rede social refere-se à percepção de um grupo social determinado por sua estrutura, que geralmente está oculta e só se manifesta por meio de interações, as ferramentas sociais na internet têm o poder de publicitar e influenciar essas estruturas. Em outras palavras, o Facebook, por exemplo, não cria redes sociais, na verdade, é a maneira como as pessoas o utilizam que pode revelar as redes já existentes ou as construídas com base em estruturas sociais, muitas vezes de maneira diferente do esperado pela própria plataforma.

Neste contexto, a ascensão e a popularização da internet têm sido um dos fenômenos culturais mais significativos da atualidade, já que ela impacta todos os aspectos da vida das pessoas diretamente, tornando-se, ao longo dos anos, um espaço fundamental para as relações humanas. Dito isto, pode-se dizer que aproxima as pessoas, tanto as que vivem próximas quanto as mais distantes, permitindo descobertas e interações antes impensáveis antes de sua chegada.

Nesse cenário, os pesquisadores Macêdo e Braga Filho, *apud* Cantanhede, 2015, alegam que as redes sociais online, além de serem um meio de comunicação, também reúnem um leque de informações sobre elas. Com auxílio de ferramentas de inteligência artificial, pode-se ter fácil acesso a dados sobre preferência de consumo, informações de localização, tempo de uso, dentre outros. Essa mesma relação é reforçada por alguns dos especialistas entrevistados pela equipe do documentário O dilema das redes (2020). Alguns são especialistas que contribuíram para a criação de plataformas, mas depois passaram a criticá-las. Eles dizem que “se você não está pagando pelo produto, então, você é produto”. Ainda de acordo com a obra, é a partir dessa motivação que a maioria das plataformas oferecem acesso gratuito aos usuários, uma vez que, quanto maior o público, maiores são os valores e a venda de anúncios.

Por conta disso, as relações de trabalho, as empresas e até a vida pessoal das pessoas foram transformadas. Novos empregos surgiram como consequência da popularidade das redes sociais online, como é o caso de gestores de tráfego e influenciadores digitais. Neste embalo, todas as profissões foram afetadas e tiveram que se transformar para serem relevantes nesta nova realidade, muito disso é destacado por Almeida e Moraes (2010).

Todavia, a relação entre humanos e máquinas não deve ser interpretada como unilateral, pois ambos se transformam mutuamente, uma vez que o ciberespaço abriga comunidades onde surgem dinâmicas sociométricas, conforme determinado pelo sociólogo Jacob Levy Moreno, com seu trabalho sobre padrões de amizade,

em 1934. Assim, a internet abriu mais uma possibilidade de estabelecer conexões, tornar-se relevante e/ou pertencer a uma comunidade.

Contudo, apesar dos avanços tecnológicos, nossos corpos permanecem os mesmos de antes de tudo isso acontecer, e especialistas em saúde mental têm reforçado a importância do equilíbrio entre vida online e offline para prevenir casos de vício em telas e também outros comportamentos prejudiciais. Sherry Turkle investigou nos anos 1990 o paradoxo de que as pessoas estariam mais conectadas, porém mais solitárias, e também como as redes online estão redefinindo as noções de intimidade e solidão. Existiria, então, uma maior facilidade em controlar a intensidade dos relacionamentos virtuais, ao mesmo tempo em que haveria uma sensação geral de proximidade e companhia.

Conforme observado por Guimarães Jr. (1999), uma das questões cruciais no estudo do ciberespaço é o status do informante: quem está ativo no ciberespaço, o indivíduo real diante do computador ou as personas que ele assume? Nas plataformas, a comunicação ocorre através da alteridade, ou seja, através da atividade dos perfis criados pelos usuários. Nesse universo, existem dois tipos de perfis: os originais, associados a pessoas reais, e os fakes, considerados falsos por representar pessoas que não existem ou com nomes diferentes daqueles registrados em órgãos oficiais. Todos esses perfis são construídos por algum usuário e funcionam para representar seus criadores.

Portanto, no ciberespaço, essas representações acabam envolvendo máscaras sociais, pois, mesmo que um usuário apresente informações verdadeiras, existe um interesse de ser reconhecido como relevante através das interações que não são muito diferentes das que se vive na realidade offline, em que pressões estéticas e disputas de classe, por exemplo, acabam influenciando.

Principais Plataformas Digitais

Cerca de 1 em cada 4 pessoas no mundo, exceto na China, tem conta ativa no Facebook. A rede acumula mais de 3 bilhões de usuários e, de acordo com um ranking da iniciativa DataReportal, o Facebook continua sendo a rede social mais popular do planeta. Em seguida, vem o YouTube com 2,4 bilhões, o Whatsapp com 2 bilhões, Instagram com 2 bilhões e WeChat - concorrente chinês do Whatsapp - com 1,3 bilhões. O Brasil assume o terceiro lugar no ranking que mais consome redes sociais em todo o mundo, ficando atrás somente da Índia e Indonésia. A constatação é de um levantamento do Comscore feito em 2023³.

A seguir, apresentamos as características das principais redes sociais, a partir do número de usuários.

- O Facebook foi criado em 2004 e nasceu como um projeto de estudantes de Harvard. O grupo envolvia Mark Zuckerberg, Eduardo Saverin, Andrew MaCollum, Dustin Moskovits e Chris Hughes. Atualmente, a rede é usada por mais de 150 milhões de brasileiros, o que equivale a 69,6%

³ Dados disponíveis em: <<https://oglobo.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2023/03/brasil-e-o-terceiro-pais-que-mais-consome-redes-sociais.ghtml>>. Acesso em: 20 jun. 2024.

da população. Grande parte do lucro do Facebook é oriundo da venda de espaço para publicidade. Nesse contexto, a plataforma dá autonomia aos clientes, através do Facebook Ads, para gestão das divulgações e domina 19,6% do mercado de publicidade online. Contudo, para expandir os negócios, o nome da empresa mudou para 'Meta', assim, o Facebook virou apenas um dos projetos da Meta, que passou a investir no desenvolvimento de novas tecnologias, como óculos de imersão, por exemplo, e na compra de outras redes sociais, como é o caso do Instagram.

- O Instagram foi criado pelo estadunidense Kevin Systrom e o brasileiro Mike Krieger, que trabalhavam inicialmente em um aplicativo chamado Burb. A plataforma era, inicialmente, apenas uma rede orientada para o compartilhamento de fotos, mas, ao ser comprada pelo Facebook em 2012, além da possibilidade de compartilhamento de vídeos e fotos, também foi possível montar lojas online diretamente na rede. Diante da concorrência com o aplicativo Snapchat, a ideia de postagens com 24h de duração foi incorporada e denominada de stories. Tempos depois, o foco mudou para vídeos de curta duração, com ênfase em conteúdos de entretenimento, para competir com o sucesso do TikTok. O Instagram registrou aproximadamente 1,65 bilhões de usuários globais em 2023, de acordo com Kepios⁴.
- O TikTok é uma rede recém-lançada, em 2016, na China. Teve um crescimento exponencial, servindo como uma alternativa para as pessoas compartilharem vídeos de curta duração com alta capacidade de viralização. Os chamados tiktokers (produtores de conteúdo que ganharam fama na rede) têm feito bastante sucesso atualmente e são considerados as novas celebridades. A monetização é baseada em publicidade em vídeo, usuários podem ser remunerados ao cumprir com as metas da plataforma e também existe a possibilidade de receber doações em transmissões ao vivo, lives.

O Google foi fundado, em 1998, por Larry Page e Sergey Brin. Ambos se conheceram na Universidade de Stanford, onde eram estudantes de doutorado em ciência da computação. A ideia inicial era desenvolver um mecanismo de busca para indexar sites, organizando de forma clara e coesa as informações contidas na internet. Inicialmente, a empresa recebeu o nome "gogol", uma referência ao número 1 seguido de 100 zeros, simbolizando a missão de organizar a imensa quantidade de informações disponíveis na web. Posteriormente, o nome foi alterado para "google.com". Em 1998, Andy Bechtolsheim, co-fundador da Sun Microsystems, investiu 100 mil dólares na empresa, permitindo que Page e Brin fundassem oficialmente o Google Inc. O primeiro escritório da empresa foi inaugurado em 1999. Desde então, a plataforma expandiu os serviços para além do mecanismo de busca e incorporou novas ferramentas, como Google Agenda, Google Forms e Google Maps, por

⁴Dados disponíveis em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/tecnologia/2024/01/6795728-redes-sociais-passam-dos-5-bilhoes-de-usuarios-revela-kepios.html>>. Acesso em: 20 jun. 2024.

exemplo. Atualmente, a plataforma é utilizada por aproximadamente 3 bilhões de usuários, trabalha com monetização na venda de espaço para publicidade e, desde 2015, todos os projetos e subsidiárias têm sido controlados pela empresa Alphabet Inc, que é uma das empresas mais valiosas do mundo, com uma receita anual de aproximadamente 1,7 bilhões de dólares.

ANÁLISE DO DOCUMENTÁRIO

Nesta seção, apresentam-se trechos que compõem o documentário *O dilema das redes* (2020). A partir disso, analisa-se de que modo as falas dessas pessoas representam discursivamente as redes sociais, seu uso e suas consequências na sociedade. Para isso, selecionamos alguns trechos e, em seguida, tecemos algumas considerações a partir do referencial teórico estudado e das leituras realizadas.

As crianças brasileiras estão acessando a internet cada vez mais cedo. Pesquisadores do Cetic.br, um centro de estudos ligado ao Comitê Gestor da Internet (CGI) no Brasil, divulgaram que, em 2023, 95% das crianças e adolescentes de 9 a 17 anos acessavam internet no país. O percentual equivale a cerca de 25 milhões. O primeiro contato com as telas foi detectado ainda na primeira infância, antes dos 6 anos de idade. Em 2015, esse percentual era de 11%.

A Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) recomenda que crianças menores de 2 anos não tenham acesso às telas. As que têm entre 2 e 5 devem usá-las, no máximo, uma hora por dia. De 6 a 10 anos, até duas horas diárias. Essa preocupação também é abordada no documentário *O dilema das redes* (2020):

[...]Nós costumávamos ter restrições quando as crianças assistiam aos desenhos animados, nos preocupávamos em protegê-las, dizíamos: é proibido fazer propaganda para crianças dessa idade dessa forma. Agora, o YouTube Kids, engloba toda parte de economia da atenção e todas as crianças expostas ao YouTube Kids e todas as proteções e regulamentos já era [...]. [Harris, Tristan. *Dilema das redes*. Netflix, 2020]⁵.

Tristan Harris, autor da citação acima, trabalhou no Google como especialista em ética do desing. Ainda durante a entrevista, ele lembra de quando mobilizou colegas para reunir sugestões e críticas sobre o próprio trabalho com objetivo de melhorar os processos. Contudo, naquela época, a empresa não apresentou respostas eficientes para contemplar as reivindicações. Depois de sair da empresa, Harris foi um dos primeiros a popularizar críticas profundas através de vídeos virais nas redes sociais. Em um cenário de uso excessivo de telas, os pontos críticos mais citados pelo especialista são os casos de depressão, ansiedade e baixa autoestima entre adolescentes. Nesse contexto, tem sido observada a ideia de só ter valor pessoal caso exista popularidade nas plataformas digitais.

5 Estas falas foram retiradas e recortadas do documentário a partir da tradução do próprio streaming Netflix.

[...]nós construímos nossas vidas em volta de um senso de perfeição, porque somos recompensados com sinais breves, corações e curtidas. Confundimos isso com valor pessoal (sendo que) na verdade é uma popularidade frágil, falsa, de curto prazo e que deixa ainda mais, eu admito, fútil e vazio antes de tudo [...] [Palihapitiya, Chamath. Dilema das redes. Netflix, 2020].

No livro “A sociedade do espetáculo”, 1967, o filósofo francês Guy Debord argumenta que as pessoas vivem detrás de máscaras sociais em busca de manter ou conquistar respeito social. Aqui, pode-se fazer uma correlação das expectativas de sucesso com a busca por um alto desempenho nas redes sociais. No Instagram, por exemplo, aqueles que exibem vidas luxuosas ou acessam privilégios são mais reconhecidos do que as pessoas com estilo de vida simples. Essa dinâmica pode tornar as relações vagas e superficiais.

Notícias falsas têm 70% mais probabilidade de serem compartilhadas do que notícias verdadeiras, segundo o estudo publicado na revista Science em 2018 pelos pesquisadores Vosoughi, Roy e Aral⁶. Os pesquisadores analisaram cerca de 126 mil rumores que foram compartilhados no Twitter, atualmente chamado de X, entre 2006 e 2017. Esses rumores foram classificados como verdadeiros ou falsos com base em verificações realizadas por seis organizações de checagem de fatos, como o Snopes e a FactCheck.org. Contudo, o estudo demonstrou que empiricamente que as notícias falsas têm maior capacidade de engajar.

Nesse sentido, indivíduos e organizações que buscam poder social e financeiro têm investido em estratégias de desinformação que os beneficiem. O caso Cambridge Analytica⁷ é um exemplo de como políticos ao redor do mundo investiram milhões para ter acesso aos dados pessoais de mais de 50 milhões de usuários cadastrados no Facebook e, através de uma empresa de marketing inglesa que deu nome ao caso, eleitores foram manipulados a nível nacional para que os financiadores das manobras pudessem, enfim, vencer o pleito. A divulgação do escândalo em 2018 pelos jornais The Guardian e The New York Times provocou reações dos poderes, contudo, a cada ano, os desafios em torno do combate à desinformação se tornam mais complexos.

Outro exemplo notável foram as eleições presidenciais brasileiras de 2018, na qual destaca-se a campanha eleitoral de Jair Messias Bolsonaro - na época, vinculado ao Partido Liberal - que alcançou sucesso com a eleição do político. O candidato tinha poucos segundos de espaço no horário eleitoral pela televisão e rádio, não compareceu na maioria dos tradicionais debates televisivos e em rádios e focou em estratégias de divulgação pela internet, em especial, pelo WhatsApp e Facebook. O fato consolidou a importância das redes sociais e demais plataformas para a conquista de objetivos que dependem da opinião pública. Além disso, o mesmo período eleitoral foi marcado pelo combate à disseminação de notícias falsas e a polarização política (Soares, 2019).

⁶ Dados disponíveis em: <<https://www.science.org/doi/10.1126/science.aap9559>>. Acesso em: 10 ago. 2024.

⁷ Dados disponíveis em: <<https://www.theguardian.com/news/2018/mar/17/cambridge-analytica-facebook-influence-us-election>>. Acesso em: 20 jun. 2024.

No entanto, o imbróglio brasileiro teve como precursor as eleições presidenciais estadunidenses em 2016. A disputa foi marcada pela tática de direcionamento de mensagens políticas personalizadas por meio de campanhas altamente específicas (Allcott & Gentzkow, 2017). Por fim, conclui-se que os casos supracitados demonstram o poder das redes sociais em não só alterar a dinâmica de discursos, mas também moldar resultados eleitorais, caso não haja fiscalização e regulamentações. Caso contrário, o enfraquecimento do processo democrático pode vir a ser uma das consequências.

Ao decorrer do documentário, são apresentados recortes de diferentes telejornais estadunidenses, publicações de depoimentos em vídeo em plataformas, como YouTube, Facebook e TikTok, além de destacar comentários que reagem aos mesmos conteúdos. O poder de interferência das redes de desinformação pode ser visto em exemplos como mentiras sobre as vacinas contra o covid-19, as quais abriram margem para um aumento de mortes pela doença e descrédito da medicina. Essa questão é trazida por Justin Rosenstein ao revelar que notícias falsas são mais lucrativas:

[...] criamos um sistema que tende a favorecer informações falsas. Não porque nós queremos, mas porque informações falsas rendem mais dinheiro às empresas do que a verdade. A verdade é chata [...] (Netflix, 2020).

Além disso, a tendência de seguir figuras públicas que expõem a mesma opinião que o indivíduo faz com que as ideias sejam difundidas apenas entre esses sujeitos. Esse fenômeno, também conhecido como bolha de informação, dificulta o acesso a visões de mundo diferentes. Dessa forma, cria-se uma falsa ideia de debate pelo empobrecimento argumentativo dos envolvidos.

A proliferação de mentiras na internet também ganha força e velocidade ao utilizar técnicas como o sensacionalismo. Para atrair o público desejado, a postagem de conteúdo falso busca seguir uma estrutura específica, de acordo com Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji). Pode-se destacar entre as características o uso de gramática incorreta, fonte desconhecida ou inexistente, além de mensagem polêmica.

Outro fator a ser considerado pelos usuários mais atentos, e que é reforçado pelo documentário, é a tendência dos algoritmos em recomendar conteúdos com maior porcentagem de clique e compartilhamentos justamente para garantir atenção pela maior quantidade de tempo possível. Para ilustrar essa questão, o documentário mescla uma história fictícia às entrevistas e busca impactar o espectador ao mostrar um fantoche construído a partir do comportamento usual do usuário. Ao se referir ao mesmo tema, um dos entrevistados diz que “se você não paga pelo produto você é o produto”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou analisar o discurso proferido por boa parte dos envolvidos no documentário *O Dilema das Redes* (2020) – não todos por falta de tempo hábil –, além do contexto que o envolve e as possíveis mensagens nas entrelinhas. A base teórica escolhida que norteou a investigação revelou que a obra de fato possui conteúdo relevante e pode contribuir para a compreensão da influência das redes sociais na formação de opiniões, narrativas e consequentes impactos nas relações sociais contemporâneas, como o fenômeno das bolhas de informação na internet definida pela interação apenas com conteúdo que predominantemente reforçam crenças preexistentes, dificultando o diálogo e o entendimento mútuo entre diferentes grupos sociais.

No desenrolar desta pesquisa, concorda-se que as redes sociais online são poderosas ferramentas de interação e conexão entre pessoas. Estas ferramentas têm permitido que indivíduos se relacionem, comentem e compartilhem informações sobre as próprias e alheias vidas de maneira imediata e global. No entanto, em um contexto capitalista, as plataformas também têm sido utilizadas como instrumentos de coleta arbitrária de dados.

Vale dizer que a partir da obra de Guy Debord intitulada de “Sociedade do Espetáculo” relacionam-se os aspectos de superficialidade e busca incessante por validação social como sintomas de indivíduos que protagonizam maus usos, uma vez que a ‘boa imagem’ depende de expressivas curtidas e comentários. O exposto levanta ainda questões éticas e sociais profundas sobre os críticos impactos psíquicos e sociais.

De forma mais específica, através do objeto de estudo escolhido, destacou-se as problemáticas da intensificação da polarização política e da disseminação de informações falsas. Nesse cenário, observa-se os ainda relevantes perigos das estratégias de manipulação e violação de dados pessoais, além da falta de transparência sobre o funcionamento dos algoritmos e favorecimento de conteúdos que gerem altas taxas de desempenho mesmo que causem estragos sociais e psicológicos.

Desde a época de lançamento do documentário, discussões sobre o tema tornaram-se cada vez mais frequentes e tornaram o impensável, realidade. Em 2023, foi a vez do CEO do Tik Tok, Shou Zi Chew, marcar presença no Congresso dos Estados Unidos para responder aos questionamentos dos parlamentares. Em 2018 e 2024, Mark Zuckerberg, membro fundador e presidente executivo da Meta - empresa que engloba Facebook, Instagram, Whatsapp, dentre outros – passou pela mesma situação. Fatos estes simbolicamente positivos e relevantes pela interação pública e praticamente inédita entre órgãos fiscalizadores e representantes-administradores destas empresas. Inclui-se na observação de contexto que nos últimos anos as plataformas têm intensificado a divulgação de iniciativas de combate aos problemas apontados pela sociedade mesmo ainda sendo alvo de constantes críticas e cobranças por respostas cada vez mais assertivas. Tais atitudes têm sido vistas pela comunidade internacional como fundamentais para a defesa da

democracia e dos direitos individuais ao redor do mundo mesmo diante de um cenário de escassez de formas de mensuração sobre a efetividade das melhorias. Neste racional, persiste a preocupação por regulamentações sobre o uso e limites de punições pelo mau uso das redes sociais online.

Em resumo, esta pesquisa cumpre com o proposto de ser uma inicial discussão apoiada em um consistente e reconhecido arcabouço teórico. Para tanto, houve também busca por esmiuçar conceitos apresentados pelo documentário e refletir de forma breve os impactos do assunto a nível Brasil, levando sempre em consideração que maiores passos, por exemplo, análises acerca da semiótica e linguagem visual da obra, exigiriam profundos esforços advindos em contramão ao cronograma previamente estabelecido.

Conclui-se, portanto, que as intensas movimentações entorno do tema, para além das explicações contidas na obra, reforçam a importância deste trabalho e de futuros fundamentais incentivos que aspirem próximas e cada vez mais amadurecidas análises científicas.

REFERÊNCIAS

- ALLCOTT, H.; GENTZKOW, M. **Social Media and Fake News in the 2016 Election**. Journal of Economic Perspectives. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/316712634_Social_Media_and_Fake_News_in_the_2016_Election>. Acesso em: 29 jun. 2024.
- ALMEIDA, A. O.; MORAES, G. A. A. **A influência das redes sociais na vida cotidiana: análise dos perfis fakes em redes sociais como forma de entretenimento e sociabilização**. Assis: Fundação Educacional do Município de Assis (FEMA), 2010. Disponível em: <<https://cepein.femanet.com.br/BDigital/arqTccs/0711220293.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2024.
- BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. In: BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p.261-306.
- BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Bezerra, Paulo. Notas da edição russa: Seguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016. 164p.
- CAMPOS, C. **O uso das redes sociais como ferramenta de marketing e estratégia para prospecção e fidelização de clientes: um estudo de caso da loja Kaluca**. UFMA, 2015. Disponível em: <<https://monografias.ufma.br/jspui/handle/123456789/669>>. Acesso em: 29 jun. 2024.
- DA AMAZÔNIA, I. **Resenha – O Dilema das Redes (2020)**. Disponível em: <<https://internacionaldaamazonia.com/2021/11/25/resenha-o-dilema-das-redes-2020/>>. Acesso em: 05 março 2024.
- DA SILVA, M. **O documentário: um gênero discursivo no ensino de língua portuguesa**. Palimpsesto - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ. 2020. Disponível em: <<https://www.epublicacoes.uerj.br/palimpsesto/article/view/48105>>. Acesso em: 29 jun. 2024.

DEBORD, G. **A Sociedade do espetáculo seguido do prefácio à 4. edição italiana: comentários sobre a sociedade do espetáculo.** [s.l.] Rio De Janeiro, Contraponto, 1997.

eTown Interview - **Filmmaker Jeff Orlowski / The Social Dilemma (PART ONE).** Disponível em: <<https://youtu.be/OigyrI7145w?si=baNiXIHuz1YUeXIt>>. Acesso em: 20 fev. 2024.

FERREIRA, G. C. **Redes Sociais de Informação: uma história e um estudo de caso. Perspectivas em Ciência da Informação.** 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pci/a/hX6dWhCGmVCqGCC6ZnhgSMw/>>. Acesso em: 29 jun. 2024.

Folha de S.Paulo - **+ 3 questões Sobre documentário - 04/03/2001.** Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0403200102.htm>>. Acesso em: 12 maio 2024.

GABRIEL, M. **Marketing digital na era conceitos, plataformas e estratégias.** Disponível em: <<https://kamilamendonca.wordpress.com/wp-content/uploads/2015/09/marketing-na-era-digital.pdf>>. Acesso em: 03 jun. 2024.

JÚNIOR, M. J. L. G. **O Ciberespaço como Cenário para as Ciências Sociais.** Ilha Revista de Antropologia. jan. 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/14652>>. Acesso em: 29 jun. 2024.

MARQUES, B. **Documentário “O Dilema das Redes” [Resenha].** DataPolicy, 2 ago. 2021. Disponível em: <<https://datapolicy.co/documentario-o-dilema-das-redes-resenha/>>. Acesso em: 08 jan. 2024.

MARTINS, M. G.; TATEOKI, V. A. **Proteção de dados pessoais e democracia: fake news, manipulação do eleitor e o caso da Cambridge Analytica.** Revista Eletrônica Direito e Sociedade - REDES, v. 7, n. 3, p. 135, 21 out. 2019.

MELO, C. T. V. DE. **O documentário como gênero audiovisual.** Comunicação & Informação. 2013. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/ci/article/view/24168>>. Acesso em: 30 abril 2024.

MONITOR. **Análise crítica do documentário “O dilema das redes” - Centro de Crítica Da Mídia.** Disponível em: <<https://blogfca.pucminas.br/ccm/analise-critica-do-documentario-o-dilema-das-redes/>>. Acesso em: 13 dez. 2024.

MORENO, J. L. **Who shall survive? Washington, DC: Nervous and Mental Disease Publishing Company, 1934.** Disponível em: <<https://archive.org/details/whoshallsurviven00jmo>>. Acesso em: 29 jun. 2024.

ORLANDI, E. P. (org.) **Discurso fundador.** Campinas: Pontes, 1993, 171 p.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** 6.ed. Campinas: Pontes, 2005.

ORLOWSKI, J. **Dilema das Redes**. [Documentário]. EUA: Exposure Labs, 2020.

ORLOWSKI, J. **The Social Dilemma**. Talks at Google. Disponível em: <https://youtu.be/NB9GcURoAZI?si=_jK9JNNM9YBI8Z8M>. Acesso em: 20 fev. 2024.

RECUERO, R. **Introdução à análise de redes sociais online**. Salvador: EUFBA, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/24759>>. Acesso em: 08 jan. 2024.

SOARES, I. C. **Redes Sociais, Polarização e a Disseminação de Fake News nas Eleições Presidenciais de 2018**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 2019, 34(99), 1-20.



Prévert: Subversão e Resistência

Luma Talia Guimarães Miranda Monteiro

Discente egressa (2023) do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE/UFG), estudante do Curso de Medicina Veterinária (UFG).

Silvana Matias Freire

Docente Adjunta do Departamento de Língua Estrangeira – Francês do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE/UFG).

Resumo: A presente pesquisa de Trabalho de Conclusão do Ensino Médio (TCEM), intitulada “Prévert: subversão e resistência”, tem como objetivo analisar criticamente alguns poemas de Jacques Prévert, principalmente, aqueles que tratam do ambiente escolar. Para fundamentar teoricamente as análises das obras, utilizamos o pensamento de Michel Foucault a respeito do poder disciplinar no ambiente escolar com a finalidade de “formar” indivíduos que se adequem ao modelo de produtividade exigido pela modernidade. Desse modo, pesquisamos livros e filmes que pudessem contribuir e conseguimos organizar nosso material de forma satisfatória. Com a conclusão do presente trabalho, os resultados são: aprendemos a realizar uma pesquisa acadêmica no campo da literatura; aprofundamos o aprendizado da língua estrangeira-francês pela leitura de poemas e textos teóricos; desenvolvemos uma postura crítica a partir da reflexão proposta por Prévert sobre alguns modos de funcionamento da instituição escolar; apresentamos o resultado da pesquisa em eventos científicos.

Palavras-chave: poema e cinema francês; Jacques Prévert; ambiente escolar; Michel Foucault.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa começou em outubro de 2020, ano em que, juntamente com minha orientadora, escolhemos como tema para desenvolver a pesquisa alguns poemas de Jacques Prévert. Essa escolha se deu, primeiro, porque o idioma francês sempre foi um grande interesse de minha parte e, segundo, porque já havíamos trabalhado alguns poemas de Prévert nas aulas de francês durante o ensino fundamental e médio. Agradou-me a sugestão da minha orientadora de analisar, de modo mais aprofundado, os seus poemas, pois já conhecia e gostava da obra de Prévert. Para a realização desta pesquisa, escolhemos os poemas de Prévert cujo tema envolvesse a instituição escolar e seu funcionamento.

Poeta francês do século XX, Prévert denuncia a hipocrisia que atravessa os costumes e as relações institucionais, principalmente, no que se refere ao Estado, à política, à religião e à escola. Com sua escrita dotada de humor e de ironia denuncia também como tais costumes e instituições, de alguma forma, limitam/impedem a criatividade, a imaginação, a alegria de viver.

A escola e seu funcionamento foram um dos temas tratados por Prévert, sendo alvos de uma crítica ferrenha. Simpático ao escolar, Prévert não poupou a figura do professor e suas metodologias de um sarcasmo impiedoso. Isso pode ser explicado pelo fato dele ter escolhido abandoná-la aos 14 anos, quando passou a estudar sozinho e sua formação como poeta começou. Com essa informação, fez-

se necessário compreender a vida do autor, para que entendêssemos suas obras e, assim, lemos artigos biográficos dele antes dos poemas. Dessa forma, começamos a analisar como o autor entendia o mundo, as relações entre as pessoas e as instituições. Depois que começamos as análises dos poemas, o trabalho foi fluido e não tivemos muitas dificuldades, pois entendemos como Prévert usava as palavras, como ele usava sua personalidade nos textos e como sua obra, em sua maioria, tem caráter crítico.

Para tratar sobre a infância e a escola, Prévert utiliza jogos de palavras e um humor ácido. Dessa forma, ele expande sua forma de escrever e sua temática. Diante da abrangência de temas na obra de Prévert, estabelecemos que nossa pesquisa seria sobre a repressão exercida no ambiente escolar e a resistência a essa repressão manifestada pelos jovens estudantes. Sendo assim, as perguntas que norteiam nossa pesquisa são: como Jacques Prévert representa em seus poemas o ambiente escolar? Como o aluno demonstra resistência às imposições escolares nos poemas?

O objetivo geral do nosso trabalho gira em torno do aprendizado. Visamos aprender a realizar pesquisas científicas, aprender a defender uma tese, aprender a analisar as artes (literárias, visuais, performáticas) e a aprofundar o conhecimento de uma língua estrangeira. Temos como objetivo específico desenvolver uma postura crítica a respeito do funcionamento da instituição escolar, tendo como inspiração as críticas feitas por Prévert em seus poemas.

METODOLOGIA

Começamos a pesquisa em outubro de 2020, em Goiânia, no CEPAE. A presente pesquisa teve o tempo de duração de três anos. Assim, nossa primeira ação foi escolher os poemas que trabalharíamos. O critério de escolha esteve vinculado a temas referentes ao ambiente escolar. Em seguida, discutimos cada poema isoladamente. Em um segundo momento, realizamos uma discussão comparando os poemas para depreender o que os aproxima e o que os diferencia. Realizamos também pesquisas teóricas para fundamentar nossas análises. Após a pesquisa teórica, decidimos também trabalhar com o filósofo Michel Foucault e seus comentadores, especificamente, os comentadores da obra “Vigiar e punir” (1975).

Para sintetizar as análises, utilizamos a teoria foucaultiana sobre as relações entre o saber e a disciplina. A disciplina, segundo Foucault, é feita também pela vigilância, essa que se faz eficaz pela sensação que o indivíduo sente de estar sendo vigiado e, ao mesmo tempo protegido, e esse fato pode ser comprovado na escola, os alunos são vigiados a todo instante e, assim, são disciplinados. Essa disciplina, porém, contrapõe à vontade do aluno, que se rebela e, por isso, é punido. Foucault traz a ideia de que o Iluminismo e a sua relação com a criação de uma sociedade disciplinar podem ser paradoxais. Nas palavras de Foucault (1991, p. 195): “as ‘Luzes’ que descobriram as liberdades inventaram também as disciplinas”.

Por fim, consideramos que o devaneio, comum em salas de aula, indica a resistência do aluno em se submeter a conteúdos imotivados e a tentativa de não perder a alegria de viver.

ANÁLISE DOS POEMAS SELECIONADOS

O poema começa com o professor ensinando somas simples, porém de uma maneira quase robótica, mecânica, e a sala parece estar engessada. O professor força os alunos a repetirem como se fosse uma maneira de aprender.

Deux et deux quatre
quatre et quatre huit
huit et huit font seize...
Répétez ! dit le maître
Deux et deux quatre
quatre et quatre huit
huit et huit font seize.

No entanto, acreditamos que dificilmente alguém aprenda por imposição. De fato, os estudantes parecem não estar aprendendo. O foco do poema está exatamente no paradoxo do ensino escolar: ensinar a pensar se contrapõe à supressão da liberdade do pensamento.

Contrastando com a supressão do pensamento imposta pela obrigação em repetir conteúdos que formariam alguma significação para o aluno, o personagem principal do poema inventa um mundo criativo, demonstrando uma resistência a se submeter à repressão escolar. Isto pode ser observado no seguinte trecho:

Mais voilà l'oiseau-lyre
qui passe dans le ciel
l'enfant le voit
l'enfant l'entend
l'enfant l'appelle :
Sauve-moi
joue avec moi
oiseau !

O aluno, em sua mente, pede ao pássaro que se junte a ele, brinque com ele; que o salve do ambiente opressor em que se encontra. O pássaro parece ser a única esperança para sair daquele ambiente massacrante.

Alors l'oiseau descend
et joue avec l'enfant
Deux et deux quatre...
Répétez ! dit le maître
et l'enfant joue
l'oiseau joue avec lui...

O pássaro desce e brinca com o aluno, assim, o aluno sai da situação inicial de tédio e incompreensão, e vai para um ambiente fantástico e começa a criar um mundo que resiste ao tédio da sala de aula. Ainda, existe o simbolismo das asas do pássaro, que remete à liberdade, que é um desejo para o aluno.

Quatre et quatre huit
huit et huit font seize
et seize et seize qu'est-ce
qu'ils font ?
Ils ne font rien seize et seize
et surtout pas trente-deux
de toute façon
et ils s'en vont.

Simultaneamente à brincadeira do aluno, há a aula, e existe uma pergunta: “dezesseis mais dezesseis igual a...?”. Matematicamente, a soma resulta em 32, mas números não pensados, não existem. Como podemos observar, não estão sendo pensados e, portanto, não resultam na aprendizagem efetiva, de modo algum, em trinta e dois (*Ils ne font rien seize et seize/et surtout pas trente-deux*).

Et l'enfant a caché l'oiseau
dans son pupitre
et tous les enfants
entendent sa chanson
et tous les enfants
entendent la musique

O aluno esconde o pássaro em sua mesa, esse fato pode ser interpretado como um fato real ou imaginário e, de repente, todos os alunos escutam a música do pássaro. Esse fato pode expressar a presença da figura de linguagem metonímia, que usa um elemento para expressar um conjunto. Nesse caso, a figura do aluno representa todos os alunos da sala. Enquanto a matemática binária do professor era esquecida, a brincadeira chama a atenção de toda a classe e todos brincam.

Et huit et huit à leur tour s'en vont
et quatre et quatre et deux et deux
à leur tour fichent le camp
et un et un ne font ni une ni deux
un à un s'en vont également.

Os números vão embora e todas as crianças ficam juntas na brincadeira, como em um sonho. A imaginação se volta para a vontade das crianças. Elas ficam livres.

Et l'oiseau-lyre joue
et l'enfant chante
et le professeur crie:
Quand vous aurez fini de faire le
pitre!
Mais tous les autres enfants
écoutent la musique
et les murs de la classe
s'écroulent tranquillement.

Nesta parte, podemos interpretar que o leitor imagina uma festa fantasticamente caótica, enquanto todos os alunos se divertem, o professor grita, mas a música das crianças não para de tocar. Magicamente, as paredes da escola e os artefatos escolares começam a se desfazer, silenciosamente:

Et les vitres redeviennent sable
l'encre redevient eau
les pupitres redeviennent arbres
la craie redevient falaise
le porte-plume redevient oiseau.

Consideramos a parte mais emocionante do poema quando os móveis e os objetos voltam a sua matéria-prima: o vidro da janela volta a ser areia, a tinta a ser água e a caneta bico de pena volta a ser um pássaro. Em nossa interpretação, essa cena remete à beleza de pensar na vida que há em tudo: nos artefatos construídos a partir da natureza para fins comerciais e utilitários. Na imaginação do aluno, tudo se desmancha e volta a ser natureza.

A CRÍTICA

É visível que na estrutura do poema há uma certa caricatura do professor, ela é expressa por meio das repetições dos números (*Deux et deux quatre/ quatre quatre huit/ huit et huit font seize*) e da fala "*Répétez, dit le maître*", que é utilizada para mostrar que os alunos não correspondem aos estímulos do professor, que se esforça para ensinar as somas, mas não gera aproveitamento.

É um poema que retrata e critica um tipo de ambiente escolar, comum e prejudicial, pois, apesar de ser notável que a metodologia não funciona com os

alunos, o corpo pedagógico prefere negligenciar esse problema ao invés de solucioná-lo, criando um ambiente estressante e sem lógica, porque os alunos não conseguem atingir seu objetivo, que é aprender os conteúdos introduzidos pelo professor. Assim, esse poema é muito interessante, uma vez que muitas escolas lidam com esse problema. A criança não aprende e não é inserida de maneira satisfatória. Dessa forma, o poema evidencia um problema que muitos alunos e professores vivenciam no cotidiano.

En sortant de l'école

O poema *En sortant de l'école*, que pode ser traduzido como “Saindo da escola” em português, é mais um dos poemas de Jacques Prévert que tem como foco principal a relação entre o aluno e o ambiente escolar. Parecido com *Page d'écriture*, esse poema explora elementos fantásticos, ao representar uma viagem imaginária. Trata-se de uma viagem imaginária na saída da escola, pelo mundo todo, em um trem dourado:

En sortant de l'école
nous avons rencontré
un grand chemin de fer
qui nous a emmenés
tout autour de la terre
dans un wagon doré

Na primeira parte, é narrado o começo da viagem, “na saída da escola, nós encontramos uma grande ferrovia, que nos levou ao redor de toda a Terra, num trem dourado”.

Tout autour de la terre
nous avons rencontré
la mer qui se promenait
avec tous ses coquillages
ses îles parfumées
et puis ses beaux naufrages
et ses saumons fumés

“Ao redor da Terra, nós encontramos o mar que estava andando com suas conchas, suas ilhas perfumadas, e então seus belos naufrágios e seus belos salmões defumados”. Ao sair da escola, o aluno realiza uma viagem fantástica ao mar, consegue conhecer e visualmente explicar todas as belezas marítimas.

Au-dessus de la mer
 nous avons rencontré
 la lune et les étoiles
 sur un bateau à voiles
 partant pour le Japon
 et les trois mousquetaires
 des cinq doigts de la main
 tournant ma manivelle
 d'un petit sous-marin
 plongeant au fond des mers
 pour chercher des oursins
 Revenant sur la terre
 nous avons rencontré
 sur la voie de chemin de fer
 une maison qui fuyait
 fuyait tout autour de la Terre
 fuyait tout autour de la mer
 fuyait devant l'hiver
 qui voulait l'attraper

Acima do mar, ou seja, no céu, ele encontra a lua e as estrelas. A viagem, que começa num trilho de ferro, chega a ser interplanetária, e esses corpos celestes estão indo ao Japão. Voltando à Terra em um submarino, ela caça ouriços no mar e volta ao trilho de ferro. Já no trilho, encontra uma casa que estava fugindo: “fugiu pelo mundo todo, estava fugindo do inverno que queria pegá-la”.

Mais nous sur notre chemin de fer
 on s'est mis à rouler
 rouler derrière l'hiver
 et on l'a écrasé
 et la maison s'est arrêtée
 et le printemps nous a salués

O aluno corre atrás do inverno e o esmaga. A casa para e ele conhece a primavera com ela. Ele evita que o inverno chegue para poder aproveitar e conhecer a primavera, acontecimento que pode ser interpretado como a vontade da criança em adiar as experiências desprazerosas inevitáveis da vida.

C'était lui le garde-barrière
 et il nous a bien remerciés
 et toutes les fleurs de toute la terre
 soudain se sont mises à pousser
 pousser à tort et à travers
 sur la voie du chemin de fer
 qui ne voulait plus avancer
 de peur de les abîmer

A primavera agradece a criança e a estação começa. Flores crescem por toda parte e a ferrovia para, com medo de ser danificada. Assim, agora que a criança já experienciou o novo, ela está pronta para voltar à normalidade da vida, ao ordinário.

Alors on est revenu à pied
à pied tout autour de la terre
à pied tout autour de la mer
tout autour du soleil
de la lune et des étoiles
A pied à cheval en voiture
et en bateau à voiles.

Sem o trem, mas com a determinação de sempre, a criança volta por todo o caminho, a pé, a cavalo, de carro e veleiro. Ela passa pela volta, pelo amadurecimento e aceitação de que o fantástico sempre termina.

A análise

Sendo um poema estruturalmente simples, tendo versos que são curtos e as frases que seguem uma estrutura coloquial – com sujeito, verbo e predicado (*Nous avons rencontré un grand chemin de fer* (Nós encontramos um grande trilho de ferro)), o poema fala sobre o voltar da escola, ou sair da escola, mas pode ser analisado de vários modos: como se tratasse sobre o abandono escolar, sobre o amadurecimento, sobre os vários medos que nós sentimos quando crescemos. Dessa forma, ele retrata os temas mais caros de Prévert: a infância, a espontaneidade, o amor pela natureza, a abstração, o poder da imaginação e, sobretudo, a liberdade.

Podemos trazer à reflexão qual é a relação entre viajar e o título: “Saindo da escola”. Antes do começo do poema, o aluno, supostamente, está na sala de aula, e, como se trata de uma obra feita por Prévert, sabemos que há uma crítica ao ambiente, que geralmente é entendido como uma prisão ou um local de opressão, onde o aluno tem uma tendência de fugir, seja mentalmente ou fisicamente. Prévert, nesses poemas, sempre retrata os alunos desinteressados e os professores caricaturizados, de uma forma que o leitor entende que o ambiente não é favorável ao aluno, pois ele parece sempre estar querendo fugir (mentalmente e/ou fisicamente).

No poema “Saindo da escola”, o aluno foge desse lugar para viajar, podendo ser interpretado como se estivesse mentalmente matando aula. Se, por um lado, estar na escola é como se manter inerte, só podendo se deslocar ou falar se houver autorização, por outro lado, o poema “Saindo da escola” remete ao final da aula, ao movimento e à alegria de viver e de existir fora de um ambiente controlado.

É possível estabelecer uma relação entre o poema *Page d'écriture* e o poema *En sortant de l'école*, pois os dois dialogam com as ideias apresentadas: a fuga da aula, os devaneios em sala, a vontade de sair da escola. Em *Page d'écriture*, o aluno está em uma sala de aula monótona e, em *En sortant de l'école*, ele parece ter acabado de sair da sala. Dessa maneira, pode-se interpretar uma cronologia entre os dois poemas, como se um antecedesse o outro e juntos criassem uma história.

Diversas normas e regras regulam a sala de aula. A resposta mecânica, “sim, Senhor(a)!” , por exemplo, é subvertida no poema *En Sortant de l'école*, porque, nesse poema, temos um poema emotivo, sem “amarras”: o aluno sai da escola sozinho, sem precisar cumprir regras. Desse modo, esse poema descreve justamente o que traz o título: o momento de saída da escola. Da alegria que toma as crianças ao final das aulas. Nessa poesia, a criança viaja livremente ao final das aulas, porém, embora a viagem descrita na obra mostre a separação do ambiente da escola e o ambiente fora da escola, ela remete, em vários momentos, aos conteúdos trabalhados durante as aulas. Um exemplo dessa análise é a terceira estrofe, que diz: “*Au-dessus de la mer/ nous avons rencontré/ la lune et les étoiles/ sur un bateau à voiles/ partant pour le Japon/ et les trois mousquetaires des cinq doigts de la main/ tournant la manivelle d'un petit sous-marin /plongeant au fond des mers/ pour chercher des oursins*”. Ela delimita um espaço da viagem que a criança vivencia e mostra alguns dos assuntos trabalhados na escola, geralmente, nas aulas de Geografia, que exercitam a imaginação da criança, pois ela trabalha com a imagem dos espaços para entender os conteúdos.

Sob essa óptica, essa estrofe consegue descrever a rota encontrada nos livros de geografia, atlas e mapas das aulas, trazendo a recordação do aprendizado em sala, com ilustrações para exercitar a imaginação dos alunos. Dessa forma, o aluno está em uma viagem, fora da escola, como se estivesse de férias ou matando aula, mas a escola ainda está nele, em sua memória, pois a impressão que se tem é de que ele acabou de sair de uma aula de geografia, existindo a dualidade de querer se livrar dos conteúdos repassados em sala de aula, mas ao sair da escola utiliza-se desses mesmos conteúdos para exercitar sua imaginação.

Sabemos que são jovens que saíram da escola e entraram em uma viagem, mas também pode significar que elas fugiram, fisicamente ou mentalmente, da sala de aula. Mas pode também ter sido um sonho ou elas podem ter de fato saído da escola, como o criador do poema fez: Jacques Prévert abandonou a escola aos 14 anos.

Sair da escola, tal como aparece no poema, pode também ser interpretado como concluir uma etapa da vida escolar. Dessa maneira, o sair da escola pode estar relacionado com a conclusão escolar, o rito de terminar a escola e começar outra etapa de ensino ou, ainda, começar a fase adulta, enfrentar as adversidades da vida, vencer obstáculos, amadurecer. A este respeito, Freud, em seu artigo “Escritores criativos e devaneios” (1996), trata da imaginação e fantasias contidas nas brincadeiras infantis como sendo o desejo da criança de se tornar adulta. Nas palavras de Freud:

O brincar da criança é determinado por desejos: de fato, por um único desejo - que auxilia o seu desenvolvimento -, o desejo de ser grande e adulto. A criança está sempre brincando ‘de adulto’, imitando em seus jogos aquilo que conhece da vida dos mais velhos (Freud, 1996, p.137).

E é isso que parece acontecer no poema: o aluno viaja e passa por várias adversidades que o fazem amadurecer. Por exemplo, no trecho *“Revenant sur la terre/ Nous avons rencontré/ Sur la voie du chemin de fer/ Une maison qui fuyait/ Fuyait tout autour de la terre/ Fuyait tout autour de la mer/ Fuyait devant l’hiver/ Qui voulait l’attraper/ Mais nous sur notre chemin de fer/ On s’est mis à rouler/ Rouler derrière l’hiver/ Et on l’a écrasé/ Et la maison s’est arrêtée* (Voltando à terra/ Nós conhecemos/ Na ferrovia/ Uma casa fugindo/ Fugindo por toda a terra/ Fugindo por todo o mar/ Fugindo do inverno/ Quem queria pegá-la/ Mas nós na nossa ferrovia/ Começamos a rolar/ Rolando atrás do inverno/ E nós esmagamos/ E a casa parou)”, a criança precisa vencer a dificuldade que ela encontrou, sem pedir ajuda – esse exemplo pode ser entendido como um traço de amadurecimento dela, porque a necessidade de continuar no seu trajeto a ensinou a lidar sozinha com os seus problemas, se adaptando.

No entanto, precisamos pensar também na importância da escola no poema. Logicamente, para sair da escola, precisamos antes estar nela. A satisfação do aluno na hora de sair se dá pelo fato de ter vivido os momentos monótonos do cotidiano escolar, as insatisfações que dão sabor à satisfação. A respeito disso, Freud, em seu artigo “O Mal-estar na civilização” (Freud, 1996, p. 84), escreve que os seres humanos:

Esforçam-se para obter felicidade; querem ser felizes e assim permanecer. Essa empresa apresenta dois aspectos: uma meta positiva e uma meta negativa. Por um lado, visa a uma ausência de sofrimento e de desprazer, por outro, à experiência de intensos sentimentos de prazer. [...] O que decide o propósito da vida é simplesmente o programa do princípio do prazer.

Assim, entende-se que o propósito da vida humana, para Freud, é uma constante busca pela felicidade. As pessoas querem ser felizes e assim permanecer, porém, precisamos do contraste de momentos de desprazer para que os de prazer existam. Precisamos de momentos de adversidade, de dificuldade, de frustração, de tristeza para sabermos o que é o contraponto desses momentos.

Um outro aspecto que podemos analisar nesse poema é a presença de uma figura de linguagem chamada “personificação”, que é a atribuição de características humanas a seres não humanos ou inanimados. Ela ocorre na figura da ferrovia e é outro fator textual importante. A personificação da ferrovia pode ser exemplificada no trecho *“Sur la voie du chemin de fer/ Qui ne voulait plus avancer/ De peur de les abîmer* (Na ferrovia/ Que não queria mais avançar/ Com medo de ser danificada), pois ela é uma personagem, tendo consciência de danos e perigos, e tendo o papel de direcionar a viagem, levar a criança até onde ela deseja. Mas quem está conduzindo? Quem é o personagem condutor da história? O poema não deixa claro, assim, cumpre ao leitor interpretar.

Em nossa análise sobre a personificação da ferrovia, tomamos a utilização do verbo *emmener*, que significa tomar, transportar, para nos guiar. Parece-nos que a ferrovia protege as crianças das adversidades e indica o rumo da viagem.

Mas a pergunta permanece: quem conduz o trem? Será a própria ferrovia? Será o eu lírico, que se mantém anônimo, que explora as possibilidades e dificuldades das crianças, que escuta a voz das crianças que clamam por liberdade? O poeta sempre manifesta os pensamentos que são calados: ele traz o pássaro para brincar, e leva o trem para viajar com a criança; ele mostra que existe a imaginação, existe a contradição, que existe a própria criança.

Observa-se o crescimento das crianças no poema, pois, como supomos, o sujeito do verbo *emmenar* parece ser a ferrovia ou o eu lírico, mas na quarta estrofe as próprias crianças se tornam os sujeitos dos verbos, dando rumo à viagem. Na estrofe: [...] *et on l'a écrasé/ et la maison s'est arrêtée /et le printemps nous a salués*, a primavera agradece às crianças e não à ferrovia; elas se transformam.

Depois da viagem, da exploração de lugares até fora da terra, as crianças aprendem a respeitar e a cuidar do planeta. Elas parecem ter desenvolvido uma sensibilidade à natureza, temendo prejudicá-la, como mostram as estrofes seguintes: [...] *et toutes les fleurs de toute la terre/ soudain se sont mises à pousser/ pousser à tort et à travers/ sur la voie du chemin de fer/ qui ne voulait plus avancer/ de peur de les abîmer*.

Assim, vemos que os grandes sonhadores do começo, ingênuos, saindo com grandes expectativas, sem receios, tem um desenvolvimento pessoal importante, voltam conscientes sobre os cuidados com a natureza e o mundo em volta. Agora eles enxergam através da placa de “não pise na grama”, apesar de terem visto na escola e nos livros que precisarão viver para aprender.

O final do poema descreve o retorno da viagem, mas não é o fim da exploração, é só o começo. As crianças retornam pela ferrovia, refazem o trajeto, mas não é igual; elas não são mais as mesmas, mudaram (*Alors on est revenu à pied/ à pied tout autour de la terre/ à pied tout autour de la mer/ tout autour du soleil/ de la lune et des étoiles/ À pied à cheval en voiture/ et en bateau à voiles*).

Esse retorno é contado no tempo verbal pretérito perfeito, a ação é realizada e findada, e não se trata simplesmente de retornar, mas o processo de retornar. A expressão “voltamos a pé” reforça a duração desta última ação do poema. A expressão “a pé” é repetida quatro vezes em sete linhas, trazendo a sensação da monótona lentidão do retorno. O ritmo do começo foi mágico, rápido, entre ondas e nuvens, mas o retorno é cansativo e lento, como ir e voltar para escola ou crescer e envelhecer. Quando jovens, as experiências parecem mais frenéticas, passam rápido e quase não nos lembramos delas. Porém, já mais velhos, o processo se torna lento e repetitivo, como no poema. Dessa maneira, entende-se que não se trata somente de um poema sobre uma viagem surrealista, podemos refletir sobre o amadurecimento e a dor que ele traz: a dor pela nostalgia de não poder retornar ao começo, o aprendizado de cada experiência e como aproveitamos essas pequenas partes que compõem o todo, a vida.

Les Grands Inventions

Mais um poema de Prévert que analisa as relações entre os professores e os alunos, mas este é diferente. Ele se passa em um ambiente escolar e parece representar a visão do professor, o que é comum a outros poemas, mas nesse aparece um diálogo, que critica o comportamento do aluno. Tem um começo curioso, fazendo referência a um armário e às lebres dentro de gavetas. No início, o leitor pode se perguntar o significado de lebres dentro de gavetas em uma sala de aula. Mas logo compreende que se trata dos alunos. O professor colocou os alunos em gavetas nos armários. Esse fato está relacionado possivelmente com a frustração que ele aparenta ter em relação a seus alunos: eles não o ouvem e não conseguem se comunicar de forma satisfatória.

O poema começa com o professor narrando que os alunos, chamados de lebres, estão no fundo da gaveta do armário congelados para refrescar a memória, mas não se lembram de nada (*Il y a un lièvre dans chaque tiroir et chaque lièvre dans le froid rafraîchi comme un fruit glacé comme un marron glacé se trouve comme ça soudain plongé dans son passé mais ils ne se rappellent rien du tout*). Este fato pode ser interpretado como uma alusão à prática do castigo escolar, como quando, por exemplo, um aluno fica de castigo em certo local por ter um comportamento considerado inadequado ou por não saber a lição.

Apartir dos conflitos de sala de aula, o professor tem a ideia de criar dispositivos com o objetivo de ensinar de forma unânime. Ele quer criar uma estratégia para que todos os alunos aprendam da forma que ele acha que deve ser. Dessa forma, ele instala objetos na sala para a melhoria do controle do tempo, como um relógio e uma ampulheta, mesmo assim os alunos não correspondem ao que ele espera, gerando uma sensação de desespero ao professor, que é indicado no poema como sendo um estado de desencorajamento (*Et voilà ce bon professeur/ qui rêve d'une machine à perfectionner le civet/ Mais tout de même/ il se secoue il lutte contre le découragement*).

Podemos entender esse acontecimento como se fosse um ciclo repetitivo: o professor se esforça para ensinar os alunos, e eles não correspondem. Esse desespero leva o professor a tentar reinventar seu modo de ensinar para que ele tenha um retorno satisfatório, mas, como ensinar e aprender não é uma receita de bolo, apenas alguns (quando muito) correspondem a esse modelo desejado pelo professor. A ideia do professor parece um tanto quanto irracional, sabemos que não funciona e ele ainda insiste, por não saber da ineficiência dela. O professor não considera a conhecida advertência: “Insanidade é continuar fazendo sempre a mesma coisa e esperar resultados diferentes”. Apesar de tentar inventar várias formas de ensinar, ele acaba ficando no mesmo método de ensino, esperando resultados homogêneos de sujeitos diferentes. Mas por que o professor insiste nesse modelo?

Podemos analisar o poema de dois ângulos: o do aluno e o do professor. Como vínhamos discutindo o comportamento do aluno, vamos entender a lógica por trás da forma de ensinar do professor. Por que existe a prática da disciplina?

Por que disciplinar? Segundo o dicionário Oxford, a disciplina pode ser entendida como uma obediência às regras e normas, ou como uma conduta que assegura o bem-estar/bom funcionamento dos indivíduos. Se pensarmos na disciplina dos alunos nos poemas prévertianos, entendemos que, da mesma forma que ela é para ser seguida e não questionada, os alunos não entendem o motivo de segui-las, e, conseqüentemente, não seguem. O comportamento dos alunos fica ligado ao mundo imaginário. Os alunos vão para o mundo das ideias, pois este é livre e tem sentido para eles. Mas como isso é prejudicial à instituição? Ou até mesmo à sociedade?

A respeito disso, Alfredo Veiga-Neto, em seu livro “Foucault & a Educação”, explica a visão de Foucault em relação à disciplina. Nas palavras de Veiga-Neto (2007, p. 67):

Foucault mostra também que a docilização do corpo é muito mais econômica do que o terror. Esse leva à aniquilação do corpo; aquela mobiliza o corpo e retira-lhe a força para o trabalho. Assim, se o terror destrói, a disciplina produz.

Trazemos à reflexão que o funcionamento da escola e sua relação com a disciplina são fatores concomitantes. A disciplina gera o bom funcionamento da escola, sendo o parâmetro do fazer ensinar. Esse bom funcionamento da escola permite que novos trabalhadores sejam formados, instruídos, e, dessa forma, a sociedade é orquestrada. Os alunos, quando disciplinados, estudam, aprendem e vão para o mercado de trabalho para sustentar a pirâmide capitalista e fazer a sociedade funcionar, como bons cidadãos. Mas e quando existe a divergência dos alunos “rebeldes”? Sem a disciplina, a instituição e até mesmo a sociedade se desorganizam, e isso pode representar uma ameaça ao “bom” funcionamento do organismo social.

Dessa forma, entendemos que a disciplina precisa existir para que o funcionamento das instituições se mantenha. Mas os alunos, por si só, não querem ser disciplinados, não é algo natural. O respeitar o professor pode ser entendido porque o professor é mais velho que o aluno, então há a hierarquia natural da sala de aula, mas e a norma? A norma não é uma pessoa, ou algo que pode ser tocado ou visto. A norma deve ser entendida para ser seguida, porém os alunos não a entendem, ninguém explica o porquê das coisas nos poemas, por que o aluno deve repetir o professor no *Page d'Écriture*? Por que o aluno deve ficar parado no *Les Grandes Inventions*? Os alunos parecem não saber a resposta dessas perguntas.

Após ser ignorado, o professor cansa de insistir na turma de alunos e diz para eles fazerem o que quiserem (*n'en font qu'à leur tête*). Desse modo, os alunos saem brincando, girando, e o professor começa a chorar. Quando ele percebe que está chorando, se recompõe, retomando a postura em sala. O professor pergunta: Lebres, vocês vêm de onde? Descendem do quê? (*Professeur allons faites un petit effort lièvres souvenez-vous descendez-vous du singe ou bien du kangourou*). O professor tenta explicar a genealogia dos alunos, mas eles não sabem dizer sua ascendência. Ele se esforça para que os alunos entendam e novamente não há retorno.

Apesar do esforço do professor, os alunos não interagem com ele da forma como ele quer. Ele chama, pergunta, coloca os alunos num armário, chora, e nada acontece. E por quê? De onde vem a vontade de ignorar do aluno? Essa indisposição na escola é causada pela forma de pensar dos alunos ou pela própria escola?

Como discutido previamente, a escola visa a disciplina dos alunos, moldando seus corpos para uma docilização, para que eles sigam uma norma de forma obediente. Mas existe uma diferença entre corpos dóceis e corpos obedientes, como Veiga-Neto (2007, p. 73) explica:

Em primeiro lugar, dizer que a disciplina fabrica corpos dóceis não significa dizer que ela fabrica corpos obedientes. Falar em corpos dóceis é falar em corpos maleáveis e moldáveis; mas não se trata, aí, de uma modelagem imposta, feita à força. Ao contrário, o que é notável no poder disciplinar é que ele “atua” ao nível do corpo e dos saberes, do que resultam formas particulares tanto de estar no mundo -no eixo corporal-, quanto de cada um conhecer o mundo e nele se situar no eixo dos saberes.

Apesar dos pesares, existe a vontade do aluno e, por isso, Foucault chama a instituição escolar (e várias outras) de instituições de sequestros: os corpos são sequestrados e moldados, e isso acaba gerando uma rebeldia. Como o filósofo François Ewald apresenta em seu livro “Foucault: A Norma E O Direito” (2000, p. 51):

A escola “foi sendo concebida e montada como a grande - mais ampla e universal - máquina capaz de fazer, dos corpos, o objeto do poder disciplinar; e assim, torná-los dóceis”, a escola é, depois da família, a instituição de sequestro pela qual todos passam o maior tempo de suas vidas, no período da infância e da juventude.

Podemos entender que talvez a rebeldia do aluno seja causada pela mesma disciplina que tenta moldá-lo. Se houvesse uma conscientização, ao invés de um modelo “faça silêncio, sente-se direito e preste atenção”, provavelmente, teríamos mais do que alunos entediados com uma única preocupação: o horário de ir embora.

O poema parece trazer pela fábula da lebre e da tartaruga: a imagem dos alunos, contada pelo professor (*souvenez-vous du jour/ du fameux jour/ où la tortue est arrivée avant vous*). Trata-se da história de uma lebre muito segura de si, que acaba perdendo uma competição com uma tartaruga por pura prepotência e preguiça. De forma semelhante, os alunos são lebres, se formos fazer uma ligação. Os alunos, por não terem interesse nas aulas e não se lembrarem das respostas, podem ser vistos como a lebre da fábula, tendo um comportamento preguiçoso; e o professor pode ser retratado como a tartaruga, com uma persistência notável.

Humoristicamente, o professor, depois de cansado com o comportamento dos alunos, se senta no chão e imagina uma invenção para preparar guisados (*Et voilà ce bon professeur/ qui rêve d'une machine à perfectionner le civet*). Guisados estes feitos de lebre, curiosamente. Como esperado, Prévert traz humor em meio a uma crítica.

O professor se levanta e sacode, espantando o sono, para corrigir as provas, que estão todas erradas, os alunos erraram tudo... Ele corre para pegar as lebres, mas elas derreteram do congelamento e foram embora. Chegou a primavera, as férias, e os alunos foram embora. Eles foram, mas as gavetas ficaram, aqueles alunos daquela turma se foram, mas chegarão os novos alunos. Todas as lebres de novo, com sede ou não de aprender, ignorando ou descobrindo uma habilidade em certa área; e o professor entende, isso é a vida, é o ensinar. Mas, como esse modelo não funcionou, talvez sua reflexão seja questionável: o ensinar é realmente pregar um modelo igualitário, sendo que cada pessoa é um universo?

O poema traz, então, a reflexão de que a aprendizagem é singular e subjetiva e que essa ideia de querer que os alunos aprendam da mesma forma, ao mesmo tempo, desrespeita a individualidade de cada um. Alunos podem ser rápidos, lentos, engraçados ou reservados, mas todos precisam do seu tempo; todos precisam ser enxergados como constelações que têm suas próprias normas e regras, suas próprias grandes invenções.

Concluindo, os alunos ficam “congelados”, ou seja, retidos, presos até poderem brincar. Eles, inconscientemente, ligam a ideia de escola como um espaço de interagir com outras crianças e ignorar o professor e as aulas. É um comportamento muito comum em alunos mais novos e até entre os mais velhos. Sempre tem o aluno engraçado, que tem uma piada na ponta da língua, ou o “aluno problema”, que arranja confusão com seus pares e/ou professores. Dessa forma, o poema retrata a postura inconsciente do aluno em interação no ambiente escolar e critica a postura dos professores diante da falta de preocupação com as diferenças dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar obras do poeta francês do século XX, Jacques Prévert, sendo elas três poemas. Depois que escolhemos as obras, houve a necessidade de estabelecer uma pergunta de pesquisa para que tivéssemos um eixo norteador. Assim, escolhemos a pergunta: “como as obras do escritor se relacionam com o ambiente escolar?”. Essa pergunta delimitou o que nós pesquisariamos, e, dessa forma, começamos a buscar onde conseguiríamos dados relacionados. Começamos a pesquisar os poemas em muitos sites franceses, lemos blogs sobre o autor, pensamos em autores em que pudéssemos buscar citações, até que as análises ficassem, finalmente, interessantes e autênticas.

O trabalho foi fundamentado em muita escrita, leitura e conversa. Nós discutimos muitos significados e fizemos muitas correções até chegarmos o mais perto do que nós acreditamos, do que pensamos ser “cabível” ou pertinente. O nosso processo de escrita foi livre, tentamos seguir as normas do trabalho, porém, encontramos dificuldade para adequarmos a nossa forma de escrita e pensamento, porque acreditamos que o trabalho fica mais inteligível se ele tiver análises em todo o corpo do trabalho, sempre ilustrando o que nós queremos dizer e de onde nós

tiramos aquela análise ou por que escolhemos tal citação. Logicamente, subvertemos algumas normas, mas obtivemos um resultado satisfatório como pesquisadoras e idealizadoras da pesquisa.

Em um primeiro momento, nós pesquisamos sobre o autor para entender as obras dele, isso facilitou o entendimento sobre as análises, mas tivemos desafios: entender a linguagem poética por si só não é uma tarefa fácil, e, em um idioma que não é sua língua materna, essa produção se torna ainda mais trabalhosa. Desse modo, encontramos dificuldades para analisar, para achar materiais pertinentes e confiáveis e, sobretudo, para enquadrar a pesquisa no modelo requerido.

Essa última dificuldade, como já mencionada, é resultado do nosso processo de escrita ser inverso às regras de produção do modelo de escrita do Trabalho de Conclusão do Ensino Médio (TCEM), pois as análises estão em todo o corpo do trabalho. Logo, encontramos dificuldade para analisarmos as obras de forma fragmentada, só em determinados lugares, pois a melhor forma de compreender esse trabalho, na nossa opinião, está na presença de análises em todas as repartições, de forma fluida, “livre”. Curiosamente, nós fizemos o que o poeta sempre pregava, escrevemos – mesmo sob o risco de o trabalho ser corrigido como “errado” – da nossa forma, subvertendo as regras.

Como mostrado, temos como resultado da pesquisa as nossas análises, as apresentações que nós fizemos da pesquisa, os novos conhecimentos obtidos pela pesquisa, a expansão do léxico do idioma francês e, sobretudo, o aproveitamento que nós tivemos enquanto pesquisadoras, por concluir a pesquisa. Ficamos muito contentes com a conclusão dessa pesquisa, e não nos arrependemos pela escolha do tema e dos autores. Os conhecimentos que obtivemos aqui expandem sobretudo a nossa cosmovisão, nos tornando mais críticas ao enxergamos o mundo e as relações dele.

REFERÊNCIAS

CREESE, A. E. S. **L’oiseau dans Paroles de Jacques Prévert: Symbolisme et structure**. Chimères, 19 (2), 61–80, 1988. Disponível em: < <https://doi.org/10.17161/chimeres.v19i2.6438> >. Acesso em: 2 out. 2023.

DALLENBACH, Lucien. **Intertexto e autotexto. Intertextualidades: Revista de Teoria e Análises Literárias**, Coimbra, n. 27, p. 51-76, 1979.

DE PINA, Luís. **Les Enfants Du Paradis/1945: (“Os Rapazes da Geral”)**. [s.l.], 7 set. 2021. Disponível em: <http://www.cinemateca.pt/CinematecaSite/media/Banners/2021-09-07_LES-ENFANTS-DU-PARADIS_5.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2023.

EN SORTANT DE L’ÉCOLE (TRADUÇÃO) - **Alain Souchon**. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/souchon-alain/en-sortant-de-lecole/traducao.html>>. Acesso em: 25 set. 2023.

EWALD, François. **Foucault, a norma e o direito**. Trad.: Antônio Fernando Cascais. Lisboa: Vega, 1993.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: história das violências nas prisões**. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

FREUD, Sigmund. **Obras completas de Freud: O Mal-estar na Civilização v. XXI**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

FREUD, Sigmund. **Obras completas de Freud: Escritores criativos e devaneios**. v. IX. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

JUNECOOPER. **Lecture analytique: Page d'écriture de Jacques Prévert**. Bac Français: Essaysclub France, 2018. Disponível em: <<https://fr.essaysclub/Archives-du-BAC/BAC-Fran%C3%A7ais/Lecture-analytique-Page-d%C3%A9criture-de-Jacques-Pr%C3%A9vert-23474.html>>. Acesso em: 29 nov. 2021.

LES ENFANTS DU PARADIS. **Direção de Marcel Carné**. Roteiro: Jacques Prévert. Paris, 1945. (190 min.), son., P&B. Legendado. Disponível em: <https://archive.org/details/les-enfants-du-paradis-1945>. Acesso em: 19 dez. 2021.

LES GRANDES INVENTIONS. **France: Jacques Prévert, Penguin, 1946. Poème**. Disponível em: <https://www.wikipoemes.com/poemes/jacques-prevert/les-grandes-inventions.php>. Acesso em: 15 mar. 2022.

PRÉVERT, J. **En sortant de l'école**. Gallimard, 1963. Disponível em: <http://www.unjourunpoeme.fr/poeme/en-sortant-de-lecole>. Acesso em: 25 set. 2023.

PRÉVERT, J. **Les grandes inventions**. Gallimard, 2000. Disponível em: <https://www.wikipoemes.com/poemes/jacques-prevert/les-grandes-inventions.php>. Acesso em: 25 set. 2023.

PRÉVERT, J. **Page D'écriture**. Gallimard, 1946. Disponível em: <https://lesvoixdelapoesie.ca/lire/poemes/page-decriture>. Acesso em: 25 set. 2023.

PAGE d'écriture de Jacques Prévert: texte et analyse: **II- Analyse du poème "Page d'écriture"**. II- Analyse du poème "Page d'écriture". 2019. Elaborada por Interlettre. Disponível em: <https://interlettre.com/bac/683-page-d-ecriture-de-jacques-prevert-texte-et-analyse>. Acesso em: 29 nov. 2021.

"PAGE D'écriture". **Roteiro: Marion Lacourt**. Paris: Tant Mieux Prod, 2014. (3 min.), color. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Lc_FyNpvaJw. Acesso em: 30 nov. 2021.

VEIGA-NETO, A. **Foucault & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.



Concepção da Natureza Humana: Uma Análise da História de Anakin Skywalker e a Filosofia Rousseauiana

Evelyn Rayane Alves Ribeiro

Discente egressa (2024) do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE/UFG).

Evandson Paiva Ferreira

Docente Associado do Departamento de Filosofia do Centro no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE/UFG).

Resumo: A presente pesquisa busca analisar com base na história de Anakin Skywalker – personagem da saga Star Wars – a natureza humana, colocando em pauta a evolução do personagem até se tornar Darth Vader, um dos maiores vilões do universo cinematográfico. Para tal análise é tomada como referência a fala de Jean-Jacques Rousseau, que afirma que o sujeito é bom por natureza, mas a sociedade o corrompe. Tem-se como objetivo fazer um estudo sobre as condições que influenciam uma pessoa a se tornar “má”. Logo, procura-se recorrer a uma análise da problemática desde o nascimento do indivíduo. E para isso a metodologia que foi utilizada no estudo é a bibliográfica, tendo como base a filosofia rousseauiana, e, também, a análise fílmica de Star Wars, principalmente os seis primeiros episódios da saga, onde são apresentadas a evolução de Anakin Skywalker. Deste modo, vemos o personagem ir de uma criança boa a um adulto vingativo. Tal temática foi trabalhada buscando entender quais são os fatores presentes na sociedade que moldam o caráter do sujeito. Portanto, a monografia busca estudar a condição humana, e problematizar a razão do ser e do comportamento humano, analisando em que momento da vida do indivíduo a moral é estabelecida e observar a forma como isso afeta a vida em sociedade. Assim é possível entender que a maldade não surge junto com o sujeito ao nascer; ao contrário, a moral e suas ideias são constituídas ao longo da sua formação.

Palavras-chave: Anakin Skywalker; Rousseau; natureza humana; Star Wars.

INTRODUÇÃO

Tendo em perspectiva os estudos realizados acerca do caráter do indivíduo, mais precisamente as ideias levantadas por Rousseau sobre o sujeito, a presente pesquisa busca compreender a forma como as ideias de maldade e violência envolvem a sociedade e interferem na formação do caráter do indivíduo.

Deste modo, para que possamos compreender estas relações, analisamos a jornada de Anakin Skywalker até se tornar um dos heróis-vilões mais simbólicos da cultura popular, e cruzando um paralelo com as ideias de Rousseau sobre o indivíduo e a sua relação com o meio social. A pesquisa, ao apresentar os conceitos explicados por Rousseau sobre o homem natural e o cidadão social, busca compreender de onde surge a corrupção do caráter do indivíduo e o que gera a violência e a maldade tão presente na vida social. Sendo assim, o tema em questão foi abordado não apenas por interesse pessoal no desenvolvimento do personagem Anakin Skywalker, mas também visando compreender e analisar quais são os fatores presentes na sociedade que moldam o caráter do sujeito. Subsequentemente, a

presente pesquisa se propõe a examinar o estudo da condição humana feito por Rousseau, o qual reformula os conceitos de educação e propõe a forma ideal da educação do homem no Emílio.

Portanto, para que fosse possível chegar em uma conclusão, ainda que não dê conta de toda a complexidade do agir humano, as perguntas que nortearam a pesquisa se voltaram para a condição humana, buscando compreender a singularidade do ser humano: o que torna o indivíduo mal? Seria possível compreender de onde surge a desigualdade e os preconceitos presentes no caráter do indivíduo? E ainda, foi questionado na pesquisa, tomando Rousseau como a referência principal, se todas essas questões seriam inerentes ao ser, ou esses aspectos formados derivam-se das condições em que o sujeito é colocado? Enfim, nascemos maus ou a moral é algo meramente social?

Desse modo buscaremos estabelecer quais as relações do homem natural e do homem civil, analisado por Rousseau, e o desenvolvimento moral do personagem da saga cinematográfica Star Wars, Anakin Skywalker, buscando, então, a partir deste pensar a formação moral do indivíduo.

Para esta pesquisa foram analisados os seis primeiros filmes da saga Star Wars, a fim de compreender melhor o personagem Anakin Skywalker e sua formação moral, desde os aspectos positivos aos negativos. Fomos ao encontro do pensamento rousseauiano para buscar os elementos filosóficos que nos ajudassem a pensar toda estas questões que passam pela educação, política e condição do humano ontem e hoje. Portanto, a presente pesquisa se baseou em duas metodologias distintas: a análise fílmica e a pesquisa bibliográfica.

Sendo assim, ao realizar a pesquisa bibliográfica foram lidos três principais ensaios de Rousseau: O Discurso Sobre a Origem da Desigualdade, O Contrato Social e Emílio ou da Educação, sendo o último o ensaio norteador da pesquisa. Uma vez que entendemos a sociedade a partir da visão de Rousseau, buscamos compreender o Emílio como indivíduo e a forma na qual o filósofo se propõe a preservar seu aluno.

Para além disso, o ponto mais importante para seguir a análise visa entender o Emílio, visto a necessidade de ir além da ideia de um indivíduo corrompido e pensar como seria o sujeito bem-educado, livre e preparado para lidar com o mundo real, corrompido pela vida social. Feito isto, passamos a investigar o personagem Anakin Skywalker, uma figura que marcou gerações através da cultura popular.

Ao visar a compreensão da essência de Anakin, foram assistidos os filmes da saga Star Wars, dando um foco maior para a compreensão dos três primeiros capítulos da história contada, pois são nesses primeiros episódios no qual entendemos qual a origem deste personagem. E nos três últimos vemos quem ele se tornou, numa jornada de herói a vilão.

Os primeiros filmes de Star Wars em questão foram: *Episódio I: ameaça fantasma* (1999); *Episódio II: Ataque dos Clones* (2002); *Episódio III: A vingança dos Sith* (2005). Esses filmes, cuja história foi escrita por George Lucas, contam a história do personagem Anakin Skywalker, desde sua infância até a sua simbólica

morte. Desta forma, para melhor compreensão e com o intuito de facilitar a relação que a pesquisa visa traçar entre Skywalker e o Emílio foi feita uma linha temporal que continha cada evento importante da vida de Anakin.

Após isso foi feita uma análise dos episódios IV, V e VI da saga Star Wars que foram respectivamente intitulados de: *Uma nova esperança*; *O império Contra-ataca* e *O retorno do Jedi*. Nesses filmes pode-se observar a forma na qual a maldade humana se instaura em Anakin (que passa agora a se chamar Darth Vader).

Com o intuito de responder às questões que foram levantadas na presente pesquisa acerca da natureza do indivíduo, foi elaborada uma linha do tempo, pensando em todas as ações e situações da vida de Anakin que mais influenciaram em quem ele se tornou. Subsequentemente a isso fizemos um paralelo com todas as falas e observações de Rousseau em seus estudos sobre o homem natural e civil.

JEAN-JACQUES ROUSSEAU: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A FORMAÇÃO DO CARÁTER HUMANO

Jean-Jacques Rousseau nasceu em Genebra, na Suíça, em julho de 1712, sua mãe foi a óbito durante o parto, o que resultou em uma infância acompanhada por seu pai, que era um relojoeiro. Tendo seu destaque no século XVIII, Rousseau atualmente é considerado um dos filósofos mais importantes ao se pensar no Iluminismo – que foi uma corrente filosófica que buscava pensar sobre o papel emancipador que a educação e a ciência exerciam para a libertação das pessoas. Paralelamente a essas ideias, os pensadores que compunham esse movimento alegavam que todos poderiam romper com o obscurantismo do senso comum e das tradições, tendo a racionalidade um papel libertador.

Neste sentido, as investigações sobre a formação do caráter individual e coletivo ganham novo relevo, tendo na educação o principal agente na criação do homem novo. Sobre isto, o próprio Rousseau (1999, p. 189) diz: “é um espetáculo grandioso e belo ver o homem sair, por seu próprio esforço, a bem dizer do nada; dissipar, por meio das luzes de sua razão, as trevas nas quais o envolveu a natureza”.

Sua primeira obra publicada foi um texto escrito para um concurso de redação da Academia de Dijon em 1750. As obras do filósofo, tiveram como ponto central questões que percorriam desde a educação até as questões políticas da época, em que Rousseau sempre buscava evidenciar as necessidades do homem as questões sociais que o cercavam.

Transcorrendo toda a movimentação política e cultural que cercava a Europa no século XVIII, Rousseau fez parte dos filósofos contratualistas – aqueles que defendiam que o Estado e a vida social não eram inerentes à natureza humana, mas o resultado de um pacto/contrato entre o Estado e a sociedade civil. A obra *Contrato Social*, de Rousseau, ainda que não tenha sido uma asserção formal, teve um grande impacto na vida em sociedade, sendo uma fórmula designada de como os indivíduos poderiam formar uma sociedade que fluísse de forma harmônica (Bertagnoli, 2022).

Jean-Jacques Rousseau foi um grande crítico da sociedade e conjuntamente o pensador impactou também no ramo da literatura e da educação pensando na condição humana e levantando alguns pontos sobre a índole dos homens. Ao desenvolver em suas obras o conceito do homem no eixo natural e civil, diferenciando e contextualizando tais conceitos o filósofo nos apresenta um novo plano social. Além de ponderar sobre as questões morais do ser, ele também buscou compreender a sociedade em si, mostrando em que momento o indivíduo natural se torna um indivíduo social. Essas mudanças e a asserção da sociedade civil é narrada pelo filósofo no “Discurso sobre a origem da desigualdade.”

O Estado da Natureza em Rousseau

Rousseau escreveu o Discurso sobre a origem da desigualdade em 1750, num momento histórico em que a questão da origem da vida social como criação histórica estava posta e constituição da subjetividade individual era posta como algo para além do epistemológico, mas também como um objeto político.

Permeando questões sociopolíticas, Rousseau escreve o Discurso a fim de se aprofundar no indivíduo social, e pensar como este surge como conceito, destacando fundamentalmente a origem da desigualdade em contraposição à igualdade dada pela natureza.

Eu quisera viver e morrer livre, isto é, de tal modo submetido às leis que eu nem ninguém pudesse sacudir o honroso jugo, esse jugo salutar e doce, que as cabeças mais altivas carregam tanto mais docilmente quanto são feitas para não carregar nenhum outro. Eu queria, pois, que ninguém, no Estado pudesse impor alguma que o Estado fosse obrigado a reconhecer (...)
(Rousseau, 2001, p.13).

Para pensarmos sobre a desigualdade social entre os indivíduos é inevitável voltar-se primeiramente para o conhecimento acerca do sujeito. Transcorre-se, portanto, a necessidade de compreender a subsequente condição do ser desde a sua primazia no estado natural.

No *Discurso sobre a origem da desigualdade*, Rousseau levanta questões sobre o estado natural do indivíduo e a mudança do mesmo para o estado civil. Deste modo, é discutido pelo filósofo a ideia do homem no estado de natureza, de modo em que Rousseau busca conservar algumas características do homem natural, buscando assim estabelecer o homem sobre novas circunstâncias, onde a liberdade natural e bem-estar seriam preservadas pelo Contrato social. Para pensarmos sobre a desigualdade social entre os indivíduos é inevitável voltar-se primeiramente para o conhecimento acerca do indivíduo

Ao apresentar os conceitos do sujeito natural e social, o filósofo coloca o ser humano em seus primeiros segundos de vida, como o indivíduo natural – sujeito esse que seria bom por natureza. Obstante a isso, o indivíduo social seria corrompido pela sociedade, de modo que, ao ter esse contato com o meio, suas vontades e pensamentos seriam alvos de opiniões e malícias externas.

Sendo assim, Rousseau coloca o estado natural não como um fato histórico, mas como um conceito que nos ajuda a ver o indivíduo como uma ideia clara, sem todas as camadas da vida social que o encobrem e impedem o pensador de ver o que é o homem.

No *Discurso*, o filósofo segue observando o lado metafísico e moral do indivíduo, notando como o sujeito reconhece a liberdade que possui e como isso o diferencia dos animais. Destaca a forma como os conceitos e as necessidades são construídas pela sociedade civil, uma vez que, o indivíduo natural não possuía motivos para se preocupar com a morte, ou se preocupar com coisas banais, tendo em vista que, era sujeitado a poucas paixões e sentia somente as suas verdadeiras necessidades (Rousseau, 2001).

Assim vemos que o sujeito no estado de natureza vive na natureza e é solitário. Ele é caracterizado por dois sentimentos: o amor de si, que é próprio dele, para conservar a sua natureza, e a piedade natural (François, 2022). Ao pensar na piedade natural em seu ensaio filosófico, Rousseau dimensiona um sentimento natural, que seria anterior a qualquer reflexão. E isso se dá devido ao fato de que para Rousseau, a piedade seria uma virtude extremamente útil ao indivíduo, proporcionando o surgimento da “feliz comunidade primitiva”. Acerca da piedade natural, Cunha diz: “Rousseau, ao assegurar a piedade como sentimento natural, sustenta a bondade natural do homem” (Cunha, 2010, p. 89).

E quando temos a socialização desses indivíduos, eles se tornam fracos e temerosos. Fisicamente, perdem sua habilidade e sua coragem, tal como a sua força moral e metafísica também são extintas (François, 2022). Deste modo, Rousseau mostra a transição do indivíduo do estado natural para o estado civil, apontando que a busca pelo aperfeiçoamento da própria subsistência foi um fator de extrema influência para esse distanciamento do sujeito do seu estado natural.

É a partir da necessidade que o indivíduo tem de sobreviver que ele busca formas mais fáceis de se proteger, pensando em se alimentar de forma mais eficiente, por exemplo, ele passa a armazenar alimentos. Com o frio, passa a se pensar em uma forma de ter uma moradia melhor e recursos para se aquecer, deste modo, tem-se a aplicação da sobrevivência plena sendo priorizada. Portanto, para se saciar, os obstáculos que impediam a sobrevivência segura e plena precisam ser vencidos.

Mas, logo, surgiram dificuldades; foi preciso aprender a vencê-las: a altura das árvores que o impedia de alcançar os frutos, a concorrência dos animais que também procuravam nutrir-se, a ferocidade dos que queriam sua própria vida, tudo o obrigou a aplicar-se aos exercícios do corpo; foi preciso tornar-se ágil, rápido na carreira, vigoroso no combate (Rousseau, 2001, p. 92).

Vemos que, ao visar a própria sobrevivência, o sujeito passa a se preocupar cada vez mais com formas de aperfeiçoamento com base nas suas condições. Por conta desta nova realidade que os indivíduos que moram em regiões litorâneas

buscam aperfeiçoar a pesca com a criação de varas e anzóis, aqueles que antes possuíam moradias simples, passam a fazer o uso de argila para o aprimoramento de suas construções e assim por diante, como indicado por Rousseau (2001). Com isso também surge o estabelecimento do convívio social, uma vez que os indivíduos percebem que ao se estabelecerem em grupos fica mais fácil sobreviver. Rousseau, contrariando toda a tradição aristotélica, afirma, com isso, que viver em sociedade não é da nossa natureza, mas uma necessidade construída em parte pela condição de nossa espécie, frágil fisicamente, mas hábil intelectualmente.

E como consequência da união do grupo social, surge a necessidade do sujeito de buscar ser melhor e se aprimorar. Assim é dito por Rousseau que onde se tem um grupo de casas, por exemplo, o indivíduo busca ter a melhor, e o que antes era para suprir uma questão de sobrevivência, com a criação da sociedade privada passa a ser uma competição.

Durante o percurso do progresso, alguns fatos tinham marcado o rompimento do homem com seu estado de natureza. E o momento que o filósofo considerava para isso era o nascimento da propriedade privada. Para Rousseau, o nascimento da propriedade privada favoreceu completamente o desaparecimento do estado de natureza. As características naturais do ser humano como a tranquilidade de vida, o ser natural 'e a liberdade natural passaram a ser substituídos pela ganância, competitividade e outras características que a nova vida civil vem trazendo. Para Rousseau, todos esses câmbios mudaram a realidade do homem. O ser (a essência) e o não ser (a aparência) foram substituídos. A essência foi substituída pela aparência. A verdade da realidade que antes era facilmente notada foi substituída pela obscuridade. (François, 2022, p. 13).

Podemos observar que é a partir desse ponto que os vícios e preconceitos tomam conta das pessoas, que começam sua busca por possuir algo melhor que o seu próximo, poia “cada um começa a olhar os outros e a querer ser olhado por sua vez, e a estima pública tem um preço” (Rousseau, 2001, p. 100). Sendo assim, Rousseau mostra como os vícios e os preconceitos passam a ser presentes no meio civil, e temos o surgimento da desigualdade.

O Emílio: Rousseau e a Importância da Educação como Formador do Caráter Humano

Emílio ou da Educação é uma obra literária de extrema importância, escrita por Rousseau em 1762. A obra conseguiu ser revolucionária para sua época, período esse em que o romantismo, um importante movimento literário e cultural, estava ganhando cada vez mais destaque na Europa. Deste modo, *Emílio* ou da *Educação* passa por vários campos, tendo em vista que a obra, por sua vez, pode ser classificada como um ensaio filosófico e como romance pedagógico. Em ambos, a questão que atravessa a obra é a mesma: o humano pode ser moldado tanto no aspecto intelectual quanto no moral, a depender do contexto e da pedagogia a ser adotada. O homem novo do Iluminismo é um projeto real.

Tendo como ponto de partida a proposta de sociedade apresentada na obra *O Contrato Social*, levanta-se a necessidade de apresentar um novo indivíduo, que estaria em harmonia com as novas leis sociais (Garcez, 2022). Portanto, Rousseau mostra ao leitor como consistiria na educação ideal de uma pessoa, e o que deveria ser feito para livrar esse sujeito dos vícios e preconceitos impostas pelo corpo civil e retomar seu estado natural a partir de uma nova perspectiva.

Dividindo o livro em cinco partes, Rousseau busca apresentar ao leitor um personagem imaginário: o Emílio, uma criança que teria a intervenção do filósofo em sua educação. Assim, seriam atribuídas características ao personagem pelo próprio autor, vendo quais pontos seriam mais convenientes para que a criança pudesse trilhar o caminho proposto:

(...) a idade, a saúde, os conhecimentos de todos os talentos convenientes para trabalhar a sua educação e conduzi-la desde o momento do seu nascimento até que, já não homem, não mais precise de outro guia que não ele mesmo (Rousseau, 1995, p. 28).

Ao dividir o livro, Rousseau permite que o leitor acompanhe a criação de Emílio desde a educação de zero a dois anos, até a sua independência, buscando mostrar que o verdadeiro estudo apresentado na obra é o da condição humana (Rousseau, 1995).

O livro I trata da educação de zero a dois anos de idade e debate a importância da mãe como a primeira preceptora, bem como a importância do preceptor seguinte, a qual Rousseau sugere que, caso não seja o pai, seja então um amigo próximo a ele. O livro II trata, em suma, da educação bem regrada e da educação negativa, propostas para a idade que vai de dois a doze anos. No livro III é abordado a evolução de Emílio, dentre novas propostas educativas por parte do autor. O livro IV trata da educação na idade das paixões, isto é, enquanto o aluno está no meio termo – não é criança, mas também não está na puberdade ainda –, e termina com o surgimento de Sofia, que vem a ser a futura namorada e esposa de Emílio. No livro V, portanto, Rousseau traz considerações acerca da educação feminina, relacionando com exemplos que se destinam a Sofia; e a educação masculina, a qual se volta a Emílio (Garcez, 2022, p. 10).

Ao seguir o estudo, o filósofo dialoga com os conceitos do indivíduo natural e do sujeito civilizado, apresentados no *Discurso sobre a Origem da Desigualdade*. É dito por Rousseau:

O homem natural é tudo para ele; é a unidade numérica, é o absoluto total, que não tem relação senão consigo mesmo ou com seu semelhante. O homem civil não passa de uma unidade fracionária presa ao denominador e cujo valor está em relação com o todo, que é o corpo social. (Rousseau, 1995, p. 13).

Deste modo, Rousseau busca conservar Emílio dessa unidade fracionária e dos vícios impostos pela sociedade, carregando consigo uma ideia contraditória acerca dessa educação, uma vez que é dito por ele que para formar esse “homem raro” seria necessário impedir que nada seja feito. Ao direcionar-se ao indivíduo na ordem social, o filósofo alega que a “educação só seria útil na medida em que sua carreira dialogue com a vocação dos pais; em qualquer outro caso ela é nociva ao aluno” (Rousseau, 1995, p. 15). Voltando-se para o indivíduo na ordem natural, Rousseau descarta a carreira de seu aluno, preocupando-se apenas em ensinar um único ofício: viver.

Ao ler as obras de Rousseau se faz necessário entender que não é possível retornar ao estado natural de forma plena. Deste modo, ao pensar no estado natural do sujeito, o filósofo busca conservar o Emílio da corrupção causada pelo corpo civil, passando pelo início da infância de seu aluno, e dando seguimento visando explicar as relações que ele possui com o mundo ao seu redor.

Sendo, portanto, a educação uma arte, torna-se quase impossível que alcance o êxito total, porquanto a ação necessária a esse êxito não depende de ninguém. Tudo o que pode fazer, à força de cuidados, é aproximar-se mais ou menos da meta, mas é preciso sorte para atingir (Rousseau, 1995, p. 11).

Pensando nesse sujeito estabelecido no eixo natural, Rousseau buscou iniciar a obra apresentando a importância da mãe na educação do indivíduo em seus primeiros anos de vida, uma vez que é dito por ele: “Nascemos fracos, precisamos de força; nascemos desprovidos de tudo, temos necessidade de assistência; nascemos estúpidos, precisamos de juízo” (Rousseau, 1995, p. 10).

A partir dessa perspectiva é possível notar a ideia de que o indivíduo abandonado seria o mais desfigurado de todos e corrobora-se que a forma mais adequada de fazer com que todos se atenham a seus deveres seria começar pelas mães, de modo que ao pensarmos nesse papel exercido pela preceptora basta raciocinar: não havendo mãe não há filho. Mãe não é apenas um aspecto biológico, mas ela é vista como uma espécie de instituição social, que encarna os valores e preconceitos da sociedade.

Neste sentido, Rousseau destaca o seu papel de educadora e reprodutora dos valores sociais. Portanto, também a mãe deve passar por uma educação que a emancipe. Na perspectiva rousseauiana, molda-se o caráter do ser na infância, de modo em que se pode notar a importância que esse período tem na vida de Emílio. Sendo assim, é na infância em que se compreende que a lição de moral construída neste período é a de nunca fazer mal a ninguém.

Rousseau busca ensinar seu aluno deixando-o livre, para que aprenda a lidar com os limites que a própria vida lhe impõe. Consequentemente, ao crescer livre, sendo chamado primeiramente para a vida, mesmo que o destino buscasse desviar Emílio de seu curso, ainda assim ele estaria em seu lugar.

É o caso, por exemplo, do hábito das plantas cuja direção vertical se perturba. Em se lhe devolvendo a liberdade, a planta conserva a inclinação que a obrigaram a tomar; mas a seiva não muda, com isso, sua direção primitiva; e se a planta continuar a vegetar, seu prolongamento voltará a ser vertical (Rousseau, 1995, p. 12).

Ao dimensionar a educação de seu aluno, Rousseau transforma a pedagogia e ressignifica a concepção que se tinha acerca da infância. Pensando em um aspecto educacional que fugisse do simples ofício, o filósofo passa a evidenciar a necessidade que o sujeito tem de viver. Pensar na educação no contexto em que Rousseau vivia, era colocar o sujeito como um adulto desde seus primeiros anos de vida, por isso nota-se a forma como o filósofo rompe com esse sistema educacional que era vigente na época.

Uma vez que nesse período da história o aluno não era considerado um sujeito, mas apenas um receptáculo de informações e esses conhecimentos eram todos transmitidos de forma verbal, se distanciando de formas educacionais próximas ao universo infantil (Wendt; Dalbosco, 2012).

(...) é exatamente no século XVIII que a imagem da infância mudou, devido à instalação de uma valorização e reorganização dos comportamentos educativos, desencadeando uma preocupação da sociedade em procurar novos métodos de educar e escolarizar as crianças (Camargo; Moro, 2000, p. 111).

Ao fazer uma crítica a esse modelo logo nas primeiras páginas de seu ensaio filosófico, Rousseau nomeia os colégios da época e a educação da sociedade como cuidados perdidos. Deste modo, ao pensar em um indivíduo educado nos termos do escritor do Emílio, é pensar em um sujeito livre e com o seu potencial colocado em evidência, buscando colocar como uma importante etapa da infância do indivíduo a relação do mesmo com o meio, sem que haja uma interseção do educador. Rousseau (1995) busca, portanto, estabelecer a liberdade do sujeito desde os seus primeiros momentos de vida.

No modelo educacional apresentado por Rousseau em seu ensaio filosófico, é na relação com o meio que o sujeito tem sua moral sendo desenvolvida e sua liberdade sendo exercitada.

Como a criança aprende interagindo com o meio, moldando seu comportamento através do processo tensional de ação e reação junto aos objetos físicos e aos traços culturais e sociais que lhe vêm ao seu encontro, é de fundamental importância que o educador conheça suas potencialidades e seus limites, exatamente na fase em que o educando se encontra, e, mais do que isso, seja capaz de criar o ambiente pedagógico necessário para mobilizar o desenvolvimento biológico, humano e social de seu educando, ao mesmo tempo em que, ao fazer isso, estará construindo a si mesmo como ser humano. (Wendt; Dalbosco, 2012, p. 238).

Sendo assim, é possível acompanhar a seguinte linha de raciocínio de Rousseau ao que se diz respeito à elaboração da liberdade do indivíduo: Desde a infância é preciso que a criança corra, pule e grite quando tem vontade, uma vez que o indivíduo não tem desejos inúteis (Rousseau, 1995). Não deixar a criança flutuar entre suas vontades seria, para o filósofo, a pior das educações.

Instrutores insensatos pensam realizar maravilhas tornando-se más para ensinar-lhes o que seja bondade; e depois nos dizem gravemente: assim é o homem. Sim, assim é o homem que fizestes. Experimentaram todos os instrumentos, menos um, o único precisamente que pode dar resultado: a liberdade bem regada (Rousseau, 1995, p. 77).

Sendo assim, acerca da liberdade conclui-se que para Rousseau (1995) um dos caminhos para o êxito da educação do sujeito é o estabelecimento da liberdade individual desde a sua infância, buscando deixar a criança em plena liberdade de exercer sua travessura, lembrando-se de afastar delas tudo o que pode ser frágil e precioso.

ANAKIN SKYWALKER: A FORMAÇÃO DO CARÁTER DE UM VILÃO-HERÓI EM STAR WARS

Para pensar na natureza do indivíduo e em como a sociedade interfere em seu caráter, a presente monografia busca fazer um paralelo entre Rousseau e a história de Anakin Skywalker (ou como todos popularmente o conhecem: Darth Vader, um dos vilões mais conhecidos na cultura popular). Assim como foi estudada a condição humana através do Emílio, estudaremos no protagonista dos primeiros episódios de Star Wars e analisaremos a forma como a corrupção do ser se dá no indivíduo. Em vista disso, para compreendermos a ideia da corrupção de uma pessoa, procura-se entender o que leva o indivíduo ao seu estado de corrupção do caráter. Deste modo, levando-se em consideração a educação dada a Emílio por Rousseau, busca-se também entender quem foi Anakin Skywalker como indivíduo.

Quem foi Anakin Skywalker

Infância

Para iniciarmos esse paralelo, assim como Rousseau (1995) buscou acompanhar os primeiros passos de seu aluno, também se visa uma compreensão da infância de Anakin Skywalker. O filósofo, nos primeiros capítulos de Emílio ou da educação diz: “vós os contrariais desde o nascimento; o primeiro presente que recebem de vós são algemas; os primeiros tratos que experimentam são tormentos” (Rousseau, 1995, p.18). Ao trazermos essa relação para a história de Skywalker também pode-se presenciar os “tormentos” de sua infância. Uma vez, que até mesmo o escritor do universo de Guerra Nas Estrelas, George Lucas, define a história como a “tragédia de Darth Vader”.

Desta forma, vale ressaltar que o personagem nasceu da escravizada Shimi Skywalker. Não sendo possível ao certo identificar como foi concebido, Skywalker era nascido sem pai, e assim como sua mãe ele também era escravizado.

Na condição de escravo, os primeiros anos da vida de Anakin, são usurpados pelo trabalho e pela necessidade de querer ser livre e libertar a sua mãe. Assim, o pequeno desenvolve habilidades excepcionais como as de pilotar naves e as de construir andróides, como o C-3PO (Couto; Silva, 2017, p. 530).

Desde jovem Skywalker se revelou como sendo um prodígio. Tendo habilidades excepcionais de pilotagem e de engenharia, ele foi o responsável por construir o droide de protocolo C-3PO, que foi desenvolvido com a intenção de ajudar a sua mãe. A partir disso, desde a infância, percebe-se a relação de afeto e carinho que ele tinha para com a sua mãe. Acerca desse tipo de relação, entre mãe e filho, Rousseau (1995) faz observações logo nos primeiros capítulos de seu ensaio alegando que a solicitude materna não se supre. Observando que quando não se há mãe, não há filho, o filósofo defende que o estado natural do indivíduo irrompe desde a primazia dos laços maternos. Sendo a mãe a primeira educadora de uma criança.

Aos nove anos de idade Anakin Skywalker conhece o Jedi Qui-Gon Jinn, seu Padawan 'Obi-Wan Kenobi, e a Jovem Padmé Naberrie. Qui-Gon foi uma das figuras de maior importância para que a jornada de Skywalker se iniciasse, uma vez que foi ele quem indicou o jovem para se tornar um Jedi, e pressupõem que seria Anakin o protagonista de uma das profecias mais importantes do universo fictício Star Wars, a qual dizia que um nascido sem pai seria responsável por restaurar o equilíbrio da força.

No episódio I, Anakin aparece como uma criança prodígio, marcada por um forte traço da energia que movimenta o universo Star Wars (doravante "força"). Ele foi treinado, em sua adolescência, para ser um cavaleiro Jedi pelo mestre Obi Wan Kenobi e, ao longo de sua iniciação, demonstra ser muito poderoso (Couto, Silva, 2017, p. 530).

Mas, para além do universo fictício, ao pensarmos nessa condição do indivíduo em que desde cedo lhe é imposto o que ele seria ou deveria ser, vemos o próprio Rousseau (1995) discordar de tal comportamento, uma vez em que ele busca ensinar para o Emílio um único ofício: o de viver. Não se busca trazer um curso para o aluno semelhante ao ofício dos pais, muito menos prendê-lo em uma só cena. Pelo contrário, busca-se educar o indivíduo para que ao lidar com desafios ele possa lembrar de sua moral aprendida durante seu trajeto enquanto aluno.

O jovem Skywalker, após uma série de acontecimentos, foi liberto da cravidão e recebeu o convite de Qui-Gon para se tornar um Jedi. De tal modo, Anakin deixando sua mãe em Tatooine seguiu viagem até o conselho Jedi, onde o Mestre

1 Em termos simples, "Padawan" se referia aos jovens aprendizes dos cavaleiros Jedi, que eram guiados e ensinados por mestres mais experientes e consequentemente mais melhores.

Qui-Gon, apresentou Skywalker e pediu para o conselho a autorização de treinar o jovem, entretanto tal pedido foi negado, uma vez que Anakin já havia passado da idade mínima e ainda sentia muita falta de sua mãe.

Deste modo, pensa-se: até em qual ponto seria possível conservar o indivíduo dessa corrupção social? Rousseau ao educar o Emílio, busca conservar seu aluno dos vícios da sociedade e inicia a jornada da educação ideal desde os primeiros segundos de vida do sujeito. (Rousseau, 1995, p. 43).

Outro exemplo da forma na qual é buscado ensinar um indivíduo enquanto ainda criança nos é apresentado no filme “O Retorno do Jedi”, onde o mestre Yoda diz para Luke: “Você deve desaprender o que aprendeu” e essa fala se dá em um contexto em que Luke se encontra já em uma idade mais avançada e está sendo treinado e educado por Yoda. Assim vemos que é instruído para Luke que ele deixasse de lado as ideias que lhe fora ensinado ao decorrer de sua vida. Em “Star Wars Episódio II: Ataque dos Clones” Yoda também é o autor da seguinte frase: “Sem dúvidas, maravilhosa a mente de uma criança é.”

Mais tarde, o mestre Jedi Qui-Gon Jinn é morto em uma batalha e o último pedido que ele faz para seu Padawan, Obi-Wan, é que ele treine Anakin Skywalker. E após tais circunstâncias, Obi-Wan apresenta o pedido ao conselho Jedi que acaba concedendo. E a partir deste ponto vemos a jornada de Anakin como Cavaleiro Jedi se iniciar. Desta forma, retoma que em praticamente todos os estágios da vida de Skywalker existe uma pessoa orientando e dizendo o que ele deveria fazer.

Um grande fator que influenciava no curso da vida de Anakin, ao ter alguém lhe orientando, está voltado para a forma na qual o universo cinematográfico de Star Wars funciona. Tem-se, portanto, uma sociedade monarca estabelecida por relações hierárquicas. E o conselho Jedi também traça essa relação de hierarquia, de modo em que os mais sábios sempre estavam acima e tinham ensinamentos para passarem.

A morte de Anakin Skywalker

Desde que Anakin era uma criança, diversos personagens que compunham o círculo social no qual era pertencente, demonstravam interesse no jovem. A partir disso, um ponto a se destacar: não pensavam em quem Anakin era, mas quem ele se tornaria. Deste modo, nota-se a forma como todos que estão em volta do jovem buscam de alguma forma o criar para si, seja educando um forte Jedi que salvaria todos, ou alguém que destruiria todos.

Ao analisar a “Jornada do Herói”, que consiste na trajetória de um personagem em uma obra, sendo está dividida em dezessete etapas, tendo três principais pontos: A partida, A Iniciação e O Retorno (Manera; Vadicol, 2011, p. 4). Os autores mostram que até mesmo nessa trajetória há uma espécie de guia na vida do herói:

Essa parte corresponde ao exato momento em que Obi-Wan Kenobi ensina os princípios e fundamentos básicos da Força e o manejo de um sabre de luz ao protagonista dentro da nave Millenium Falcon (cena vinte e sete: “Treinamento com Sabre de Luz”) (Manera; Vadicol, 2011, p. 5).

Pensando nessa dimensão, onde tem-se diversas pessoas buscando ditar quem Anakin se tornaria, podemos interrogar: o que seria a melhor coisa a se fazer para ter um indivíduo bem-educado? Para Rousseau a melhor opção seria não fazer nada, pois fazer alguma coisa significa educar segundo os valores sociais que corrompem a bondade natural. Mesmo tentando traçar um caminho ideal para a educação do sujeito, ainda assim não é possível limitar ou impor um destino certo.

Ao pensarmos na possibilidade de conservar o indivíduo de acontecimentos ruins e situações que lhe trariam sofrimento, Rousseau vai ser contra intervir nessas situações. Desta forma as adversidades da vida são postuladas pelo filósofo não como uma forma de abandono ou de punição para com o Emílio, mas sim como uma forma de chamar antes de tudo o seu aluno para a vida. Buscando assim, não impor um futuro certo para a criança como profissional, mas garantir que ele aprendera a desfrutar a vida.

É preciso, portanto, generalizar nossos pontos de vista e considerar em nosso aluno o homem abstrato, o homem exposto a todos os acidentes da vida humana. Se os homens nascessem arraigados ao solo de um país, se a mesma estação durasse o ano todo, se cada qual se prendesse a seu destino de maneira a nunca poder mudar, a prática estabelecida seria boa até certo ponto; a criança educada para sua condição, dela não saindo nunca, não poderia ser exposta aos inconvenientes de outra (Rousseau, 1995, p. 16).

Em paralelo a isso, ao acompanhar a jornada de Skywalker nota-se que em diversos momentos ele passou por significativas situações que lhe trouxeram um misto de emoções. Ao acompanhar o seu declínio, um dos ocorridos de maior importância a se pontuar é a morte de sua mãe, que causa uma reação de extrema violência em Anakin, que devido ao ódio e a vontade de se vingar acaba matando todo o grupo envolvido no sequestro de sua mãe. Passando por esse cenário, Skywalker que estava apaixonado por sua esposa, que estava grávida, passa a se sentir disposto a fazer qualquer coisa para manter o que resta da sua família em segurança.

Porém, ao longo do episódio II “Ataque dos Clones” notamos atitudes de Anakin que o caracterizam como anti-herói. “O anti-herói é amiúde um agitador e um perturbador. A concomitante crítica de conceitos heróicos subentende estratégias de desestabilização e (...) comporta implicações éticas e políticas.” (Brombert, 2002, P. 14-15). O primeiro momento em que identificamos uma atitude desse tipo é na cena trinta e dois, (“Acampamento de Tusken”) do segundo filme dessa trilogia, quando Anakin volta para salvar sua mãe, que fora capturada pelo povo da areia. Contudo, como ela já estava muito fraca devido a seus ferimentos, acaba por morrer nos braços do filho, levando-o ao desespero. Movido pela raiva (o que era proibido para um Jedi), ele chega ao ponto de matar todos do acampamento, inclusive mulheres e crianças do povo da areia,

preso a pensamentos egoístas, numa espécie de vingança (Manera; Vadicol, 2011, p. 10).

Rousseau vai nos dizer que educar uma criança, de uma maneira em que se busca privar a mesma de sentimentos ruins seria uma forma insensata de agir. Pontuando que não é só ensiná-la a suportar a dor; é exercitá-la a sentir. (Rousseau, 1995, p. 59) Nessas dimensões pensa-se em como desde sua infância Anakin enfrenta desafios, mas nenhum comparados ao da vida adulta. Seus sentimentos, o amor e o medo de perder aqueles que ama, lhe conduz até sua ruína, de modo em que no filme *A vingança dos Sith*, Anakin perdeu tudo, sua esposa, sua mãe e sua racionalidade e empatia humana. O personagem é humano, e ainda que tenha, como diz Rousseau, perfectibilidade, característica propriamente humana, tem também a liberdade, que abre caminhos para o imponderável. Portanto, a educação não fecha um destino, mas cria balizas para o indivíduo se situar e definir suas ações. Em Anakin Skywalker assistimos a queda de um herói a vilão.

Após a análise das transformações do personagem nós nos deparamos com o momento em que Anakin se transforma em vilão. Uma boa definição que nos auxilia para termos uma noção mais nítida sobre o vilão é a do narratólogo Vladimir Propp (1984), que diz ser o vilão aquele que faz o mal e se opõe ao heroísmo, é uma pessoa contrária à moral e usa de meios escusos para obter o que quer. Ou seja, Anakin Skywalker deixa de ser um herói e torna-se um vilão porque sucumbe a um sistema e deixa de desenvolver a própria humanidade (Manera; Vadicol, 2011, p. 11).

É nesse filme que surge Darth Vader, e perde-se Anakin Skywalker.

Darth Vader

Com o passar dos anos Darth Vader se torna cada vez mais forte fisicamente, mas por outro lado passa a ser refém de manipulações externas e internas, cercado de ódio e movido pela sede de vingança. Ao pensar na condição humana de se perder do que, para Rousseau, seria uma bondade natural, ao ter o contato com todas as influências, pode-se cruzar a seguinte relação: à sociedade em certo ponto influenciou e criou Darth Vader.

Foi visto tantas pessoas querendo ditar para Anakin o que ele se tornaria, quem ele seria, e ainda assim vemos que ninguém foi capaz de prever com exatidão o futuro. Subsequentemente pode-se colocar em evidência que um indivíduo não é plantado como uma árvore em certa terra para nela sempre ficar. Aqueles que buscam partir de um extremo para chegar a outro são obrigados a fazer duas vezes o caminho, com o intuito de chegar à mesma meta daqueles que partem do meio do caminho.

Darth Vader, por sua vez, ainda possui o seu arco de redenção, retomando aos princípios morais que lhe foram ensinando enquanto ainda Anakin Skywalker. Vemos o amor paterno se materializando nos sentidos do vilão, e assim tem-se a sua morte heroica.

A consequência da ressignificação de Anakin Skywalker se estende para além de sua transição pelos tipos de personagem. Observando a antiga trilogia sob uma ótica em que a nova é considerada, podemos ao final da obra, apontar uma dupla jornada do herói, onde Anakin Skywalker, num instante, retorna à condição de herói e completa sua longa jornada junto com a de Luke. (Manera; Vadicol, 2011, p. 12).

Pensar em que momento o sujeito se torna mal é pensar em todo um processo de educação, é analisar toda uma história de vida. Não se trata de um maniqueísmo simplista. A maldade não passa de um fruto do corpo civil e somente a razão nos ensina a conhecer o bem e o mal. Uma criança, por exemplo, não possui sua moralidade formada, mas se constitui ao longo dos anos, e é a partir da consciência que o sujeito ama um e odeia o outro que ela ganha significado na vida do sujeito (Rousseau, 1995). Nessas dimensões é que se deve pensar que para o êxito da condição humana, visa-se entender e criar uma moralidade ideal.

Anakin se torna Darth Vader a partir da busca por poder e por força. Mas pensa-se que por trás do poder excedente existia um motivo: salvar aqueles que amava. Sendo assim, somos levados a questionar acerca de quem Darth Vader e o que lhe levou até esse estado. Teria sido a vontade de se tornar forte ou o medo de perder tudo? Esta ambiguidade revela camadas de sua humanidade. Não é somente um burocrata que adere a um regime de poder, mas um humano carregado de contradições que vão se revelando ao longo dos filmes. Por isso, vemos Rousseau abordar tanto a condição do indivíduo de aprender a sofrer e a lidar com as frustrações.

Ao compreender Darth Vader como indivíduo, somos provocados a pensar até que ponto uma boa educação influencia em quem o sujeito se torna, ou o que deixa de ser. Retomando o pensamento de Rousseau, ao citar o curso do crescimento das plantas, evidencia-se que quando o indivíduo possui raízes que colaboram para que ele seja bom e esteja mais próximo de seu estado de natureza. E deste modo, vemos que no filme intitulado O Retorno do Jedi, Darth Vader restaura em si a sua condição natural, recorda-se de sua bondade em meio a sua jornada, realizando em seus últimos segundos de vida um ato bom e um reflexo de quem um dia Anakin Skywalker foi.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deste modo, com base na filosofia de Rousseau e a ideia descrita pelo mesmo acerca da natureza do sujeito e das raízes da bondade humana –que por sua vez estariam contidas no estado natural do indivíduo, tem-se um paralelo das dimensões do caráter do sujeito com base na jornada do “herói-vilão” Anakin Skywalker.

Anakin acaba sendo um exemplo de extrema importância ao visar compreender o sujeito dentro dos parâmetros de Rousseau, uma vez que o personagem carrega consigo a ambiguidade do indivíduo sendo mal e bom em perspectivas variadas.

Portanto, a partir desses dois personagens que em primeiro plano são tão distintos, Emílio e Anakin retratam o que há de comum em todos os indivíduos: a dualidade do viver.

Portanto, com base no levantamento mostrado na presente pesquisa pode-se chegar na conclusão de que um indivíduo pode ser influenciado por ações recorrentes do meio que ele vive, entretanto o estudo da condição humana não é certo, uma vez que assim como vemos em Star Wars, em seus últimos atos Darth Vader acaba retornando a primazia dos sentimentos de Anakin, visando priorizar o bem de seu filho. Por mais influenciável que o sujeito seja, ainda seria incorreto delimitar uma margem para o agir do indivíduo.

Entretanto, pode-se concluir que a maldade não surge junto com o sujeito ao nascer, mas a moral e os seus ideais são moldados e formados ao longo de sua criação e de sua educação, seria incerto alegar que uma pessoa nasce boa, tanto quanto seria incorreto alegar que a mesma nasce mal.

REFERÊNCIAS

- ANAZ, S. A. L.; CERETTA, F. M. **Remitologização contemporânea: a (re) conciliação da ciência e da magia em “Guerra nas Estrelas”**. Galaxia (São Paulo, Online), n. 31, p. 130-143, abr. 2016.
- BEZERRA, G. C. **A piedade natural em Jean-Jacques Rousseau**. Colloquium Humanarum. ISSN: 1809-8207. V.7, n. 2. 2010.
- COUTO, E. K. N. N.; SILVA, A. N.; DOURADO, Z. **O controle moral na saga Star Wars: diálogos entre Michel Foucault e Gilbert Durand**. PERcursos Linguísticos, v. 7, n. 14, p. 523-541, 2017.
- FRANÇOIS, U. **Rousseau e a desigualdade social**. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Filosofia, Universidade Federal da Fronteira do Sul, Chapecó, p. 48, 2022.
- GARANHANI, Marynelma Camargo; MORO, Vera Luiza. **A escolarização do corpo infantil: uma compreensão do discurso pedagógico a partir do século XVIII**. Educ. Rev., Curitiba, n. 16, p. 109-119, 2000. Disponível em <http://educar.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602000000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 jul. 2024.
- MANERA, A. H.; VADICO, L. A. **O Vilão-Herói de Guerra nas Estrelas**. Revista Anagrama (USP), v. 5, p. 1-15, 2011.
- PRADO, F. **Rousseau – discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens**. Revista Paideia do Colégio Estadual do Paraná, [S. l.], n. 08, 2023. Disponível em: <https://www.seer-ojs.pr.gov.br/index.php/paideia-cep/article/view/104>. Acesso em: 2 fev. 2024.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio, ou, da educação**. Tradução: Roberto Leal Ferreira. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens.** 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **Do contrato social. Tradução: Lourdes Santos Machado.** Introduções e notas de Paul Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

SIQUEIRA, G. G. **A filosofia da educação na obra “O Emílio ou Da Educação” de Jean-Jacques Rousseau.** Trabalho de Conclusão de Curso — Escola de Formação de Professores e Humanidades, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiás, p. 50. 2022.

STARWARS, Anakin Skywalker, sd, disponível em: <https://www.starwars.com/databank/anakin-skywalker> Acesso em: 19 set. 2024.

WENDT, Cristiano Eduardo; DALBOSCO, Claudio Almir. **Iluminismo pedagógico e educação natural em Jean-Jacques Rousseau.** Educação. Santa Maria, v. 37, n. 02, p. 229-240, ago. 2012. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-64442012000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 jul. 2024.



Discurso de Ódio e Cyberbullying no League of Legends

Dmitri Lavrinha Simões

Discente egresso (2021) do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE/UFG), estudante do Curso de Ciências Biológicas na UNIP.

Allysson Fernandes Garcia

Docente Adjunto do Departamento de História do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE/UFG).

Resumo: Este trabalho tem o objetivo de identificar aspectos referentes ao *cyberbullying* e o discurso de ódio em jogos online. Por ser um ambiente muito vasto foram considerados apenas os eventos ocorridos nas partidas de *League of Legends*, o jogo mais jogado da atualidade, o que consideramos o melhor exemplo para este tipo de pesquisa. Foi realizada uma pesquisa qualitativa, a partir de estudos bibliográficos e da experiência do autor como jogador. Foi construído um questionário estruturado que foi compartilhado na comunidade de jogadores. Comparando os dados coletados com outras pesquisas percebe-se certa naturalização das práticas violentas, provavelmente relacionadas à homogeneidade da comunidade de jogadores.

Palavras-chave: *cyberbullying*; discurso de ódio; *league of legends*; jogos online.

INTRODUÇÃO

O acesso à internet vem se popularizando cada vez mais no Brasil e no mundo afora. Ano após ano o acesso à internet se expande no país. Em 2016, por exemplo, 67,4% dos brasileiros estariam conectados (Gomes, 2018), número que aumenta ano após ano. Junto à essa popularização da internet, surgiram novos fenômenos que antes estavam mais presentes na vida off-line. Um exemplo desses fenômenos é a formação de comunidades online, como por exemplo de jogos, músicas, etc., onde pessoas interagem com estranhos em busca de novos amigos, descobrir novos grupos musicais ou até mesmo descobrir novas estratégias para videogames.

Estas interações podem também acontecer momentaneamente, como no chat de um jogo online, onde jogadores discutem a melhor estratégia para levar a equipe à vitória. Porém, assim como na nossa sociedade, estas interações nem sempre são amigáveis. Quando estas relações acabam indo para o lado agressivo, temos a ocorrência do que se convencionou chamar de “*cyberbullying*”, ou seja, “violência intencional e dano infligido repetidamente por meio eletrônico” (Carvalho; Rocha, 2016, p. 54). Uma das principais formas de “*cyberbullying*” é o discurso de ódio, que são aqueles que se dirigem “a estigmatizar, escolher e marcar um inimigo, manter ou alterar um estado de coisas, baseando-se numa segregação” (Schäfer; Leivas; Santos, 2015).

Um dos espaços onde há grande incidência de *cyberbullying* são os bate papos de jogos online, principalmente de jogos competitivos, pois estes chats

possibilitam a comunicação direta entre pessoas desconhecidas, o que pode gerar estranhamento entre os indivíduos, assim iniciando um conflito.

Nesta pesquisa foram abordados somente casos de *cyberbullying* no jogo *League of Legends*, um dos jogos mais populares do mundo inteiro (Carvalho; Rocha, 2016), com 30 milhões de usuários registrados em 2013. Como consequência de sua popularidade, é um dos jogos com mais casos de *cyberbullying* e discurso de ódio. Buscamos entender os tipos de *cyberbullying*/discurso de ódio e o que a Riot Games, desenvolvedora do *League of Legends*, tem feito para tentar controlar ou combater este fenômeno nocivo e evitar que ele aconteça no jogo.

Nesse sentido, o objetivo da pesquisa foi identificar os tipos de *cyberbullying* e discurso de ódio presentes no *League of Legends*, discutir as consequências deste evento em suas vítimas e no jogo como um todo e, por fim, analisar as formas que a Riot Games utiliza para combater o discurso de ódio e *cyberbullying* dentro do jogo.

A metodologia empregada constituiu-se na pesquisa de artigos, livros e textos acadêmicos sobre *cyberbullying* e discurso de ódio de maneira geral e no âmbito das plataformas online. Aliado a esta, realizou-se uma pesquisa de campo de tipo qualitativa, onde foram aplicados questionários online com jogadores para averiguar a ocorrência e a frequência deste fenômeno. Para tal, foi disponibilizado um link para que os usuários respondessem às questões através da plataforma “survio.com”.

Os questionários foram divulgados em páginas do Instagram referentes ao jogo e eles tiveram o objetivo de saber tanto a frequência com que o indivíduo é vítima de *cyberbullying*, quanto a frequência com que é presenciado o *cyberbullying*. Além disso, a pesquisa também abordou as atitudes que são tomadas pela própria comunidade e os termos utilizados pelos jogadores tóxicos¹ e é o que apresentamos a seguir.

ENTENDENDO O JOGO LEAGUE OF LEGENDS, O CYBERBULLYING E O DISCURSO DE ÓDIO

O *League of Legends* (LOL) é um jogo online competitivo que foi lançado em 27 de outubro de 2009 pela Riot Games. O jogo pode ser definido como MOBA (*Multiplayer Online Battle Arena*) e conta com duas equipes de cinco jogadores que se enfrentam em partidas que duram entre 30 a 40 minutos em um mapa que possui três rotas (top, mid e bot), com duas torres em cada uma e recebem tropas (minions) a cada 30 segundos e uma selva (jungle ou jg) que conta com “monstros neutros” (não atacam o jogador) e “monstros épicos” (dragão, arauto do vale e barão de Na’Shor, os quais concedem bônus permanentes ou temporários para a equipe que a abater). Cada jogador deve escolher sua rota, sendo a estratégia mais popular um jogador na rota superior (top laner), um na selva (jungler), um no meio (mid laner) e

¹ Chamaremos aqui de jogadores tóxicos aqueles que manifestam discursos que se configuram como *cyberbullying* e discurso de ódio.

dois na inferior – sendo um o atirador (AD Carry ou ADC) e outro o suporte (SUP) – e o seu personagem (normalmente chamados de “campeão”).

O jogo conta com mais de 140 personagens jogáveis com habilidades e estratégias únicas e uma grande variedade de itens que podem ser comprados durante a partida com “gold” – moeda obtida a partir da conclusão de objetivos do jogo ou do abate de monstros, tropas e adversários. Durante o jogo, os jogadores avançam do nível 1 ao nível 18 ao ficarem perto de tropas abatidas ou ao abater monstros da selva, ganhando mais atributos (vida, ataque, resistência ao dano etc.) e podem aumentar um ponto em alguma habilidade, fazendo com que fique mais eficiente. Ambas as equipes têm o objetivo de destruir o “nexus” adversário, que é protegido por inibidores, que impedem o nexus de sofrer dano, e torres – duas para cada rota, mais três torres (uma para cada inibidor) e mais duas torres do nexus.

Durante uma partida é comum que os jogadores usem o sistema de chat para combinar estratégias ou até mesmo para lançar provocações competitivas, as quais são aceitas pela comunidade. Porém, muitas vezes podemos encontrar jogadores que cometem discriminação de diversas formas dentro das partidas, acreditando estar seguros devido a um sistema de punições que acreditam ser ineficiente.

O *cyberbullying* é definido como um fenômeno em que o indivíduo ou um grupo usa voluntariamente de informação e comunicação envolvendo tecnologias eletrônicas para facilitar o assédio deliberado ou ameaça para outro indivíduo ou grupo pelo envio ou postagem de texto cruel, fotos e/ou figuras usando meios tecnológicos (Carvalho, Rocha, 2016, p. 55). Ou seja, ele é muito semelhante ao bullying “tradicional”, porém com a ausência de agressão física (devido à distância entre agressor e vítima) e as agressões não cessam quando a vítima chega em casa, pois é necessária apenas a conexão dos dois usuários por meio da internet para que seja possível a agressão.

Sendo uma agressão discursiva, pode-se afirmar que o discurso de ódio está presente no *cyberbullying*. Não há uma definição específica na literatura científica, existindo algumas diferenças na descrição dos grupos alvo dos discursos de ódio. Basicamente, a estrutura de emissão do discurso ocorre a partir de indivíduos ou grupos que se sentem parte de uma comunidade dominante contra indivíduos e grupos vulneráveis na hierarquia social. O discurso de ódio em termos normativos são atos e manifestações de discriminação e intolerância, a descrição abaixo possibilita uma aproximação conceitual do fenômeno:

[...] pode-se dizer que o discurso de ódio consiste na manifestação de ideias intolerantes, preconceituosas e discriminatórias contra indivíduos ou grupos vulneráveis, com a intenção de ofendê-los a dignidade e incitar o ódio em razão dos seguintes critérios: idade, sexo, orientação sexual, identidade e expressão de gênero, idioma, religião, identidade cultural, opinião política ou de outra natureza, origem social, posição socioeconômica, nível educacional, condição de migrante, refugiado, repatriado, apátrida ou deslocado interno, deficiência, característica genética, estado de saúde física ou mental, inclusive infectocontagioso,

e condição psíquica incapacitante, ou qualquer outra condição (Schäfer; Leivas; Santos; 2015, p. 149-150).

O bullying e *cyberbullying* compartilham efeitos semelhantes sobre as vítimas: ideias suicidas, distúrbios alimentares, ansiedade, doenças crônicas, depressão, sentimentos de raiva e frustração (Carvalho; Rocha, 2016). Enquanto o discurso de ódio “produz violência moral, preconceito, discriminação e ódio contra grupos vulneráveis e intenciona articuladamente a sua segregação” (Schäfer; Leivas; Santos, 2015, p. 147). Ou seja, há similaridade entre os dois fenômenos, o que parece diferir são as perspectivas de abordagem e a faixa etária dos sujeitos envolvidos, enquanto o *cyberbullying* é tratado no âmbito da individualidade, o discurso de ódio volta-se para os grupos sociais, enquanto o primeiro fenômeno estaria delimitado entre crianças e adolescentes, o segundo ocorreria entre adultos.

Nas comunidades de jogos online, normalmente os termos “discurso de ódio” e “*cyberbullying*” são praticamente esquecidos e resumidos a um tipo de comportamento: a toxicidade. Os jogadores tóxicos são aqueles que tomam atitudes negativas ao time, seja o discurso de ódio contra minorias, como racismo e misoginia, ou as provocações referentes ao jogo – que ainda assim costumam envolver racismo e misoginia. Para essa pesquisa, outros tipos de atitudes consideradas tóxicas pela comunidade, como a trollagem – quando um jogador toma atitudes prejudiciais à equipe por diversão – foram desconsideradas, tendo foco somente as provocações e insultos.

Um estudo realizado no Brasil pela Safernet – ONG especializada na segurança das crianças na Internet – envolvendo mais de dois mil jovens entre 10 e 17 anos, aponta que 38% dos entrevistados afirmaram conhecer um amigo que já sofreu *cyberbullying* e 16% consideraram o *cyberbullying* como um dos maiores perigos da internet. Quando paramos para observar apenas 7% do total dos entrevistados já ouviram o desabafo de algum amigo que sofreu com o *cyberbullying*, o que mostra uma grande dificuldade das vítimas procurarem por ajuda (Carvalho; Rocha, 2016).

Uma pesquisa realizada com estudantes da universidade Midwestern United State, com o intuito identificar e quantificar casos de *cyberbullying* nos mostra os seguintes dados:

[...] cerca de 34% dos estudantes já experienciaram o *cyberbullying* em suas vidas. Quando questionados sobre tipos específicos de *cyberbullying* que sofreram nos últimos 30 dias citaram como sendo os principais, comentários malvados e prejudiciais (12,8%) e espalhar rumores online (19,4%). (Carvalho; Rocha, 2016, p. 55)

Esses dados mostram que o *cyberbullying* é mais recorrente do que se espera. Um dos fatores que contribui para a propagação deste fenômeno é a facilidade de comunicação entre pessoas desconhecidas por meio da internet e a possibilidade de anonimato. Outro fator importante a ser lembrado é que as características físicas da vítima e do agressor (altura e força) nem sempre são relevantes, pois não há um contato físico direto. Em um estudo feito por Willard com o intuito de

caracterizar os termos mais recorrentes de *cyberbullying* na internet como um todo, foram destacados os seguintes tipos do fenômeno: provocação incendiária, assédio e difamação (Carvalho; Rocha, 2016).

Dados levantados em 2012 pela empresa desenvolvedora do League of Legends apontam que cerca de 75% dos times que cometem agressão verbal perdem o jogo. Em vista dessa incidência, a Riot Games desenvolveu um tribunal online em que os jogadores com comportamento negativo são denunciados e julgados por outros jogadores com a “ficha limpa”, podendo ser absolvidos ou punidos de acordo com o Código do Invocador, com a palavra “invocador” se referindo aos jogadores, um conjunto de normas que determinam o que é passivo de punição.

Segundo dados da Riot, 1,4% dos jogadores já foram banidos pelo tribunal, e 94% dos que foram submetidos ao julgamento foram punidos. Com o objetivo de traçar estratégias para diminuir a incidência deste fenômeno, a empresa reuniu uma equipe de neuropsicólogos e psicólogos comportamentais. Segundo Hinduja e Patchin (*apud* Carvalho; Rocha, 2016, p. 56), as vítimas do *cyberbullying* apresentam sintomas psicológicos semelhantes às vítimas do bullying “tradicional”, sendo eles o transtorno de ansiedade e a depressão. Trata-se, portanto, de um problema social de grandes proporções, tornando-se relevante entendê-lo para melhor enfrentá-lo.

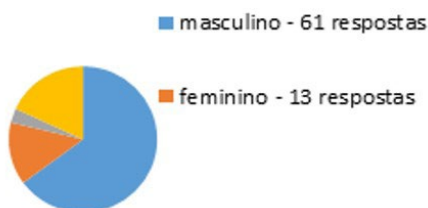
A normalização do Discurso de Ódio e *cyberbullying* no League of Legends

Disponibilizamos um questionário online entre os dias 27 e 29 de março de 2021, que contou com um total de 94 respostas. O questionário contava com questões referentes ao sexo, cor de pele, questões referentes à frequência com que é presenciado o fenômeno da toxicidade no jogo, seja o entrevistado o alvo ou não, quais os tipos de provocação utilizados por estes jogadores e as atitudes que eles tomam ao presenciar tal comportamento.

O resultado da primeira questão já chamou certa atenção, pois o público entrevistado feminino soma somente 17% do total, o que não condiz com os dados de pesquisas da Sioux (G1, 2016), que indicam que 52.6% da população gamer² brasileira é composta pelo público feminino. Afirmando este resultado, temos também a pesquisa que foi realizada no subreddit de League of Legends que conta com 3,7 milhões de usuários, onde 3784 membros responderam a pesquisa de Clanaria (2020). Os dados de seu questionário mostram um número ainda menor, indicando que as mulheres compõem uma parcela de apenas 12% da comunidade do jogo.

² Nome dado aos jogadores de videogame.

Gráfico 1 - Sexo dos jogadores. Sexo dos jogadores



Fonte: elaborado pelo autor (2021).

Ambas as pesquisas indicam que a comunidade seja formada principalmente pelo público masculino, que segundo Clanaria (2020), é composta em 78% por homens solteiros. Voltando ao meu questionário, os resultados também indicaram que apenas 18% das entrevistadas utilizavam um *nickname*³ feminino, o que pode indicar uma tentativa de se disfarçar e evitar o assédio nas partidas, como indica o artigo publicado por França (2019).

A baixa parcela feminina na comunidade do *League of Legends* pode ser causada por vários fatores, porém o principal a ser considerado nessa pesquisa é a misoginia da comunidade do jogo (Loureiro, 2020). Esse tipo de discriminação é tão presente no jogo que recentemente ocorreu um caso em que o time profissional de LoL da ROX baniu⁴ cinco personagens suportes contra o time feminino da Vaevicts. Além de demonstrar um comportamento antiprofissional durante a partida, aproveitando a diferença de habilidade entre a equipe Rox e Vaevicts (enquanto a Rox contava com jogadores de ranks competitivos, a Vaevicts contava apenas com uma equipe iniciante no cenário competitivo e de ranks não tão elevados, selecionadas a partir de um processo feito às pressas) estendendo a partida por 40 minutos simplesmente para demonstrar superioridade (Coutinho, 2020).

Após a repercussão do caso, a comunidade se dividiu entre os que consideravam que tudo não passou de uma brincadeira, defendendo que as garotas realmente não deviam ter participado do jogo por não terem habilidade suficiente, e os que viram o caso como um ato discriminatório, fazendo com que repercutisse nas redes sociais e a empresa responsável aplicasse um banimento do cenário competitivo aos jogadores da Rox.

Até os anos 2000 havia um estereótipo de que o público feminino não tinha interesse nos videogames, seja devido aos jogos que eram produzidos na época simplesmente não serem de seu interesse ou pelo próprio estereótipo de que a mulher deve assumir as responsabilidades domésticas, assim ficando sem tempo para dedicar aos jogos. Isso acabou contribuindo para que a comunidade

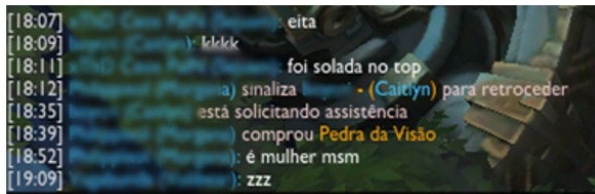
³ Apelido/nome que o jogador escolhe para ser apresentado no jogo.

⁴ Nos campeonatos de LoL cada jogador bane um personagem para aquela partida, impedindo que ambos os times tenham os personagens banidos em suas equipes. Os jogadores profissionais sempre banem os personagens mais fortes ou os personagens que a equipe inimiga joga.

de videogames fosse formada principalmente por homens, causando uma grande estranheza quando era encontrada uma menina nas partidas online. Como uma consequência dessa falta de diversidade, as empresas – neste caso, a Riot Games – aproveitou o público masculino para lançar personagens e skins femininas extremamente sexualizadas como as que aparecem abaixo (Corrêa, Andrade, Monteiro, Sousa, s/d).

A empresa tomou uma atitude diferente somente em 2015 com o lançamento da campeã Illaoi de 2015, porém ainda são lançadas personagens e skins que exploram com uma certa cautela os estereótipos femininos de sexualidade, como é o caso da personagem Morgana de 2019. Apesar dos esforços, os comentários sexistas seguem presentes na comunidade, inclusive essa comunidade se identifica em torno dessa linguagem, uma vez que se constitui de um público masculino e solteiro. De certa forma, poderíamos inferir que há interesse da empresa em manter esse público cativo, por isso mesmo segue explorando imagens sexualizadas das personagens femininas.

Figura 1 – Chat em partida do LOL⁵.



Fonte: Medium (2018).

Voltando às respostas ao questionário. Dentre todas as opções marcadas, as provocações de cunho machista e misógino, como as que aparecem nas figuras, tiveram 10% de todos os votos, empatando com provocações homofóbicas e perdendo para provocações racistas (11%), insultos referentes ao jogo (43%) e o mais preocupante, sugestão de suicídio (15%).

Na figura 1, podemos ver uma print do chat do jogo onde o um jogador afirma que a outra foi solada⁶ porque é menina, afirmando que é incapaz de jogar sozinha devido ao seu sexo. Na figura 2, podemos ver um jogador afirmando que mulheres são menos aptas a ganhar uma partida do que homens, afirmando ainda que seria humilhante perder a partida para uma. Ainda na mesma figura, podemos ler o estereótipo de que mulheres devem exercer a função de suporte no jogo.

⁵ A seleção e uso de todas as imagens e figuras deste capítulo dão de responsabilidade dos autores.

⁶ Quando alguém perde uma luta de um contra um é chamado de solado. Normalmente a comunidade vê isso como um motivo de piada dentro do jogo e um sinal de falta de habilidade.

Figura 2 – Chat em partida do LOL⁷.


Digite /help para ver a lista de comandos
 [00:44] LaxusRender (Elise): trist é menina
 [00:48] LaxusRender (Elise): nao perde pra l menina plis
 [01:05] LaxusRender (Elise): está a caminho
 [01:12] Anigamer (Kayle): pq é menina é inferior a um homem?
 [01:16] LaxusRender (Elise): logico
 [01:16] Anigamer (Kayle): ta de sacanagem né?
 [01:28] Awfully (Vladimir): lugar de menina é na cozinha
 [01:28] LaxusRender (Elise): mulher é siport
 [01:30] LaxusRender (Elise): e olhe la
 [01:31] [Todos] SG R y o t a (Graves): tristana psame el face!

Fonte: PERCI (2018).

Com a mesma frequência de comentários sexistas, vemos os comentários homofóbicos, que às vezes aparecem conjuntamente. Os casos de homofobia se devem provavelmente pela baixa diversidade de gênero dentro da comunidade gamer. Uma pesquisa realizada pela Nielsen Games (Stefan, 2020) que contou com 20 mil respostas indica que somente 10% dos gamers se identificam como LGBTs⁸, o que novamente revela uma taxa baixíssima. Tal falta de diversidade se agrava novamente no LoL devido à sua baixa representatividade, com o primeiro personagem LGBT sendo lançado em 2012 (3 anos após o lançamento do jogo).

Porém, a homofobia, é de longe o comportamento que a empresa já tomou mais atitudes para combater, que vão desde o lançamento de campeões LGBTs (Neeko, Varus) até eventos dedicados ao público LGBT. A comunidade do jogo, contudo, já demonstrou uma forte aversão às atitudes tomadas. Muitos dos jogadores criticam lançamentos de personagens LGBT (como foi o caso da Neeko, uma personagem pansexual) ou até o lançamento de personagens menos viris, que são chamados pela comunidade de “fadinha” em um tom de deboche.

Enquanto Neeko sofreu uma rejeição da comunidade por sua sexualidade, indicada em um conto onde ela demonstra interesse afetivo pela personalidade de outra personagem do jogo, Yuumi recebeu uma dupla rejeição: primeiramente por causa de sua aparência que segundo a comunidade “não condizia com o que era esperado” e por causa de sua mecânica de suporte, que consiste em se acoplar a um aliado e fortalecê-lo enquanto conjura suas habilidades. A junção da sua aparência delicada, sua baixa complexidade mecânica e a função de suporte, que já é considerada como a única função que meninas sabem jogar, fez com que a comunidade a considerasse um campeão feito para meninas que não tem capacidade de jogar com outros personagens mais complexos. Varus é o único campeão LGBT que não sofreu rejeição da comunidade, o que talvez se deva ao fato de sua história possuir certa complexidade, onde Varus é uma entidade que ocupa o corpo de um casal homoafetivo, o que o isenta do peso de ser um personagem LGBT (Stefan, 2020).

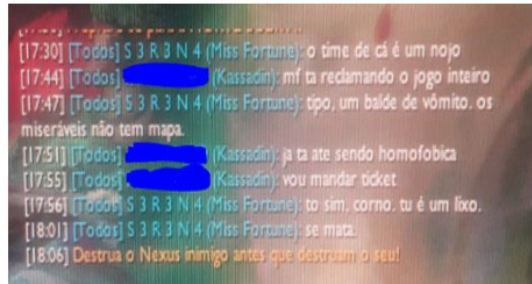
⁷ A seleção e uso de todas as figuras e imagens são de responsabilidade dos autores do capítulo.

⁸ Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgênero. Outras variantes da sigla têm sido utilizadas, aqui utilizaremos a sigla que aparece na publicação da pesquisa.

Além dos personagens LGBT a empresa vem promovendo eventos em datas como Dia Internacional Contra a Homofobia, Transfobia e Bifobia desde 2018 (9 anos após o lançamento do jogo). Embora tais atitudes que vêm sendo tomadas tenham sido adotadas depois de muito tempo, permitindo que a comunidade se desenvolvesse majoritariamente heterossexual, elas acabam atraindo um público mais diverso para os games e às vezes até afastando jogadores que reprovem tal inclusão, fazendo com que o jogo se torne um ambiente cada vez mais tolerante. Vale lembrar também que a comunidade LGBT é a que mais investe em games, com uma média de 8% a mais por mês do que os jogadores héteros, segundo dados da Nielsen Games (Stefan, 2020).

Perdendo somente para as provocações referentes ao jogo, temos as sugestões de suicídio. Segundo Hinduja e Patchin (2006), as vítimas de bullying e *cyberbullying* já possuem uma tendência a desenvolver transtornos alimentares e psicológicos, como pensamentos suicidas, porém quando falamos de pessoas que recebem sugestões de tal ato tudo se agrava.

Figura 3 – Chat do LOL.



Fonte: Captura de tela feita pelo autor (2021).

Quando nos lembramos da alta toxicidade na comunidade do LoL e lembramos que em quase todas as partidas nos deparamos com jogadores tóxicos, pensar que 15% dessas provocações apoiam o suicídio do alvo é algo agravante. Normalmente essa provocação vem junto de provocações referentes ao jogo, como mostrado nas imagens abaixo. A empresa já tentou controlar este comportamento atribuindo banimento instantâneo para quem utilizasse a sigla “kys” (que é utilizada para abreviar a frase “kill yourself”) no servidor norte-americano do jogo, porém ainda é possível se deparar com este tipo de ofensa.

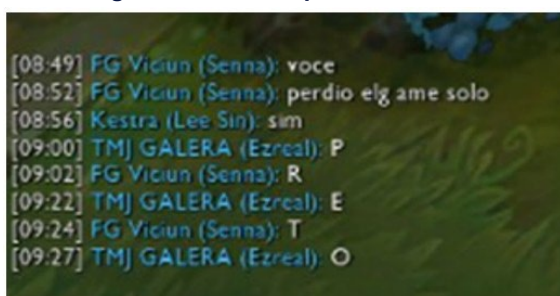
Figura 4 – Chat em partida do LOL .



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor (2021).

Apesar de a empresa se declarar contra este e qualquer outro tipo de atitude tóxica e aplicar punições quando identifica tal comportamento, as punições dependem fortemente da repercussão do caso. A captura de tela acima (figura 4) foi tirada por mim em uma partida onde me deparei com uma jogadora extremamente tóxica que rendeu outras 10 capturas de tela. Todas foram enviadas para que os moderadores analisassem o caso e aplicassem uma punição, que foi decidida em no máximo 2 meses baseado no período em que ela ficou sem jogar.

Figura 5 – Chat de partida do LOL.



Fonte: Twitter (2020).

Já a outra captura de tela (Figura 5) mostra o caso em que um jogador profissional, com a ajuda de um amigo, chamou outro de preto alternando as letras entre si na tentativa de burlar o algoritmo que o jogo utiliza para reconhecer discursos de ódio. O segundo caso recebeu um banimento permanente de sua conta e do cenário profissional, não podendo inclusive criar conteúdo monetizado referente ao jogo.

Também é possível vivenciar casos de racismo explícito no LOL com certa frequência, como indicam os 11% dos votos no questionário. Isso se deve novamente pela falta de diversidade étnica na comunidade do jogo e do racismo já existente na sociedade em que vivemos.

Gráfico 2 – Cor/Raça dos participantes.

Cor de pele dos jogadores



Fonte: elaborado pelo autor (2020).

Dados do questionário indicam que 57% da comunidade é branca, 36% parda e apenas 6% negra, o que entra novamente em confronto com dados oficiais que afirmam que 54% da população brasileira é negra. A falta de diversidade étnica dentro da comunidade certamente tem sua raiz na desigualdade do povo brasileiro, onde os negros normalmente têm uma posição menos privilegiada que os brancos, porém certamente também vem de um desinteresse em participar de uma comunidade preconceituosa e tóxica.

Outro fator que inflama o racismo no jogo é a falta de representatividade, tendo o primeiro personagem negro sido lançado em 2013, quatro anos após o lançamento oficial do jogo. Ainda hoje a quantidade de personagens negros, desconsiderando os poucos pardos, é muito baixa, além disso ainda podemos ver os personagens mais antigos de Shurima – nação fictícia baseada na cultura egípcia – tendo sua aparência baseada na imagem de um egípcio branco.

A falta de diversidade e representatividade, por sua vez, também pode ser vista como um resultado da falta de diversidade nas próprias empresas desenvolvedoras de jogos. Segundo dados do 2º Censo da Indústria Brasileira de Jogos Digitais, realizado pelo Ministério da Cultura (Zambarda, 2020), apenas 10% dos funcionários das desenvolvedoras são afrodescendentes e esse pode ser um dos principais fatores da falta de diversidade e representatividade étnica nos videogames, incluindo o League of Legends.

Liderando os números nos gráficos temos as provocações referentes ao jogo (43% dos votos), que embora sejam as mais recorrentes, de longe são menos nocivas aos jogadores individuais do que os exemplos de discurso de ódio citados anteriormente. Porém, elas costumam vir juntas de alguma outra injúria dentre as citadas anteriormente, como mostrado em todas as outras prints citadas. Mais uma vez podemos identificar uma ligação entre este tipo de provocação e os outros exemplos de discriminação citados anteriormente: seja a injúria racial, misógina ou relacionada a sexualidade, elas sempre têm o objetivo de diminuir o alvo em si quanto a sua habilidade no jogo, que é inferior simplesmente por pertencer a uma minoria.

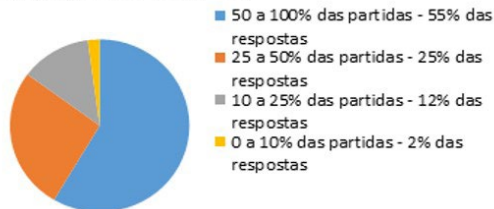
Além de todos os exemplos citados, Carvalho e Rocha (2016) ainda citam outros três exemplos de discriminação em seus estudos, sendo relacionadas à obesidade, classe social e deficiências físicas ou mentais. O mesmo estudo ainda ressalta que os xingamentos relacionados à mãe são bastante corriqueiros em jogos online, o que nos leva novamente às provocações misóginas.

A Frequência do Discurso de Ódio e do Cyberbullying no League of Legends

Outro tema que chama a atenção neste questionário é a frequência com que os jogadores costumam se deparar com o *cyberbullying* e o discurso de ódio em suas partidas. Nos questionários foram incluídas questões referentes à frequência com que é encontrado um jogador tóxico, dividido em jogadores que são encontrados sendo tóxicos com a própria equipe e os jogadores que apresentam o mesmo comportamento com a equipe adversária, as atitudes que são tomadas ao se deparar com um jogador que demonstra atitudes tóxicas com outro jogador e quando o entrevistado é o alvo das provocações

Gráfico 3 - Frequência de jogadores tóxicos.

Com qual frequência você se depara com um jogador tóxico?



Fonte: elaborado pelo autor (2020).

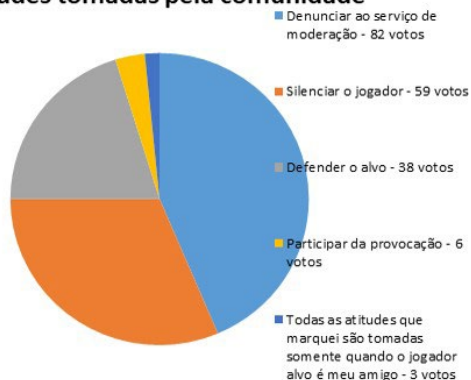
O gráfico acima representa a frequência com que os entrevistados se deparam com um jogador tóxico, considerando como tóxico aquele que apresenta comportamentos de discurso de ódio e *cyberbullying* dentro do jogo. 55% dos entrevistados afirmaram que encontram jogadores tóxicos entre 50% e 100% das partidas, ou seja, em praticamente qualquer partida.

Para termos uma medida mais exata tirada uma média considerando tanto os valores mínimos quanto os máximos do gráfico, que ficou entre 37% e 75% das partidas, formando um valor médio de 56%. Os números obtidos demonstram uma alta frequência desse comportamento na comunidade, o que acaba gerando uma certa aceitação, comentada por Valarin ao afirmar que o servidor brasileiro do jogo é o que menos denuncia jogadores tóxicos (Falk, 2017). Essa aceitação é evidenciada tanto pelo fato de que 13% dos jogadores entrevistados simplesmente não denunciam as atitudes tóxicas quanto pelo fato de que apenas 40% tomam alguma atitude em defesa do jogador alvo das provocações, e ainda por 6% participar das provocações.

Embora os números referentes aos jogadores que não denunciam e os jogadores que participam das provocações seja relativamente baixo, ainda assim representam uma comunidade que aceita tal comportamento como um ato falho em um momento de raiva ou até participa, levando tudo como uma brincadeira. Os números referentes aos jogadores que defendem os alvos da toxicidade também se apresentam abaixo do esperado, visto que muitas vezes estas provocações partem para xingamentos misóginos, homofóbicos e racistas e até mesmo para a sugestão de suicídio pelo simples fato de estar jogando mal.

Gráfico 4 - Atitudes da comunidade.

Atitudes tomadas pela comunidade



Fonte: elaborado pelo autor (2021).

Ainda referente ao gráfico acima podemos coletar uma informação um tanto quanto esperançosa – o número de jogadores que denuncia este tipo de comportamento apenas quando é amigo da vítima é o mais baixo de todos, demonstrando que a seletividade nas denúncias é bem próxima de zero.

Gráfico 5 - Frequência de toxicidade no próprio time.

Com qual frequência você se depara com toxicidade vida do próprio time?



Fonte: elaborado pelo autor (2021).

Os gráficos 5 e 6 também representam a frequência com que é encontrado um jogador tóxico – enquanto o primeiro aborda a toxicidade vinda da equipe da vítima, o segundo aborda a toxicidade vinda da equipe adversária da vítima. Com o mesmo procedimento utilizado anteriormente, obtemos uma média de que os agressores são aliados à vítima com uma frequência de 71% dos casos, enquanto o contrário ocorre em aproximadamente 39% dos casos estudados, ou seja, embora

a equipe aliada seja o local de onde vem mais discurso de ódio, a equipe adversária também possui uma média de toxicidade mais alta do que o esperado.

Gráfico 6 - Frequência da toxicidade da equipe adversária.

Com qual frequência você se depara com toxicidade vinda da equipe adversária?



Fonte: elaborado pelo autor (2021).

Como um jogador diário e membro da comunidade eu me abro a liberdade para fazer a seguinte observação: enquanto a equipe aliada à vítima costuma manifestar os comportamentos tóxicos quando presencia alguma falta de habilidade, utilizando tanto das provocações referentes ao jogo quanto atribuindo estereótipos discriminatórios à falta de habilidade da vítima, a equipe adversária costuma demonstrar o mesmo comportamento quando está perdendo a partida. Um exemplo recorrente deste comportamento, no caso da equipe adversária, é quando uma garota está jogando melhor do que o esperado algum jogador tóxico falar que é o namorado jogando na conta, assumindo que a feminilidade implica na falta de capacidade de jogo.

Atitudes da Comunidade e da Empresa

As atitudes da comunidade já citadas anteriormente se baseiam principalmente no sistema de denúncias após a partida. Porém a própria comunidade do jogo vê esse sistema como algo de certa forma ineficiente como indicam os gráficos abaixo. Os dados mostram que apenas 2% dos entrevistados consideram o sistema de denúncias eficiente, enquanto 22% acham o sistema muito lento, 34% não acham que seja 100% efetivo e 41% consideram o sistema ineficiente.

Gráfico 7 - Eficiência das denúncias.

Você considera o sistema de denúncias do LoL eficiente?



Fonte: elaborado pelo autor (2021).

Essa ineficiência vista pela comunidade se deve pela forma com que funciona o sistema de punições, que consiste em uma denúncia enviada à moderação ao

final da partida, que então é analisada dentro de até 24h por um algoritmo que decide a punição a ser aplicada, indo desde uma suspensão do chat até o banimento temporário ou permanente da conta. Isso certamente inibe a prática do discurso de ódio vindo de jogadores que gastaram algum dinheiro na conta, pois após 3 banimentos temporários um banimento permanente é aplicado. No entanto, o jogo não possui nenhuma maneira eficaz de controlar quantas contas uma pessoa pode criar, fazendo com que um jogador que receba um banimento permanente possa simplesmente criar outra conta e decidir manter ou não suas atitudes.

As contas criadas além da principal são chamadas pela comunidade de smurf, enquanto a conta principal é chamada de main. É comum ver jogadores tóxicos que em sua defesa afirmam jogar em uma conta smurf, onde não se importam em levar punições. Até mesmo o banimento por IP se torna ineficiente, visto que muitos dos jogadores jogam em lan houses, além de que ao formatar o dispositivo seria possível voltar a jogar normalmente.

A forma mais eficiente de vetar tal comportamento seria pela limitação de contas para cada jogador, utilizando de ferramentas como o CPF, porém isso poderia fazer o jogo se tornar menos atrativo para novos jogadores que não estejam dispostos a compartilhar dados pessoais.

A comunidade do *League of Legends* já conta com uma certa má fama entre os jogos online por ser excessivamente tóxica e, mesmo que a empresa proprietária do jogo tente mudar isso, a própria comunidade já desenvolveu uma certa aceitação a este fenômeno. De 94 entrevistados, 82 marcaram que denunciam os jogadores tóxicos após a partida e 12 não marcaram essa alternativa, o que indica que aproximadamente 13% do público entrevistado simplesmente ignora este comportamento. Isso costuma se dar pela aceitação do discurso de ódio e *cyberbullying* em jogos online, que já possui até um nome próprio que define estes dois fenômenos: o tilt.

Como um membro da comunidade e um jogador frequente de longa data, posso também afirmar que há alguns anos este fenômeno era mais aceito, sendo mais comum encontrar argumentos que justificassem as atitudes de jogadores tóxicos, porém hoje em dia ainda há uma certa aceitação da comunidade quanto às provocações misóginas e provocações referentes ao jogo, sendo consideradas parte de uma grande brincadeira. Um sinal dessa aceitação às provocações misóginas é a porcentagem de denúncias contra esse comportamento – dos 22 entrevistados que marcaram que costumam se deparar com provocações misóginas com frequência, 4 (cerca de 18%) não denunciam o jogador tóxico no final da partida e somente 10 (aproximadamente 45% do público entrevistado) defende o jogador alvo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta investigação teve como objetivo identificar aspectos do *cyberbullying* e discurso de ódio dentro das partidas de *League of Legends*, tais como a frequência com que é presenciado esse fenômeno e as atitudes tomadas, tanto pela comunidade

quanto pela empresa desenvolvedora do jogo. Com base nos resultados obtidos, podemos tirar a conclusão de que o jogo faz jus à sua fama de ter uma comunidade tóxica, embora esteja lentamente se adaptando e fazendo mudanças para afastar este tipo de jogador e atrair um público diverso e tolerante. Notamos também que a toxicidade é causada em grande parte pelos estereótipos da indústria de jogos, que surgiu como uma sequela de sua falta de diversidade nos anos iniciais e que é refletida até os dias atuais.

Embora a pesquisa tenha tratado somente dos casos de discurso de ódio e *cyberbullying* em partidas do League of Legends, essas ações são fenômenos que ocorrem por toda a comunidade de jogos online, principalmente nos competitivos, e que recentemente vem recebendo uma atenção especial das empresas desenvolvedoras. Um jogo com uma comunidade homogênea pode acabar se tornando uma bolha social, onde qualquer indivíduo que não atenda os padrões esperados pelos outros jogadores corre o risco de ser hostilizado, e isso acaba tornando a comunidade menos atrativa para novos membros. A toxicidade acaba sendo um problema tanto para quem sofre, para a empresa desenvolvedora e para a comunidade como um todo, e isso é um dos principais motivos de que este fenômeno deva ser estudado e combatido.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Evelise Galvão de; ROCHA, Giovana Veloso Munhoz da. **Categorização dos Termos Utilizados em Episódios de Cyberbullying no Jogo League of Legends**. Tuiuti: Ciência e Cultura, Curitiba, n. 53, p. 51-67, 2016.

CLANARIA: [OC] **League of Legends Survey results**. 2020. Disponível em: <https://www.reddit.com/r/dataisbeautiful/comments/f0bs33/oc_league_of_legends_survey_results/>. Acesso em: 5 abr. 2021.

CORRÊA, Alessandra; ANDRADE, Bruno; MONTEIRO, João Lucas; SOUZA, Matheus. **A Resistência das Mulheres nos Esports: Uma Análise das Experiências nas Partidas**. S/d. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4702124/mod_resource/content/1/Resist%C3%A2ncia%20feminina%20no%20cen%C3%A1rio%20dos%20esports_comentado.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2021.

COUTINHO, Beatriz: LoL: **Jogadores de ROX bane apenas suporte contra time feminino Vaevicts: Decisão dos jogadores revoltou a comunidade**. 2019. Disponível em: <<https://vs.com.br/artigo/lol-jogadores-da-rox-banem-apenas-suportes-contra-time-feminino-vaevicts>>. Acesso em: 8 out. 2019.

FALK, C. **Rioter revela que brasileiros são um dos que menos reportam jogadores tóxicos: Brasileiros não mantêm o costume de reportar jogadores tóxicos**. 1. 2017. Disponível em: <<https://streamie.com.br/reports-no-servidor-brasileiro/>>. Acesso em: 23 dez. 2018.

FRANÇA, Viviane: **Mulheres games usam nick masculino para desviar de assédio online: Movimento My Game My Name propõe a discussão do espaço da mulher nos jogos online.** 2019. Disponível em: <<https://veveani.medium.com/mulheres-gamers-usam-nick-masculino-para-desviar-de-ass%C3%A9dio-online-cf472211a638>>. Acesso em: 5 abr. 2021.

G1. **Mulheres são 52,6% do público que joga games no Brasil, diz pesquisa: Game Brasil 2016 é realizada pela Sioux, Blend New Research e ESPM.** Celular ainda é plataforma mais popular de jogos no Brasil: 77,2%. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/games/noticia/2016/03/mulheres-sao-526-do-publico-que-joga-games-no-brasil-diz-pesquisa.html>>. Acesso em: 5 abr. 2021.

GOMES; Helnton Simões: **Brasil tem 116 milhões de pessoas conectadas à internet, diz IBGE: Brasileiros online somam 64,7% de toda a população; dados são de pesquisa de 2016 do IBGE.** 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/brasil-tem-116-milhoes-de-pessoas-conectadas-a-internet-diz-ibge.ghtml>>. Acesso em: 5 abr. 2021.

LOUREIRO, Jorge: **Inquérito de League of Legends mostra que a maioria dos jogadores são homens e solteiros: A maioria tem menos de 25 anos.** 2020. Disponível em: <<https://www.eurogamer.pt/inquerito-de-league-of-league-of-legends-mostra-que-a-maioria-dos-jogadores-sao-homens-e-solteiros>>. Acesso em: 5 abr. 2021.

PERCI, Anna Paula. **Machismo nos eSports.** 2018. Disponível em: <<https://medium.com/tend%C3%Aancias-digitais/o-machismo-nos-esports-58459a2529f0>>. Acesso em: 5 abr. 2021.

SCHÄFER, Gilberto; LEIVAS, Paulo Gilberto Gogo; SANTOS; Rodrigo Hamilton dos; **Discurso de ódio: Da abordagem conceitual ao discurso parlamentar.** 2015. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/ril/edicoes/52/207/ril_v52_n207_p143.pdf>. Acesso em: 8 out. 2019.

STEFAN, Maikon: **Estudo revela quantos gamers são LGBTs.** 2020, Disponível em: <<https://hornet.com/stories/pt-pt/gay-gamers/>>. Acesso em: 6 abr. 2021.

ZAMBARDA, Pedro: **“Indústria de jogos é majoritariamente branca”: dev fala sobre preconceito no cenário: Drops de Jogos entrevista Marcos Silva, da Sue the Real.** 2020. Acesso em: <<https://dropsdejogos.uai.com.br/noticias/indie/industria-de-jogos-e-majoritariamente-branca-dev-fala-sobre-preconceito-no-cenario/>>. Acesso em: 6 abr. 2021.



Maternidade no Cárcere: A Trajetória da Maternidade no Sistema Penitenciário Brasileiro da Atualidade

Isabela Gomes Correia

Discente egressa (2021) do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE/UFG), estudante de Direito (PUC/Goias).

Sirlene Terezinha de Oliveira

Docente Adjunta do Departamento de Língua Estrangeira – Francês do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE/UFG).

Resumo: Este trabalho agrega informações sobre a situação de mães carcerárias, pesquisando o que a legislação vigente rege e o que de fato acontece com essas mulheres e seus filhos. A maternidade no cárcere é uma temática importante, pois a sociedade tem pouco conhecimento sobre qual a situação real dessas mães prisioneiras e, principalmente, de seus filhos. A abordagem metodológica adotada é a qualitativa e como instrumento da pesquisa de campo, utilizou-se a entrevista. Assim, em contato com a defensoria pública muitos pontos importantes da trajetória dessas mulheres e mães puderam ser esclarecidos. Este trabalho utiliza também a pesquisa bibliográfica, desenvolvida com o auxílio de artigos, documentários, livros e teses que retratam a trajetória destas mães presidiárias e de seus filhos em situação de cárcere social, físico e emocional, demonstrando a realidade do sistema prisional e o quão infame pode ser o processo da maternidade nesse ambiente. Analisando o perfil de mulheres encarceradas, dados alarmantes foram encontrados, tais como a falta de amparo por meio da assistência pública, o descaso da saúde desde consultas médicas negadas durante o pré-natal e a violência obstétrica, o maltrato durante seu puerpério, a convivência dessas crianças com as outras presidiárias, o abandono familiar e a separação entre mães e filhos.

Palavras-chave: iniciação científica; mulheres; encarceramento; maternidade; violência.

INTRODUÇÃO

O que me leva a pesquisar minuciosamente a desigualdade de gênero diante de uma sociedade patriarcal intensificada a um sistema de privação de liberdade é a noção que adquiri de justiça, onde entendo que só me torno uma mulher livre e capaz de vivenciar um mundo com igualdade, quando todas as mulheres também estiverem livres e com seus direitos respeitados. Percebi o quanto o encarceramento em massa evidencia as desigualdades, ao ver um vídeo bem resumido feito por agentes judiciais e que se dedicam à causa, demonstrando que o espaço carcerário não apresenta dignidade, tampouco reintegra a mulher na sociedade e a convivência familiar.

A sociedade cobra dos governantes uma atitude diante da violência e como resposta, vem o encarceramento em massa. Ao invés de investir na educação e promover ações sociais que permitam a reintegração dessas pessoas ao trabalho e à vida, o Estado prefere retirá-las de circulação confinando-as em um único espaço, sem o mínimo de dignidade.

O sistema carcerário no Brasil é falido. Já está mais que comprovado que manter transgressores presos para fins punitivos apenas gera transgressores

reincidentes. Nenhum indivíduo conseguirá se reintegrar na sociedade que o manteve confinado sob as condições mais desumanas possíveis. O número de presidiárias no Brasil é bem menor se comparado com o número de presidiários e nem assim, elas conseguem uma estrutura diferenciada que atendam suas necessidades enquanto mulheres e muitas vezes, mães:

Ser presidiária no sistema carcerário brasileiro significa cumprir pena em um ambiente projetado para atender as demandas masculinas. Em relação aos homens, o número de mulheres presas é ainda pequeno. Eles são 665 mil, e elas 42 mil. Diante dessa constatação, as mulheres por serem minoria têm as suas necessidades específicas despercebidas na prisão (Nascimento, 2019 p. 3).

O fato de não vermos a situação dessas mulheres e a de seus filhos não quer dizer que o problema não exista. Os filhos das mães encarceradas são talvez as principais vítimas de todo esse sistema. Muitas vezes abandonados por aqueles que mais deveriam cuidar deles, totalmente ignorados pela sociedade e negligenciados pelo Estado, tão pequenos e já marginalizados, vivem durante algum tempo ao lado de suas mães – mas privados de liberdade – e depois, livres, mas privados da convivência materna.

Esta pesquisa teve início em 2019 como requisito para a conclusão do 3º ano do Ensino Médio do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE/UFG). Durante o primeiro ano, busquei vários documentos relacionados ao tema e elaborei um projeto de pesquisa que visava acompanhar a rotina das mulheres presas e a realização de um projeto social que resultasse na entrega de doações como fraldas, roupas e itens de higiene pessoal às mulheres detidas, em especial, as mães.

Porém com o avanço da pandemia (covid-19), em 2020, e a interrupção das aulas escolares, houve algumas mudanças e minha proposta inicial precisou ser modificada. Em nossa escola, começamos a trabalhar e estudar de forma remota, comecei a fazer as leituras, pesquisas e as orientações deixaram de ser presenciais e passaram a ser, exclusivamente, via WhatsApp, e-mails ou pelo Google Meet. Assim, dei continuidade ao trabalho explorando o tema de forma bibliográfica buscando entender a rotina e a vivência dessas mulheres por meio de relatos em documentários.

Essa pesquisa analisa os diversos momentos da maternidade: como ela se dá em relação ao ambiente carcerário; verifica em até que ponto a legislação implica na prática, considerando também a convivência entre as mães e seus filhos no sistema prisional; encontrando e analisando propostas de melhorias e decisões recentes que são significativas para o tema. Compreende o que há em comum entre essas mulheres, quais são as condições e tratamentos dados a elas e aos bebês nascidos no cárcere, por parte do Sistema Prisional e da sociedade de um modo geral.

As perguntas que me motivaram ao longo dessa pesquisa foram: Qual o perfil entre as mulheres encarceradas? O que acontece dentro do presídio de segurança

feminina quando a mulher descobre que está grávida? Como é a vida/convivência da mulher em puerpério e de seu bebê, ambos encarcerados? Como a sociedade reage diante desses fatos?

A metodologia utilizada neste trabalho é qualitativa buscando compreender a situação das mães carcerárias do nosso Brasil, em especial aqui no Estado de Goiás, tentando entender o que a legislação, teoricamente, declara e o que de fato acontece com essas mulheres e seus filhos. Como instrumento de pesquisa, busquei contato com a Defensoria Pública com o objetivo de realizar uma entrevista e verificar a real situação das mulheres encarceradas.

REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo Lopes (2017), os primeiros delitos cometidos pelas mulheres, ocasionando suas prisões, eram crimes relacionados à maternidade ou aos relacionamentos amorosos:

As primeiras penas dadas foram em razão de crimes considerados religiosos. As barregãs (amantes) de clérigos ou de qualquer outra pessoa religiosa; as alcoviteiras; as que se fingissem de prenas ou que atribuíssem parto alheio como seu, foram as primeiras a serem perseguidas (...) assim, o feminino representava o mal da sociedade e era também vinculado ao pecado. Alguns delitos eram considerados propriamente “femininos” e recebiam penas menores, em razão de serem justificados como inatos à natureza feminina e provenientes de distúrbios psicológicos (Lopes, 2017, s/p).

No passado, todos os delitos cometidos pelas mulheres eram considerados como desvios de moral e eram tratados como tal. Assim, essas mulheres ficavam reclusas em conventos e sob a tutela de freiras que deveriam tratar e corrigir tais desvios, o delito criminoso era visto como consequência da mulher que não tinha trabalho doméstico o suficiente para se ocupar e permanecer em casa.

Assim, sua pena era cumprida sob as normas de trabalhos domésticos e orações, de forma a voltar à mulher para sua vida doméstica, desempenhando o papel que a sociedade esperava. No que diz respeito ao processo de institucionalização que conduziu à instalação de estabelecimentos prisionais do país, Bruna Soares Angotti Batista de Andrade diz que:

[...] desde o período colonial, no Brasil, as mulheres foram encarceradas em estabelecimentos onde prevaleciam prisioneiros do sexo masculino, sendo a elas raramente destinados espaços reservados. Prostitutas e escravas, em sua maioria, as mulheres eram confinadas junto aos homens, frequentemente dividindo a mesma cela (Andrade, 2011, p. 17).

Em razão da quantidade menor de mulheres presas, a destinação de um espaço somente para as mulheres foi um processo que evidentemente levou tempo

e que, conforme o Sistema de Informações Estatísticas do Sistema Penitenciário Brasileiro (INFOPEN), de julho de 2014, perdura se evidenciando na realidade de 238 penitenciárias mistas. Da mesma forma, até mesmo o espaço feito para atender a população carcerária feminina não considera suas necessidades específicas.

Perfil de Mulheres Encarceradas

Segundo o INFOPEN Mulheres (2019) o Brasil tem o total de 37.197 reclusas em situação de cárcere, onde a maioria são mulheres pardas e negras, tanto que a soma dos dois grupos compõe 85% da população presidiária, 29% têm entre 18 e 24 anos de idade, e conforme os dados de junho de 2017 (que devido a incapacidade da base de dados não foram divulgados sob o recorte dos presídios femininos) 62,4 % têm o Ensino Fundamental incompleto.

Sendo assim, mulheres marginalizadas e em situação de risco, mesmo em liberdade, que fazem parte de um grupo de minorias invisíveis diante à proteção legislativa, os dados apontam que 50,94% foram presas por tráfico de drogas. Procedendo da lei de drogas incerta por não se definir uma quantidade para ser incriminado como usuário ou traficante, um fator responsável pelo encarceramento em massa.

Assim, as mulheres presas entram para os demonstrativos da desigualdade social no Brasil, e questões que deveriam ter amparo no início de todo esse processo, desde a estabilidade familiar à uma educação de qualidade garantida, são tratadas apenas como questão de segurança pública e não de saúde ou direito básico.

Perante esses dados e o olhar crítico da realidade, percebemos que o objetivo da reclusão que segundo a Lei n ° 7.210 de 11 de julho 1984¹ apresenta-se como uma reinserção social e reeducação com o intuito de voltar o indivíduo para o convívio social sem que cometa novos desvios. Espera-se, com isso, que sejam gerados resultados positivos na sociedade, e bem como reduzidos os índices de criminalidade. Por outro lado, Davis (2018) afirma que está mais relacionado a um formato de exploração e um processo ideológico que nos livra da responsabilidade de lidarmos com os problemas da sociedade, principalmente aqueles produzidos pelo racismo e pelo capitalismo global, do que realmente corrigir o comportamento criminoso.

Posicionamento completamente oposto, dito pelo Presidente da República, Jair Bolsonaro, via Twitter, em fevereiro de 2020, quando, ao divulgar a notícia de que o número de presos no Brasil estava chegando a 773 mil, com a alta de 3,89% em relação ao semestre anterior. O Presidente da época publicou a seguinte frase: “3,89% a menos de bandidos levando terror à população”. Apesar da frase refletir bem o pensamento de quem a publicou, houve uma má interpretação por parte do presidente, pois a notícia não fazia referência a população total do país, mas da população carcerária. Dessa forma, o aumento de 5% do número de assassinatos no Brasil de 2019 para 2020, evidencia como o estigma de que quanto mais pessoas

1 Lei de Execução Penal. Art. 1º A execução penal tem por objetivo efetivar as disposições de sentença ou decisão criminal e proporcionar condições para a harmônica integração social do condenado e do internado.

encarceradas mais segurança pública é um equívoco que somente fundamenta e perpetua o sistema penitenciário.

A falta de Assistência Pública

Há o prognóstico de que as mulheres engravidam para receberem benefícios e serem transferidas para outros presídios com acomodações melhores, porém os dados e estudos mostraram que isso não é a realidade, pois quase a totalidade delas já estava grávida quando foram presas. Esta situação pressupõe um acompanhamento integral de saúde para as gestantes, o que não ocorre na maioria das prisões.

O acompanhamento médico na gestação e após o parto é fundamental tanto para a mulher quanto para a criança, além de a Saúde Pública ser um direito garantido constitucionalmente nos Artigos 196 e seguintes da Constituição Federal de 1988. Contudo,

[...] apesar do aumento da cobertura da assistência pré-natal no país, apenas um quinto das mulheres recebe o cuidado adequado conforme os procedimentos mínimos preconizados pelo Ministério da Saúde. Resultados semelhantes foram encontrados em estudos anteriores que levaram em consideração outros componentes da assistência pré-natal além da época de início do cuidado pré-natal e do número de consultas (Domingues *et al.*, 2015, p. 144).

Até mesmo quando se tem os profissionais e locais, o atendimento não é dado com integralidade, por diversos motivos, por estigmas sociais, ou até mesmo devido à quantidade de consultas que devem ser feitas rapidamente.

Violência Obstétrica

Segundo o artigo Nascer na Prisão: gestação e parto atrás das grades no Brasil, que fez o estudo multidisciplinar “Saúde materno-infantil nas prisões”, financiado pela Fundação Oswaldo Cruz e Ministério da Saúde, publicado em 2016, o descaso da Saúde Pública se estende desde a assistência pré-natal que é iniciada tardiamente e foi inadequada quanto ao número de consultas e ainda grande maioria sofreu violência na maternidade.

Nas unidades prisionais mais de 60% das mulheres afirmaram terem sido atendidas em até 30 minutos após o início do trabalho de parto, mas 8% delas informaram demora de mais de 5 horas. O meio de transporte utilizado no momento do parto para a maioria das gestantes foi a ambulância (61%), entretanto uma parcela considerável, 36%, foi levada por viatura policial.

O atendimento ao parto foi considerado excelente para 15% das mulheres. No entanto, apenas 10% e 11% das mulheres alegaram terem sido respeitadas quanto à sua intimidade pelos profissionais de saúde e pelos guardas/agentes penitenciários. As puérperas relataram ter sofrido maltrato ou violência durante a estadia nas maternidades pelos profissionais de saúde (16%) e pelos guardas ou agentes penitenciários (14%).

Nas duas situações as principais formas de maltrato/violência referida foram verbais e psicológicas. O uso de algemas em algum momento da internação para o parto foi referido por 36% das gestantes, sendo que 8% relataram ter ficado algemada mesmo durante o parto.

Estes dados apresentam a realidade da gestante em situação de cárcere no Brasil. Além disso, há muitos casos de mulheres que acabam tendo o parto antes de chegar ao hospital, ou quando chegam, dando à luz na recepção, devido à demora no atendimento. Vale ressaltar que o sistema de saúde público deixa muito a desejar, não apenas com as mulheres encarceradas, mas também com todas as mulheres que precisam do suporte hospitalar no momento do parto.

Abandono Familiar

A mulher encarcerada é vista com muito mais desprezo se comparada aos homens na mesma situação.

Além de todas as omissões estatais, a mulher em situação de cárcere vivencia outra realidade - igualmente degradante - a perda dos vínculos familiares. Enquanto os homens continuam a receber, religiosamente, a visita de suas mães, esposas e filhos durante o período do encarceramento, as mulheres não têm a mesma sorte. O sistema patriarcal que ainda vive no território brasileiro olha a mulher criminosa com puro desprezo, reforçando a desigualdade desta enquanto infratora. Diante disso, o grupo feminino sofre com um duplo abandono: do Estado e de suas famílias (Farias, 2017 s/p).

O percentual de mães encarceradas que receberam pelo menos uma visita durante o período de gestação foi baixo, e entre as que foram visitadas, os avós da criança foram os que mais compareceram, sendo pouco frequente a presença do pai (16%). Esta ausência do pai é em parte justificada pelo fato do encarceramento simultâneo.

A precariedade de comunicação entre o sistema prisional e a família das mães encarceradas é notória quando se observa que 89% das famílias não foram avisadas quanto ao início do trabalho de parto das mulheres. Na maternidade, o relato de familiares como acompanhantes só aconteceu em 3% dos casos, o que contraria a Lei 11.108, promulgada em 2005, que garante o direito de acompanhante de livre escolha da mulher durante sua permanência na maternidade (Saúde Pública, SciELO 2016).

O fato de o sistema penitenciário proibir a visita de familiares aumenta ainda mais a solidão e o desamparo dessas mulheres.

[...] a presença do acompanhante, mesmo em frequência muito aquém do esperado, minimiza tais desigualdades e faz que as mulheres tenham melhor percepção sobre o atendimento recebido, uma vez que ocorre maior respeito, privacidade, menos violência, menor tempo de espera, maior clareza nas

explicações, maior possibilidade de fazer perguntas e maior participação nas decisões (D'Orsi *et al.*, 2014, s/p).

Estudando uma amostra representativa de puérperas brasileiras encontraram que a presença de acompanhante se associa com melhor percepção sobre o atendimento recebido, maior respeito e privacidade no tratamento com a mulher, menor relato de violência, além de aumentar a chance de fazer perguntas e de ter maior participação nas decisões.

Um retrato dessa desumanização e abandono são as leis para visita íntima, da qual elas só tiveram acesso ao programa em 2002, 18 anos depois que as prisões masculinas já tinham esse acesso, e mesmo após esse direito ser alcançado, a prática não corresponde, segundo informam os dados. Para que o direito à visita social seja garantido, as unidades prisionais devem contar com ambiente destinado à realização da visita, além do pátio e celas das pessoas privadas de liberdade. E segundo o INFOPEN, a distribuição destes ambientes entre as unidades prisionais que abrigam mulheres no Brasil (estabelecimentos femininos e mistos), identificamos que uma em cada duas unidades femininas não contam com espaços nestas condições e, no caso das unidades mistas, apenas três a cada dez estabelecimentos contam com infraestrutura adequada ao exercício do direito à visita social da pessoa presa.

Sendo inviabilizada a visita íntima, um dos fatores de manutenção da conexão do presidiário com o mundo exterior e funcionando como incentivo efetivo para que o mesmo, passado o período de cumprimento da pena, seja reinserido no seu núcleo familiar e social.

Filhos do Cárcere

Há um momento na vida das mulheres muito peculiar, a maternidade. Mulher e mãe se tornam duas em uma única pessoa, mas ainda há o filho, completamente dependente de sua mãe, pois desde a sua concepção ele depende da nutrição da mãe, da saúde da mãe até o parto. E uma vez separado fisicamente da mãe, esse bebê continua dependente fisicamente e emocionalmente.

Frequentemente, as mulheres são aprisionadas grávidas, sendo que a estas deveriam ser dispensadas uma especial atenção, como prescreve normas internas e internacionais, principalmente ao que se refere a tratamentos médicos (Farias, 2017, s/p).

Farias (2017) ainda pondera que “o artigo 5º, inciso XLV, da Constituição Federal de 1988, o qual prescreve que nenhuma pena passará da pessoa do condenado”. Porém, o bebê nascido no cárcere sofre do mesmo abandono que a mãe e vive seus primeiros dias de vida de forma precária e injusta.

Visando amenizar essa situação, existe a possibilidade de prisão domiciliar, circunstância prevista no artigo 318, inciso IV, do Código de Processo Penal, bem como no art. 117, inciso IV da Lei de Execução Penal. O objetivo aqui é permitir que a mãe encarcerada fique em prisão domiciliar durante a gestação e mesmo após o nascimento do bebê, durante o aleitamento.

Infelizmente nem todas as mães têm o direito de cumprir sua pena em prisão domiciliar, tendo muitas vezes que ficar em um espaço improvisado da cela completamente ineficiente às necessidades da mãe e da criança. Outro fato importante a ressaltar é que estar em prisão domiciliar não significa liberdade como muitos pensam. Os trajetos permitidos são restritos e uma vez descumpridos a mãe perde o direito ao benefício.

Passado o período do aleitamento, é chegada a dolorosa separação entre mãe e filho. Farias (2017) ressalta que “o momento da separação é inevitável. Após esse tempo com a mãe, o bebê é entregue ao familiar mais próximo, quando isso não é possível, são levados a abrigos institucionais”. A partir desse momento a mãe e bebê ficam dependentes de uma terceira pessoa que possa levar a criança a sua mãe e contribuir para que o vínculo entre mãe e filho não se perca.

METODOLOGIA

Para a realização deste estudo optamos pela pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, desenvolvida com o auxílio de artigos, documentários, livros, teses, filmes/séries que retratam em audiovisual o senso sobre a trajetória de mães presas. Além disso, analisamos as legislações que implicam nos direitos das mulheres encarceradas.

O instrumento de pesquisa escolhido para aprofundar meu estudo e ao mesmo tempo contrapor as leituras realizadas foi a entrevista, com o objetivo de compreender a rotina das mulheres em cárcere e identificar como os dados aparecem em cada caso, buscando desconstruir o estigma social da mulher presa através da realidade pontuada.

A entrevista foi realizada em outubro de 2021 e, por causa da Pandemia de COVID-19, aconteceu no formato virtual, via Google Meet. Com duração de uma hora e cinco minutos (1h05) seguimos, a princípio, as perguntas feitas na introdução da pesquisa para conduzir a discussão.

Optei por não transcrever a entrevista, mas sim comentar sobre os elementos que mais despertaram a atenção e discorrer sobre os casos específicos que foram destacados. O diálogo com a defensoria pública enriqueceu o estudo aqui apresentado e, por isso, deixo meu agradecimento.

ANÁLISE DE DADOS: ENTREVISTA

Entramos em contato com a Defensoria Pública que atende o presídio de Trindade- GO e a Penitenciária Feminina Consuelo Nasser, localizada em Aparecida de Goiânia- GO, e realizamos uma entrevista com a Defensoria, no dia 5 de outubro 2021, às 14 horas, via Google Meet. Discutimos primeiramente, como está sendo o acompanhamento dos processos durante a Pandemia (covid-19) e se estavam sendo feitos a distância. A defensora pública nos explicou que tudo ficou ainda

mais difícil e que, na realidade, muitas de suas ações foram paralisadas durante a pandemia já que as visitas não eram permitidas.

Tivemos também muitas informações sobre o Projeto Mulheres Livres que, em suma, é um Projeto do Depen (Departamento Penitenciário Nacional) que faz uma triagem dentre todos os casos e identifica aqueles em que se encontram mulheres grávidas, com crianças recém-nascidas ou com filhos até 12 anos. O objetivo do projeto é examinar a situação processual, via Defensoria Pública e Núcleos de Práticas Jurídicas de Instituição de Ensino Superior, para encaminhamento dos processos ao Poder Judiciário, com posterior encaminhamento à rede de proteção social, com o intuito de reinserir a mulher que estava privada de sua liberdade, regularizando sua documentação pessoal, fornecendo capacitação e escolarização, inclusão no mercado de trabalho, executando a normativa penal do Habeas Corpus Coletivo nº 143641 que concedeu a ordem para determinar a substituição da prisão preventiva dessas mulheres pela domiciliar, desde que atendam o quesito de não terem cometido crimes de violência contra pessoa.

Em virtude desse processo de triagem e do trabalho da defensoria, nas unidades de Goiás, até outubro/21, mês da entrevista, não havia nenhuma mulher grávida ou com filho recém-nascido em ambiente de cárcere, mas o processo sempre depende da interpretação dos juízes para cada caso. Alguns compreendem que se a gravidez for de risco, a gestante deve continuar em regime fechado, pois é prioridade no atendimento à saúde caso tenha que ser socorrida em alguma emergência.

Ainda sobre a prisão domiciliar, cabe ressaltar que nos termos ficam determinados quais trajetos essa mulher, mãe, pode percorrer. Caso esta mulher seja abordada fora da rota ela é imediatamente reconduzida à prisão e perde totalmente o benefício. Porém, a Defensora nos relatou casos em que as presidiárias são analfabetas e assim, não leem os termos ao assiná-los, não são orientadas corretamente e, por isso, muitas vezes acabam perdendo seus benefícios.

Sobre o perfil da mulher encarcerada, levantamos os pontos que identificamos e que descrevemos no referencial teórico e pedimos que a Defensora nos relatasse se de fato houve uma mudança no perfil de crimes cometidos pelas mulheres. Assim, ela nos confirmou que de fato, hoje, os casos não são mais vinculados aos seus parceiros, mas sim crimes independentes, em sua maioria são crimes por tráficos de drogas e seguido por homicídios cometidos contra seus parceiros que as violentavam.

Mais uma vez, uma reflexão sobre o perfil das mulheres presas, estando elas ligadas ao racismo, envoltas na guerra às drogas e em um país de 17 milhões de mulheres violentadas de forma física, psicológica ou sexual no último ano, segundo Instituto Datafolha encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) divulgada em 2021. É neste contexto que as mulheres presas se afirmam como justiceiras em favor de sua própria defesa, como se fossem elas a morrer ou a acabar sendo mortas.

E quanto a Assistência Pública de Saúde, apesar da situação de gravidez, o atendimento à gestante já não atende de modo eficiente mulheres não

encarceradas, os números são ainda mais alarmantes para as mulheres privadas de liberdade, pois não dispõem de consultas que atendam o número ideal durante o pré-natal e, de forma geral, os atendimentos de saúde são feitos somente a partir da direção e de seus contatos, elas são levadas ao atendimento somente em situação de contaminação ou risco de morte. Assim, sem diagnósticos precoces, quando descobrem a enfermidade já está em situação avançada.

Confirmamos também a situação da infraestrutura das penitenciárias femininas, que seguindo o modelo masculino não possuem instalações que atendam às condições mínimas de dignidade humana. Não há instalações para grávidas, não tem qualquer mordomia e na maioria das vezes as mães que estão amamentando dividem o mesmo colchão com a criança, ou seja, a criança também sofre com a falta de estrutura e de amparo, sofrendo privações e consequências sem ao menos ter consciência delas. Manter uma criança em cárcere privado é uma crueldade sem precedentes.

Enfim, o Sistema Carcerário, na prática não segue procedimentos que colaborem com a reinserção social, pelo contrário, usa o espaço como uma punição apenas. Até mesmo as visitas íntimas, que só foram possíveis após tanto tempo, acabaram por se tornar um momento completamente constrangedor, sendo todo feito por improviso como se fosse uma cabana ali mesmo na carceragem. Vale ressaltar que os momentos de intimidade enriquecem o vínculo entre os casais e contribuem como um suporte emocional e a permanência do elo familiar.

Destaca-se também a solidão da mulher presa, que em vários casos tem a prisão do seu companheiro simultaneamente, o que interrompe o vínculo do casal e a sua comunicação com qualquer realidade que ela tem fora do ambiente carcerário, já que na maioria das vezes, a mulher não tem o apoio familiar quando é presa, diferentemente do homem na mesma situação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta investigação tinha como propósito reconhecer as diferentes formas de negligência que afligem as mulheres gestante em situação de cárcere. Também buscava obter esclarecimentos sobre como a legislação de fato se impõe no cotidiano dessas mulheres. A partir da realização da pesquisa, observamos que muitos dos direitos das mulheres e mães em cárcere são negligenciados, alguns direitos conquistados são recentes e nem chegaram a se efetivarem, como no caso do direito às visitas íntimas.

A pesquisa foi de grande importância para minha formação acadêmica, despertando a noção de injustiça ao ponto de decidir por seguir carreira na área de direito, assim como perceber que para a mulher encarcerada o peso da sua pena é ainda mais árduo, já que é acrescentado o peso de moralidade de uma sociedade patriarcal que carrega valores machistas, enraizados o suficiente para julgá-la duas vezes, independentemente de sua situação, grávida ou não, o que acaba por também condenar o futuro de uma criança.

Enfim, o Trabalho de Conclusão do Ensino Médio que desenvolvi me trouxe não somente a experiência de desenvolver uma pesquisa acadêmica como me despertou sensibilidade sobre a realidade dessas mulheres e suas crianças, identificando um retrato de toda a sociedade. Isso afeta também a minha vivência, despertando minha consciência de classe, identificando características do racismo estrutural que solidifica o encarceramento, o que evidencia a necessidade da equidade entre gêneros.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Bruna Soares Angotti Batista de. **Entre as leis da ciência, do Estado e de Deus: o surgimento dos presídios femininos no Brasil. 2011.** Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-11062012-145419/publico/2011_BrunaSoaresAngottiBatistaDeAndrade_VOrig.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2021.
- AYRES, B. V. S. *et al.* **Nascer na prisão: gestação e parto atrás das grades no Brasil.** Rio de Janeiro: Departamento de Epidemiologia e Métodos Quantitativos em Saúde, Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v21n7/1413-8123-csc-21-07-2061.pdf>>. Acesso em: 19 jul. 2019.
- DAVIS, Angela *et al.* **Estariam as prisões obsoletas?** Nova York: Seven Stories Press, 2003.
- DOMINGUES, Rosa Maria Soares Madeira *et al.* **Adequação da assistência pré-natal segundo as características maternas no Brasil.** Revista Panamericana de Salud Pública, v. 37, n. 3, 2015.
- D'ORSI, Eleonora *et al.* **Desigualdades sociais e satisfação das mulheres com o atendimento ao parto no Brasil: estudo nacional de base hospitalar.** Cadernos de Saúde Pública, v. 30, supl. 1, p. S154–S168, 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csp/a/ZfLNPcLjcrxDbRVg4sfj4S/?lang=pt>>. Acesso em: 12 dez. 2019.
- FARIAS, Emili Caroline Costa de Jesus. **Maternidade no cárcere.** Revista Jus Navigandi, Teresina, ano 23, n. 5363, 8 mar. 2018. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/62457>>. Acesso em: 16 nov. 2019.
- BRASIL. Departamento Penitenciário Nacional. **Levantamento de dados INFOPEN: Sistema de Informações Estatísticas do Sistema Penitenciário Brasileiro.** Disponível em: <<http://antigo.depen.gov.br/DEPEN/depen/sisdepen/infopen>>. Acesso em: 25 abr. 2019.
- BRASIL. **Departamento Penitenciário Nacional.** Infopen Mulheres. Disponível em: <<http://antigo.depen.gov.br/DEPEN/depen/sisdepen/infopen-mulheres/infopen-mulheres>>. Acesso em: 26 abr. 2019.

LOPES, Vitória Régia F. **Os problemas do cárcere feminino no Brasil e seus reflexos na essência feminina**. 2017. Disponível em: <<https://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/10084/Os-problemas-do-carcere-feminino-no-Brasil-e-seus-reflexos-na-essencia-feminina>>. Acesso em: 18 mar. 2020.

NASCIMENTO, Amanda Rodrigues; SILVA, Wirna Maria Alves da. **A maternidade no cárcere: uma análise dos efeitos da privação de liberdade das genitoras e as implicações secundárias para a família**. UNIFSA, 2019. Disponível em: <<https://ambitojuridico.com.br/cadernos/direito-penal/a-maternidade-no-carcere-uma-analise-dos-efeitos-da-privacao-de-liberdade-das-genitoras-e-as-implicacoes-secundarias-para-a-familia/>>. Acesso em: 18 jul. 2021.

PAIXÃO, Lorraine *et al.* **Maternidade e cárcere: a experiência de ser mãe no sistema prisional**. 2018. Disponível em: <<https://blog.ufes.br/revistauniversidade/2018/06/07/maternidade-e-carcere-a-experiencia-de-ser-mae-no-sistema-prisional/>>. Acesso em: 05 out. 2021.

QUEIROZ, Nana *et al.* **Presos que menstruam**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2015. Disponível em: <<https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/centrocultural/Presos%20Que%20Menstruam%20-%20Nana%20Queiroz.pdf>>. Acesso em: 14 maio 2019.

RONCHI, Zanette Isabela. **A maternidade e o cárcere: uma análise de seus aspectos fundamentais**. Porto Alegre: PUCRS, 2017. Disponível em: <http://www.pucrs.br/direito/wp-content/uploads/sites/11/2018/03/isabela_ronchi_20172.pdf>. Acesso em: 14 maio 2019.

ROSA, Marlene Inês da *et al.* **Levantamento nacional de informações penitenciárias: INFOPEN Mulheres**. Brasília: Ministério da Justiça e Segurança Pública, Departamento Penitenciário Nacional, 2017. Disponível em: <http://depen.gov.br/DEPEN/depen/sisdepen/infopen-mulheres/infopenmulheres_arte_07-3-18.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2019.

TOMASI, Elaine *et al.* **Qualidade da atenção pré-natal na rede básica de saúde do Brasil: indicadores e desigualdades sociais**. Cadernos de Saúde Pública, v. 33, n. 3, 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v33n3/1678-4464-csp-33-03-e00195815.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2020.



Representações Discentes Sobre a Educação para as Relações Étnico-Raciais no CEPAE-UFG

Julia Mota de Oliveira

Discente egressa (2019) do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE/UFG), estudante do Curso de Cinema e Audiovisual (UFF).

Danilo Rabelo

Docente Associado do Departamento de Sociologia do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE/UFG).

Resumo: Este trabalho tem por objetivo mostrar a forma como a desigualdade étnica racial (que leva em consideração aspectos físicos, como a cor da pele, ascendência, origem étnica ou nacional) interfere na educação para as relações étnico-raciais no contexto escolar, mais especificamente no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação-UFG (CEPAE), nosso universo de pesquisa. Nossa principal pergunta é saber como os alunos do ensino médio veem as representações étnico-raciais nas ações pedagógicas do CEPAE e, se de fato, esse ensino está incluído nas disciplinas curriculares desse centro. O que nos leva a entender também como/se o CEPAE contribuiu para essa autoafirmação da identidade étnico-racial dos alunos, e quais foram as ferramentas por eles usadas a fim de alcançar essa consciência.

Palavras-chave: ensino; relações étnico-raciais; educação básica; CEPAE-UFG.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é uma versão reduzida da monografia desenvolvida em 2019 como Trabalho de Conclusão de Ensino Médio (TCEM), no CEPAE (Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação), unidade acadêmica da UFG. A monografia possui gráficos, tabelas e figuras que ilustram melhor a pesquisa. Além de explorar outros conceitos e discussões como: feminismo negro, colorismo, eurocentrismo, racismo ambiental, cabelo afro como ferramenta de autoidentificação, a relação entre mulher branca x homem negro, a relação entre renda per capita e raça/etnia etc. Vale ressaltar que, neste artigo, apenas algumas partes do questionário aplicado serão analisadas.

Uma vez que somos uma nação miscigenada com a maior parte da população negra (pretos e pardos), 55,5% segundo os dados do PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) do IBGE (2022), o racismo não deveria ser um problema social. Entretanto, a discriminação racial e o racismo perduram acentuando as desigualdades sociais e étnico-raciais no Brasil.

Nosso objetivo foi mostrar a forma como a desigualdade étnica racial (que leva em consideração aspectos físicos, como a cor da pele, ascendência, origem étnica ou nacional) interfere na educação para as relações étnico-raciais no contexto escolar, mais específico no CEPAE. Nossa principal pergunta foi saber como os alunos do ensino médio veem as representações¹ étnico-raciais nas ações

1 Para Cuvillier, representações são “as ideias, crenças e recordações comuns, certos modos de se representar o universo e especialmente o mundo humano, que se interpõem como um prisma entre o homem e sua visão das coisas e dos seres” (apud Gusmão, 1970, p.

pedagógicas do CEPAE e, se de fato, esse ensino está incluído nas disciplinas curriculares desse centro. O que nos leva a entender também como/se o CEPAE contribuiu para essa autoafirmação da identidade étnico-racial dos alunos, e quais foram as ferramentas por eles usadas a fim de alcançar essa consciência sobre os mesmos.

O racismo é um assunto de extrema relevância, mas que muitas vezes é deixado de lado, já que o mito da democracia racial é proliferado pelos brasileiros, ideologia esta que defende que o Brasil é um país isento de discriminação ou preconceito racial. Segundo Hasenbalg (1979), a ideologia da democracia racial é “indubitavelmente o símbolo integrador mais poderoso criado para desmobilizar os negros e legitimar desigualdades raciais vigentes desde o fim do escravismo”, para ele existem consequências em negar o preconceito e a discriminação racial, e uma delas é responsabilizar o grupo subordinado pela sua própria baixa posição social, em detrimento da estrutura de relações intergrupais. O sociólogo Florestan Fernandes compartilha da mesma linha de raciocínio de Hasenbalg, e explica essa mania do povo brasileiro de “fechar os olhos” e velar seu preconceito.

Por isso, surgiu no Brasil uma espécie de preconceito reativo: o preconceito contra o preconceito de ter preconceito. Ao que parece, entendia-se que ter preconceito seria degradante e o esforço maior passou a ser o de combater a ideia de que existiria preconceito no Brasil, sem se fazer nada no sentido de melhorar a situação do negro e de acabar com as misérias inerentes ao seu destino humano na sociedade brasileira (Fernandes, 2005/2006, p. 173).

Esse descaso com as questões étnico-raciais é totalmente prejudicial e desrespeitoso com a história dos povos negros. Seja na sociedade em geral, ou dentro da escola, esse desdém pela cultura afro-brasileira continua tendo o mesmo efeito.

Desse modo, é imperioso que essa ideia de democracia racial seja abolida nos meios acadêmicos, escolares e no senso comum. Não é mais possível ocultar as contradições sociais, raciais e étnicas no Brasil para manter uma aparente harmonia e ordem que muitos prejuízos trazem para as camadas subalternas e os grupos raciais minoritários (Rabelo, 2010, p. 31).

Bem como citado por Rabelo (2010), essa disseminação do uso da democracia racial deve acabar, para assim começarmos a debater essas questões não somente em sala de aula, mas em todos os espaços possíveis.

O interesse pela temática é um incômodo que eu, mulher negra, sempre tive em relação às questões raciais. Fruto de um relacionamento inter-racial, me definir como uma mistura que transita no espectro racial sempre me pareceu a opção mais viável. Em geral, as pessoas insistem em tentar tirar o peso das palavras **NEGRA**, 210). *Por sua vez, Chartier (1988) afirma que as representações embora pareçam e aspirem ser universais em suas ideias, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam.*

PRETA, e minimizam chamando de “moreninha” quando se referem a mim. Djoke (2015) explicita essa indagação coletiva dentro da comunidade negra.

O importante não é convencer-se de que a pessoa seja na verdade branca, mas sim conseguir ignorar seus traços negros a ponto de conseguir imaginá-la branca, a ponto de poder suportar sua presença que, por causa do racismo, é vista como intrusa (Djoke, 2015, p. 1).

Mais que uma pesquisa que me provoca um interesse pessoal, ela também tem intuito de ajudar a comunidade do CEPAE a entender melhor, tanto docentes quanto discentes, a forma como as relações étnico-raciais estão estabelecidas e precisam ser discutidas e abordadas.

Ao iniciarmos uma pesquisa que envolve o cenário escolar (já que os sujeitos de pesquisa foram os alunos do Ensino Médio do colégio CEPAE-UFG) se torna indispensável a menção da lei número 10.639/03. Tal qual foi decretada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em 9 de janeiro de 2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de “História e cultura afro-brasileira” na educação básica incluso em todas as disciplinas das grades curriculares. Essa lei visa reparar os danos causados pela escravidão e pelo racismo no Brasil. Como destacada sua importância para o Ministério da Educação, MEC:

A escola tem papel preponderante para eliminação das discriminações e para emancipação dos grupos discriminados, ao proporcionar acesso aos conhecimentos científicos, a registros culturais diferenciados, à conquista de racionalidade que rege as relações sociais e raciais, a conhecimentos avançados, indispensáveis para consolidação e conserto das nações como espaços democráticos e igualitários (Brasil, 2004, p. 15)

A lei 10.639 se faz importante por acentuar a participação dos negros na construção da identidade nacional e dar mais valor à cultura afro que está diretamente relacionada ao Brasil. Com essa lei também foi instituído o dia Nacional da Consciência Negra (20 de novembro), dia escolhido em homenagem ao líder quilombola negro Zumbi dos Palmares, que teve a cabeça decapitada e exposta em praça pública para servir de exemplo a outros escravizados nesta data. O Dia da Consciência Negra é marcado pela luta contra o preconceito racial no Brasil. A lei número 12.519 de 10 de novembro de 2011, sancionada pela ex-presidente Dilma Rousseff, declara 20 de novembro também como sendo o Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra.

Contudo, desde o aparecimento das teorias críticas da educação há o reconhecimento de que a escola é um dos aparelhos ideológicos do Estado (Althusser, 1980), isto é, ela é uma instituição com a função de reproduzir e manter a estrutura de classes e as desigualdades sociais. Por outro lado, Andrade (2005), sabendo da importância e poder que a escola exerce na formação dos alunos, afirma que é necessário que lhes seja oferecido um material adequado e uma

abordagem que contribua para combater as visões estereotipadas e racistas sobre a população negra e, acima de tudo, reforçar a autoestima das crianças negras e de outras etnias de nossas escolas. Do mesmo modo, Toro (2005) afirma que um dos objetivos da escola é justamente esse de proporcionar para o aluno a capacidade de ser crítico diante dos meios de comunicação a eles oferecidos.

O racismo é inserido na vida das pessoas na instituição que geralmente se tem um primeiro contato, a família, sendo assim essas duas educadoras, escola e família, devem andar lado a lado com o mesmo intuito de combater essa diferença que existe embasada nas cores de pele, fenótipos e o tratamento social que sofrem essas diversidades.

Por esse motivo, as questões raciais na escola não devem ser responsabilidade exclusiva do corpo docente, nem uma política pública dos governos, mas um debate constante com a comunidade escolar (mestres, pais e mães, funcionários, estudantes etc.). A democracia racial e o branqueamento² são ideologias e mitos que precisam ser combatidos, por dificultarem o debate e o diálogo sobre as relações étnico-raciais na escola e na sociedade brasileira (Rabelo, 2010, p. 25).

Apesar de Rabelo (2010) trazer a questão do envolvimento dessas comunidades anteriormente citadas, para alcançar esse objetivo é preciso cativar a atenção e disponibilizar a esses alunos conhecimento, de forma que seja compreendido com clareza a historicidade e esse conjunto de questões étnico-raciais presentes na sociedade.

Embora concordemos que a educação tanto familiar como escolar possa fortemente contribuir nesse combate, devemos aceitar que ninguém dispõe de fórmulas educativas prontas a aplicar na busca das soluções eficazes e duradouras contra os males causados pelo racismo na nossa sociedade (Munanga, 2005, p. 18).

Mesmo problematizando e dando ênfase nesse obstáculo, Munanga (2005) indica um caminho que os educadores podem seguir para uma possível solução do problema.

Aqui está o grande desafio da educação como estratégia na luta contra o racismo, pois não basta a lógica da razão científica que diz que biologicamente não existem raças superiores e inferiores, como não basta a moral cristã que diz que perante

² Segundo Thomas Skidmore (1976, p. 81): “a tese do branqueamento baseava-se na presunção da superioridade branca, às vezes pelo uso dos eufemismos raças ‘mais adiantadas’ e ‘menos adiantadas’ e pelo fato de ficar em aberto a questão de ser a inferioridade inata. À suposição inicial, juntaram-se mais duas. Primeiro – a população negra diminuía progressivamente em relação à branca por motivos que incluíam a suposta taxa de natalidade mais baixa, a maior incidência de doenças, e a desorganização social. Segundo – a miscigenação produzia ‘naturalmente’ uma população mais clara, em parte porque o gene branco era mais forte e em parte porque as pessoas procuravam parceiros mais claros que elas. (A imigração europeia reforçaria a resultante predominância branca)”.

Deus somos todos iguais, para que as cabeças de nossos alunos possam automaticamente deixar de ser preconceituosas. Como educadores, devemos saber que apesar da lógica da razão ser importante nos processos formativos e informativos, ela não modifica por si o imaginário e as representações coletivas negativas que se tem do negro e do índio na nossa sociedade (Munanga, 2005, p. 18-19).

De acordo com o antropólogo, os educadores devem usar uma ferramenta para além do uso da lógica da razão, que apesar de importantes nos processos formativos e informativos não modifica sozinha o imaginário e as representações coletivas negativas que se tem do negro na sociedade. Ele defende o uso de técnicas e linguagens capazes de superar os limites da pura razão e de tocar no imaginário e nas representações, já que é daí que brotam e são cultivadas as crenças, os estereótipos e os valores que codificam as atitudes.

Para essa pesquisa limitamos os sujeitos de pesquisa, e utilizamos como instrumento um questionário que foi aplicado aos alunos do terceiro ano do ensino médio do CEPAE. O questionário foi composto por perguntas abertas (que necessitam justificativa) e fechadas, para que os informantes tivessem a liberdade de expressarem seus pensamentos e opiniões. Por estarem concluindo a educação básica e como maior parte da turma estuda no CEPAE desde o primeiro ano do ensino fundamental, são eles quem teriam mais propriedade para avaliar a metodologia usada pelos professores em relação a essas questões étnico-raciais.

As perguntas têm por finalidade descrever o perfil dos participantes, com indagações que questionem a raça/etnia dos entrevistados de acordo com as estabelecidas pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), coletar informações sobre a avaliação do ensino do CEPAE sobre as relações étnico-raciais, e entender se e como o CEPAE dialogou com os alunos nas diversas disciplinas como foram abordadas as questões raciais, e se essa contribuição acadêmica pôde ajudar na construção dessa autoafirmação dos discentes. Os questionários foram aplicados durante as aulas do dia 16 de maio de 2019 para as turmas A e B, e foram recolhidos no mesmo dia.

Para analisar as respostas dos informantes irei utilizar a análise de discurso, que consiste em que o discurso define o sujeito, moldando e posicionando quem ele é, qual grupo social ele está inserido entre outros fatores, bem como dito por ele mesmo, ou seja, “descrever uma formulação como enunciado não consiste em analisar as relações entre o autor e o que ele diz (ou quis dizer, ou disse sem querer); mas em determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser sujeito” (Foucault, 1971, p. 119-120). Pois ao recolher esses dados (questionários aplicados aos alunos do CEPAE) devemos levar em consideração a raça/etnia, renda familiar, e uma série de outros fatores para entender o porquê do sujeito reproduzir tais discursos.

No total foram respondidos 48 questionários, com o intuito de analisar como os alunos se autodeclaram quanto à raça/etnia, de acordo com as tipologias

estabelecidas pelo IBGE³ (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), como avaliam a metodologia étnico racial tratada no CEPAE; se o CEPAE contribuiu para esse processo de autoafirmação étnica e quais as sugestões para a melhoria desse ensino.

No que diz respeito à caracterização dos sujeitos pesquisados, esse questionário qualitativo/quantitativo inicia-se com uma pergunta fechada que questiona o gênero do participante, para detectar se o gênero interfere nos discursos reproduzidos⁴. Quanto ao gênero, os participantes da pesquisa estão assim classificados: 20 homens (41,67%), 27 mulheres (56,25%) e 1 outro (2,08%). No entanto, pelas respostas seguintes, constatou-se que nessa pesquisa o gênero parece não ter influência no tipo de respostas obtidas. Mesmo assim, em alguns depoimentos, será discriminado o gênero e a raça declarada pelo informante.

Em relação à raça/etnia dos estudantes pesquisados, temos 23 (47,92%) pessoas que se consideram brancas, 18 (37,5%) pardas, 7 (14,58%) negras e nenhuma outra identificação com outras raças/etnias. Desta forma, se faz necessária a discussão sobre a identidade racial no Brasil, já que estamos falando de autoafirmação.

Quando pensamos identidade racial branca no Brasil, devemos entender como pensamos identidade, como pensamos raça e quem é considerado branco na sociedade brasileira. Primeiro, é importante lembrar que “identidade” é diferente de “identificações”. A identificação é um percurso individual de um sujeito. Uma pessoa pode ser branca e ter identificações com a capoeira, com o candomblé, com o samba – tidos como sendo da chamada “cultura negra”. A identidade coletiva, não: ela é construída sócio-historicamente e depende da estrutura social em que um indivíduo está inserido (Alves, 2018, p.1).

Nessa premissa a leitura social é o fator determinante para estabelecer sua raça/etnia, não deixando de lado a importância da autoafirmação, que se relaciona totalmente com o seu entendimento e definição sobre si.

Então, pensando que no Brasil o racismo é de fenótipo, mesmo que uma pessoa tenha identificações com a chamada “cultura

3 No sistema classificatório do IBGE, são empregados juntamente os métodos da auto-atribuição e da heteroatribuição de pertença para fazer a identificação racial. Estes consistem no próprio sujeito da classificação escolher o grupo do qual se considera, e no qual outra pessoa define o grupo do sujeito, simultaneamente.

4 A concepção de discursos de Foucault (1971) os considera uma dispersão, na qual seus elementos não estão ligados por nenhum princípio de unidade. As regularidades capazes de reger sua formação devem ser estabelecidas pela análise do discurso como um sistema de relações entre objetos, tipos enunciativos, conceitos e estratégias. Além disso, os discursos são considerados como práticas formadoras de saberes que se articulam às práticas sociais não-discursivas. Para Foucault (1971, p. 119-120), a relação que se estabelece entre o sujeito e o discurso elimina a noção ideal de um sujeito fundador: “Descrever uma formulação como enunciado não consiste em analisar as relações entre o autor e o que ele diz (ou quis dizer, ou disse sem querer); mas em determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser sujeito” (Rabelo, 2006, p. 26-27).

negra”, se sua cor da pele é vista como branca, então ela é branca. Ou seja: é o fenótipo que vai dizer quem é branco e quem não é (Alves, 2018, p.1).

O ideal é que a sua leitura social seja compatível com sua autoafirmação, mas existem alguns obstáculos, como para negros de pele clara se declararem como negros e serem lidos como pardos, por influência da sociedade que tenta embranquecer esses indivíduos, além da problemática de pessoas brancas apropriadoras que se autoafirmam negras quando na verdade são lidas como brancas, nunca sofreram racismo, são privilegiadas, mas querem apenas gozar do termo e se “sentirem como negras”. Essas pessoas geralmente usam a justificativa da ancestralidade, de que “minha avó era negra”.

Nesse sentido, a identidade é uma relação entre eu (self) e o outro (Glissant, 2000), isto é, não basta apenas a autoidentificação, mas também a atribuição dos outros para a formação da identidade racial, étnica, cultural ou social.

No que consta sobre as representações dos estudantes pesquisados, a questão nº 5 do questionário se faz fundamental, pois nela o estudante faz o exercício de recordar situações de racismo⁵ e/ou de discriminação racial⁶ que ocorreram no CEPAE, que são indícios de falhas no processo de educação dessas crianças e adolescentes, seja dentro da instituição familiar, religiosa e/ou escolar. E quando essas práticas ocorrem no CEPAE, diz respeito sobre o ambiente e os indivíduos que praticaram, que frequentam diariamente o colégio.

Destacamos algumas respostas dos sujeitos pesquisados referentes às situações de racismo e/ou discriminação racial presenciadas por eles no CEPAE, as quais foram agrupadas por categorias temáticas. A primeira categoria temática é a discriminação disfarçada de brincadeira inocente.

Estudante 2 (branca) - Sim, no começo da segunda fase uma amiga minha tinha o apelido de macaca e, embora fosse brincadeira⁷ de pré-adolescente sem noção, isso é muito estranho olhando pra trás (grifo adicional).

Estudante 11 (parda) - Já vi, mas entre amigos nada muito sério, apenas na brincadeira (grifo adicional).

Estudante 12 (negro) - Sim, de discriminação, faz muito tempo, “brincadeirinhas” com os colegas (grifo adicional).

Essas três respostas são reflexo de um fenômeno que acontece com diversos preconceitos enraizados na sociedade, em que amenizam o peso das palavras, na

5 Segundo Kabengele Munanga (1990, p. 52), “o racismo seria essa atitude que consiste em considerar as características intelectuais e morais de um dado grupo humanos como consequências diretas de suas características físicas ou biológicas”.

6 A discriminação racial “refere-se ao tratamento injusto ou negativo de uma pessoa ou grupo, por ela pertencer a certo grupo (como etnia, idade ou gênero). É o preconceito ou racismo em forma de ação” (BEZERRA, s/d).

7 Brincadeira é a ação de brincar, entreter, distrair, mas também tem o sentido de fazer piada, escárnio e chiste.

tentativa de velar o racismo, e tentar mostrar que “estavam apenas brincando”. Para Márcia Regina de Silva, o argumento da “brincadeira” é utilizado para manifestar o racismo, sem ter que sofrer o custo de ser racista, “É uma brincadeira, mas com marcadores racistas. Quantas brincadeiras com a heterossexualidade ou branquitude você conhece?” (2016, s/p) pergunta a professora.

A fim de entender mais sobre essa peculiaridade do povo brasileiro com esse tipo de racismo que é negado publicamente e praticado na intimidade, Lília Shwarcz em uma pesquisa realizada em 1988, demonstra que 97% dos entrevistados afirmaram não serem racistas, e 98% deles declararam conhecer alguém racista. Portanto, essa ilha da democracia racial cercada de racistas que vivemos, pode ser para Florestan Fernandes (1966) resumida em apenas uma frase, “o brasileiro tem preconceito de ter preconceito”.

É difícil fazer a dissociação do “humor” com o racismo, uma vez que há no habitus brasileiro uma tradição de fazer piada de tudo. É comum programas humorísticos⁸ fazerem o uso desse “humor” de conotação racista. Em razão da influência da televisão na sociedade brasileira, o racismo foi banalizado e considerado como “brincadeira”.

No depoimento da estudante branca, embora ela perceba a problemática que é fazer a comparação de uma pessoa negra com um macaco, ela ainda sim cai no equívoco de caracterizar uma prática de racismo como “brincadeira”. Ao analisarmos a fala da estudante parda nos deparamos com uma complicação ainda maior, em que há uma naturalização ao dizer que a situação não é muito séria “mas entre amigos nada muito sério”. Provavelmente na sua concepção só é racismo quando de forma rude e grosseira ela é inferiorizada por uma terceira pessoa que não possua um laço afetivo.

A não compreensão dos conceitos também se apresenta problemática, conforme o depoimento a seguir:

Estudante 9 (negra) - Sim meus colegas fazem bullying entre si em relação ‘a’ (sic) cor e nomes pejorativos.

Esta resposta é reflexo da falta de conhecimento que a estudante tem sobre o assunto, ao fazer a confusão de um conceito de “bullying”⁹, uma palavra nada adequada para o contexto.

Uma pessoa negra pode sim sofrer bullying, como qualquer outro indivíduo, mas interpretando a frase, vemos que o “bullying entre si em relação a cor” é na verdade racismo. Ao categorizar o racismo como bullying, há um apagamento da luta racial no lugar de reivindicação do que é considerado racismo. Quando observamos essa falta de conhecimento sobre o conceito de racismo (básico para entender o mínimo sobre raça e etnia) sendo reproduzido por uma pessoa negra, é 8 Podemos nos lembrar do programa “Os Trapalhões”, onde Mussum (um dos personagens) era exposto a situações esdrúxulas. Em um dos episódios, Dedé, outro personagem, pergunta: “onde está o macaco?”, ao passo em que Mussum sai todo sujo debaixo do carro e responde: “macaquis é a mãe! (Ribeiro, 2015, p. 1).

9 Bullying é a prática de atos violentos, intencionais e repetidos, contra uma pessoa indefesa, que podem causar danos físicos e psicológicos às vítimas.

preciso se questionar como essa estudante é atravessada por possíveis violências, e como/se ela identifica os atos racistas sutis e disfarçados.

Para estudantes do terceiro ano do ensino médio esse conceito deveria estar mais que claro, porém, não é o que vemos quando analisamos a resposta, dessa maneira o CEPAE não conseguiu ensinar o básico sobre relações étnico-raciais para essa estudante. Mesmo que inusual, o termo “racismo institucional” teve sua criação em 1967, por ativistas integrantes do grupo Panteras Negras, Stokely Carmichael e Charles Hamilton. Fez-se necessário o termo para especificar como se manifesta o racismo nas estruturas de organização da sociedade e nas instituições. Dentre as respostas dos alunos pesquisados sobre situações de racismo e/ou discriminação racial no CEPAE, destaca-se a seguinte relacionada ao racismo institucional:

Estudante 5 (negra) - Sim, um dos casos identificados foi a falta de alunos e professores dentro da instituição, o despreparo ‘geral’ no ‘abortamento’ (sic) ou tratamento dos assuntos raciais

O Programa de Combate ao Racismo Institucional (PCRI) foi implementado no Brasil em 2005, segundo o próprio:

O fracasso das instituições e organizações em prover um serviço profissional e adequado às pessoas em virtude de sua cor, cultura, origem racial ou étnica. Ele se manifesta em normas, práticas e comportamentos discriminatórios adotados no cotidiano do trabalho, os quais são resultantes do preconceito racial, uma atitude que combina estereótipos racistas, falta de atenção e ignorância. Em qualquer caso, o racismo institucional sempre coloca pessoas de grupos raciais ou étnicos discriminados em situação de desvantagem no acesso a benefícios gerados pelo Estado e por demais instituições e organizações (CRI, 2006 *apud* Geledés, 2013).

A estudante negra foi a única a apontar uma falha da instituição e a abordar o racismo institucional, os demais apenas relataram práticas pessoais de racismo. Como mulher negra e exercendo seu local de fala, ela apresentou duas problemáticas: a falta de alunos e professores dentro da instituição e o despreparo ‘geral’ “no abortamento” (sic) ou tratamento dos assuntos raciais. Nesse sentido precisamos fazer uma análise muito mais complexa e perguntas como, onde estão os professores negros no CEPAE?

Essa realidade é reflexo de uma sociedade em que apenas 12% dos negros (pretos e pardos), entre 18 e 24 anos, são estudantes em instituições de ensino superior brasileiras e apenas 34% dos alunos de ensino superior no Brasil são negros, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), referentes a 2015, e dentro da realidade do CEPAE onde muitos dos professores são doutores, acaba diminuindo esse universo de professores negros que conseguem ter acesso a uma pós-graduação. O que torna ainda mais difícil a ascensão social desse grupo, distanciando-os de um reconhecimento no meio profissional/acadêmico e ao acesso a melhores vagas no mercado de trabalho. Ao

que diz respeito à quantidade de estudantes negros no CEPAE, não há nenhuma explicação social, já que o ingresso no colégio se dá por meio de um sorteio eletrônico que pode ser acompanhado pelo público.

Por isso as cotas, previstas pela Lei nº 12.711/12, são de extrema relevância, pois elas garantem a reserva de 50% das matrículas por curso e turno nas 59 universidades e 38 institutos federais de educação, ciência e tecnologia, com a tentativa de reparação histórica e democratização do ensino no Brasil. A naturalização do passado de escravidão e sua identificação pejorativa com a pessoa negra pode ser observada na seguinte resposta:

Estudante 10 (parda) - Sim, no ensino fundamental, na qual, uma criança negra era chamada de escrava.

A gravidade ao intitular uma pessoa negra como escrava é tamanha, que uma criança que provavelmente ainda não entende muito bem, mas possui uma breve noção do que trata o assunto, provavelmente se sentirá inferiorizada ao ser comparada com algo tão indigno, já que esse termo traz consigo um monstruoso peso de violência, marginalização e segregação. Sobre a fetichização de corpos negros, levando à construção de estereótipos, pode ser observado o seguinte depoimento:

Estudante 6 (branco) - Já, eu já pratiquei racismo com meu colega que é um negão gostoso.

Esse caso em específico nos chama muita a atenção, pois contradiz a ideia de velar o preconceito, já que da forma mais clara o estudante admite ter praticado racismo, e ainda por cima denomina a vítima como “negão gostoso” (o que certamente não aconteceria se não fosse um questionário que preserva o anonimato). Isso nos leva a adentrar na temática de hipersexualização e objetificação de corpos negros, mais especificadamente de corpos masculinos, que é quase tão antiga quanto o estereótipo do homem negro bandido. Caio Cesar dos Santos, ativista negro, explica sobre:

Hiperssexualizar um homem negro é tirar dele a condição de homem. É vê-lo somente como um corpo, um fetiche, pronto para ser usado e abusado pelos seus desejos sexuais. É caracterizá-lo sexualmente como selvagem, viril e violento. É especular sobre o tamanho do seu órgão sexual sem nunca tê-lo visto nu (Santos, 2017, p. 1).

Por sua vez, Protazio (2018, p.1) também reflete sobre os homens negros hipersexualizados como uma “máquina de prazer e violência num só corpo. Nunca homens, meninos, humanos... sempre estigmas”. E é exatamente esse o intuito da hipersexualização, armazenar em uma caixa de estereótipos a função desses corpos.

Enquanto homens brancos exercem sua sexualidade sem que isso os categorize emocionalmente, intelectualmente e/ou sexualmente, há um empecilho para os homens negros ao fazerem o mesmo pois estão sujeitos a essa chuva de

estereótipos que a todo momento ouvimos nos ditos populares, “negão gostoso”, “negão boa pinta”...

Analisada a caracterização dos sujeitos pesquisados e as representações dos estudantes, partimos agora para a observação de uma terceira parte do questionário, que busca entender como os estudantes avaliam a forma como CEPAE lida para com as relações étnico-raciais na instituição.

A questão 6 do questionário introduz uma breve apresentação sobre o que seria a lei 10.639/03 e questiona os participantes sobre a recorrência dessa lei nos processos educacionais do CEPAE. Essa lei é uma tentativa de reparação histórica, que busca resgatar essa cultura que historicamente vem sendo silenciada. Para fazer essa análise, duas perguntas são feitas acerca do assunto. Elas têm por finalidade contribuir na investigação feita sobre as relações étnico-raciais no CEPAE, e gerar um momento de reflexão e conhecimento para os estudantes sobre essa lei.

Os resultados numéricos da pergunta são os seguintes: 33 (68,75%) dos informantes afirmaram que a Lei nº 10.639/03 se encontra contemplada nos processos educacionais do CEPAE, enquanto 14 (29,16%) pessoas afirmaram que não e, apenas uma (2,08%) não respondeu.

As respostas abaixo dizem respeito ao cumprimento da lei ° 10.639/03, e como/se os alunos percebem a efetivação dela:

Estudante 1 (branca): Sim, quando estudamos a **escravidão** principalmente. (grifo adicional).

Estudante 5 (negra): Não, falta demais, “preto” só é citado quando se fala de **escravidão**. (grifo adicional).

Estudante 2 (branca): Quando falamos sobre intolerância religiosa aprendemos que as religiões de matriz africana são as que mais sofrem disso. Também estudamos a **escravidão** no Brasil e lembro de aprendermos sobre a cultura afro-brasileira no meio de outros conteúdos, como capoeira, culinária brasileira etc. (grifo adicional).

É fundamental o ensinamento sobre os processos de escravização (não só no Brasil) para entendermos as consequências dela na atualidade. O problema é quando tudo o que sabemos sobre a comunidade negra se limita à escravidão e a história segregacionista do apartheid¹⁰.

A reincidência dessas representações sempre negativas que são fixadas na cabeça de um estudante, pode levá-lo a restringir seu pensamento e a relacionar esse povo sempre a uma imagem de lástima, sentimento de pena e vê-los somente como vítimas... Não conseguindo enxergar as riquezas culturais, lutas e resistência

10 Apartheid é uma palavra do idioma africâner que significa separação. Foi o nome dado ao sistema político que esteve em vigor na África do Sul (e posteriormente nos Estados Unidos) e que exigia a segregação racial. Sua política racista pretendia impedir todo o relacionamento entre os indivíduos de raças/etnias diferentes, demarcando os lugares de brancos e lugares de negros.

do povo negro. Outrossim, dois estudantes revelaram suas insatisfações com o ensino:

Estudante 6 (branco) - Não, tou cansado de estudar a “europa” porra!

Estudante 3 (parda) - Durante meu ensino fundamental e médio abordamos sim sobre o tema, mas não o suficiente.

Ambos os comentários evidenciam a insatisfação dos estudantes quanto ao ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira aprendidos no CEPAE. É muito interessante que um dos estudantes cite a Europa, afirmando estar cansado de estudá-la, nos dando uma abertura para discutir brevemente sobre esse pequeno continente que tem grande influência econômica, social, política e cultural em um mundo globalizado.

A escola pode contribuir bastante para as relações étnico-raciais ao ensinar sobre as ideias pós-coloniais ou decoloniais¹¹, visto que, o eurocentrismo torna-se, portanto, uma metáfora para descrever a colonialidade do poder, na perspectiva da subalternidade, segundo Mignolo, (2003).

Se a colonialidade do poder criou uma espécie de fetichismo epistêmico (ou seja, a cultura, as ideias e os conhecimentos dos colonialistas aparecem de forma sedutora, que se busca imitar), impondo a colonialidade do saber sobre os não-europeus, evidenciou-se também uma geopolítica do conhecimento, ou seja, o poder, o saber e todas as dimensões da cultura definiam-se a partir de uma lógica de pensamento localizado na Europa (Oliveira; Candau, 2010, p. 21)

Dessa maneira, se faz necessário o debate em sala de aula acerca da influência colonial direta que o Brasil sofre da Europa, o que com certeza também abalou a forma com as relações étnico-raciais são entendidas atualmente no nosso território.

Em seguida, a questão 10 do questionário pergunta aos estudantes: “O CEPAE contribuiu no seu processo de autoafirmação étnica? Se sim, como?”. Essa pergunta tem por finalidade a compreensão de uma das perguntas chaves da nossa pesquisa, porque ao mostrar que o colégio contribuiu nesse quesito, percebemos que a educação para as relações étnico-raciais no CEPAE conseguiu tratar desse aspecto fundamental na vida de uma pessoa, que é a sua autoafirmação étnica (que diz respeito a qual grupo você pertence dentro da sociedade, contando muito sobre a sua história). Para 20 (41,67%) informantes o CEPAE contribuiu sim para sua autoafirmação étnica; para outros 21 (43,75%) não houve essa contribuição; ao passo que um (2,08%) não soube responder e outros 6 (12,5%) não responderam.

¹¹ O colonialismo denota uma relação política e econômica, na qual a soberania de um povo está no poder de outro povo ou nação, o que constitui a referida nação em um império (TORRES, p. 131, 2007). Desse modo, o pós colonialismo seria a análise os efeitos políticos, filosóficos, artísticos e literários deixados pelo colonialismo tanto nos países colonizados quanto nos colonizadores.

É instigante pensar sobre essa quantidade de não-respostas. Em relação a como o CEPAE contribuiu ou não no processo de autoafirmação dos seus alunos, algumas respostas nos pareceram bastante significativas e serão discutidas a seguir. Inicialmente, podemos agrupar algumas com relação à naturalização da branquitude.

Estudante 14 (branco) -Não, pois sou branco e a **autoafirmação étnica é mais fácil para nós brancos**, mas o CEPAE me ajudou a desconstruir o pensamento racista que havia em mim. (grifos adicionais).

Estudante 6 (branco) -Não, porque **eu sempre me senti branco**, eu nunca tive dúvida sobre minha etnia. (grifos adicionais).

Estudante 17 (branca) -Então, não sei o que responder, acho que tenho **uma autoafirmação boa e não questionei**. (grifos adicionais).

Estudante 2 (branca) -Eu sou branca, acho que **tudo contribuiu nesse processo pra mim, vejo pessoas da minha etnia em todos os lugares**. (grifos adicionais).

Para essas pessoas, brancas, pensar em autoafirmação é algo muito distante de suas realidades devido à naturalização da branquitude na sociedade, já que desde sempre são lidos como brancos e não há problema algum em ser, muito pelo contrário, só há vantagens e privilégios. Por isso tal questionamento nunca lhes foi feito, não é necessário discutir um assunto quando você não percebe ao menos a problemática racial que existe no Brasil em torno dessa questão, como foi muito bem-posto pelo estudante 14 que demonstrou ter consciência sobre, autoafirmação étnica é mais fácil para nós brancos. Essa falta de necessidade em se auto identificar como branco quando já se é lido como e goza desses privilégios, é evidenciado na fala da estudante 17, quando ela diz acho que tenho uma autoafirmação boa e não questionei, onde essa falta de questionamento é fruto dessa naturalização da branquitude¹².

Há uma série de problemas na fala do estudante 6, eu sempre me senti branco, o que seria se sentir branco? Seria a sensação de poder e domínio que a classe branca detém sobre as demais? Essa frase é tão racista quanto o dito popular “um negro de alma branca”, onde o emocional em ambas as frases é vinculado a sua raça, deixando a entender que uma alma branca seria aquela pura, livre de maldade e digna, enquanto a negra representa todos os possíveis adjetivos para denominar algo ruim e impuro. Por conseguinte, a intenção do estudante 6 poderia ser de apenas dizer que sempre se considerou branco, mas ao fazer o uso da palavra “senti” ele trouxe à tona uma frase racista e questões que são bastante discutidas dentro do movimento negro.

¹² Olham-se os negros como um grupo racializado, os indígenas como grupo racializado, mas os brancos como indivíduos. O termo “branquitude” remete à ideia da identidade racial branca: é quando os brancos começam a ser racializados, tais como negros e indígenas nas sociedades estruturadas pela ideia de raça (Schucman, s/p, 2018).

Quanto à autoaceitação, autodefinição etc. algumas respostas refletem como o CEPAE pode ter contribuído para isso:

Estudante 1 (branca) -Sim, me ajudou a entender as relações entre raça e etnia, e, **como me encaixo ou desencaixo nestas definições.** (grifos adicionais).

Estudante 7 (negro) -Sim, creio que antes **era enraizado em mim o racismo**, foi construído em mim o preconceito, mas o CEPAE me desconstruiu e me ajudou muito. (grifos adicionais).

Estudante 10 (parda) -Sim, mostrando que raça/etnia não me deixa melhor ou superior a alguém.

Estudante 3 (parda) -Sim, pois **faz eu aceitar ser como sou**, ensina a respeitar e entender.(grifos adicionais).

Estudante 4 (pardx) -Um pouco, pois **no CEPAE tive acesso às informações acadêmicas sobre o assunto** e pude discutir com os meus colegas em relação a isso. (grifos adicionais).

Todos esses comentários são de pessoas que consideram que o CEPAE contribuiu para esse processo de autoafirmação étnica, e como podemos observar, são comentários enriquecedores que elogiam o CEPAE pela competência de ter conseguido ajudar esses jovens no processo de autoafirmação étnica racial. O estudante 7, negro, diz que o CEPAE ajudou a desconstruir o racismo que era enraizado nele, acredito que a palavra que poderia substituir “enraizado”, seria “naturalizado”, partindo do pressuposto que uma pessoa negra não é racista, ela apenas reproduz o racismo. A estudante 1 faz uma ressalva de que o CEPAE a ajudou a saber seu local em meio tantas caixas de definições existentes no universo racial, e isso é muito bom, atingir esse nível de consciência no aluno e de autoaceitação, como também foi o caso da estudante 3, que afirma ter conseguido aceitar como é por meio do colégio. Todos os comentários em geral parecem expressar gratidão pelo CEPAE tê-los ajudado de alguma forma nesse processo, o que por si só já é muito bom.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos dados obtidos, nos quais 68,75% dos pesquisados consideram que a lei nº 10.639/03 se faz presente nos processos educacionais do CEPAE, 87,5% consideram que sempre ou às vezes a temática história e cultura afro-brasileira é tratada no colégio, e, 45,84% julgam o trabalho pedagógico com as relações étnico-raciais “bom”, respectivamente, podemos alegar que o CEPAE é um colégio onde as relações étnico-raciais são sim bem abordadas, mesmo com as numerosas respostas analisadas que contradizem a ideia, mas que não necessariamente são de responsabilidade total da escola, já que as instituições religiosas e familiares são grandes formadoras de opinião e disseminadoras de preconceito igualmente.

Entretanto há muito o que melhorar ainda nesse ensino para esses percentuais serem ainda melhores, e fazer jus a pedagogia diferenciada adotada pelo CEPAE, que foge dos padrões educacionais que temos no Brasil.

A extensão no CEPAE é entendida como um processo educativo, cultural e científico que viabiliza e propõe ações voltadas para a educação do cidadão; dessa forma, oportuniza um espaço de produção de novos saberes nas várias áreas do conhecimento, enquanto articulada com o ensino e a pesquisa, numa concepção transformadora e crítica (CEPAE, 2017, p.7).

Como bem dito pela própria instituição, não há como gerar uma concepção transformadora e crítica nesses estudantes se não tratarmos dessas questões raciais, que são no contexto brasileiro, essenciais para ser um cidadão crítico. Com esse artigo tenciono gerar um conhecimento maior acerca das relações étnico-raciais para a comunidade em geral para viabilizar uma conscientização e combate a qualquer forma de discriminação racial ou étnica.

Esse artigo atinge também o corpo docente do CEPAE, a quem é proporcionada a análise de suas práticas pedagógicas relativas a toda essa temática estudada, que poderá ser usada como instrumento para os professores entenderem, fazerem uma autocrítica e elaborarem uma maneira mais eficaz em relação à forma como abordam e trazem as questões raciais em sala de aula.

É de suma importância ressaltar a experiência pessoal de um primeiro contato com uma iniciação científica, mas também proporcionar o debate de um conflito que me atinge pessoalmente, que são essas questões étnico-raciais. Ademais, a existência deste trabalho por si só já contribui na visibilidade para as relações étnico-raciais, e visa a efetivação de uma educação antirracista.

A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo (Nelson Mandela).

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e os aparelhos ideológicos de Estado**. Tradução Joaquim José de Moura Ramos. 3. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1980.

ALVES, Alessandra; SCHUCMAN Lia. **Ver o racismo como um ‘problema dos negros’ é um privilégio dos brancos - The intercept Brasil, 2018**. Disponível em <<https://theintercept.com/2018/01/12/ver-o-racismo-como-um-problema-dos-negros-e-um-privilegio-dos-brancos/>> Acesso em: 13 out. 2019.

ANDRADE, Inaldete Pinheiro de. **Construindo a Auto-Estima da Criança Negra**. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). Superando o racismo na escola. 2. ed. Brasília: MEC/SECAD, 2005, p. 117-124.

BEZERRA, Juliana. **Diferença entre preconceito, racismo e discriminação, s/d**. Disponível em <<https://www.significados.com.br/preconceito-racismo-e-discriminacao/>>. Acesso em: 08 nov. 24.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** Brasília: MEC/SEPPIR, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. **Regulamentação da Lei nº 12.711.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/Decreto/D7824.htm>. Brasília, 2012. Acesso em: 20 out. 2019.

CEPAE-UFG. **Caracterização do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação CEPAE/PROGRAD/UFG, 2017.** Disponível em: <https://www.cepae.ufg.br/up/80/o/Caracteriza%C3%A7%C3%A3o_do_CEPAE_2017.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2019.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações.** (trad. Maria Manuela Galhardo). Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

DJOKIC, Aline. **Clorismo: o que é, como funciona - Blogueiras negras, 2015.** Disponível em <<http://blogueirasnegras.org/2015/01/27/colorismo-o-que-e-como-funciona/>>. Acesso em: 29 jul. 2019.

FERNANDES, Florestan. **A questão racial brasileira vista por três professores (1966).** Lília Moritz Schwarcz (Apres.). Revista USP, São Paulo, n. 68, dez-fev, 2005-2006, p. 168-179.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber.** (trad. L. F. baeta Neves). Petrópolis: Vozes, 1971.

GELEDÉS – INSTITUTO DA MULHER NEGRA (Org.). **Guia de enfrentamento do racismo institucional.** Brasília: Geledés; ONU, 2013. Disponível em: <https://www.semipi.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2019-10/guia_de_enfrentamento_ao_racismo_institucional1.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2019.

GLISSANT, Édouard. **Poetics of Relation.** (trad. Betsy Wing). Ann Arbor: The University of Michigan Press, 2000.

GUSMÃO, P. Dourado de. **Manual de Sociologia.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 1970.

HASENBALG, Carlos A. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil.** Tradução Patrick Burglin. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

MIGNOLO, Walter. **Histórias Globais/projetos Locais.** Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MUNANGA, kabengele. **Racismo: da desigualdade à intolerância.** In: São Paulo em Perspectiva. São Paulo: vol. 4, nº 2, p. 51-54, abr-jun, 1990.

MUNANGA, kabengele. **Superando o racismo na escola – Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade.** Brasília, 2005.

OLIVEIRA, Luiz F; CANDAU, Vera M. F. **Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil**. Rio de Janeiro, 2010.

PNAD. Censo Demográfico 2022: **Identificação étnico-racial da população, por sexo e idade: Resultados do universo**. (BRASIL-2022). Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

PROTÁZIO, Luana. **Não tem nada de novo em hiperssexualizar o homem negro**. 2018. Disponível em: <<https://almapreta.com.br/sessao/quilombo/nao-tem-nada-de-novo-em-hiperssexualizar-o-homem-negro/>>. Acesso em: 08 nov. 2024.

RABELO, Danilo. **A educação e o combate ao racismo**. Goiânia: UFG/CIAR, s/d.

RABELO, Danilo. **Diversidade Cultural**. In: UFG/CEPAE. Metodologia do Ensino Fundamental, Vol. 1. Goiânia; FUNAPE/CIAR, 2010, p. 7-44.

RIBEIRO, Luana; MOREIRA, Glauco. **Preconceito, racismo ou humor?**. São Paulo, 2015.

SANTOS, Caio C. **Hiperssexualização do corpo negro masculino**. 2017. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/hiperssexualizacao-do-corpo-negro-masculino/>>. Acesso em: 08 nov. 2024.

SILVA, Márcia R. da. **Porque racismo em forma de piada não é só uma brincadeira**. Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/expresso/2016/08/15/Por-que-racismo-em-forma-de-piada-n%C3%A3o-%C3%A9-s%C3%B3-uma-brincadeira>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

SKIDMORE, Thomas. **Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

TORO, José Bernardo. **A construção do público: cidadania, democracia e participação**. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio e [X] BRASIL, 2005.

TORRES, Nelson. **Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto**. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSGOUEL, R. (Orgs.) El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007.

UNE. **O que você precisa saber sobre a lei de cotas**. Disponível em: <<https://une.org.br/2012/09/o-que-voce-precisa-saber-sobre-a-lei-de-cotas/>> São Paulo, s/d. Acesso em: 20 ago. 2019.



Da Lepra Medieval à Hanseníase Contemporânea: Uma Análise Histórico-Artística

Lavínia Maria da Silva Vargas

Discente egressa (2021) do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE/UFG).

Roberta Carvalho Cruvinel

Docente Adjunta do Departamento de Língua Estrangeira-Inglês do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE/UFG).

Resumo: Este artigo tem como tema principal o imaginário medieval sobre a lepra e objetiva: identificar como a sociedade medieval percebia a lepra e como ela era tratada; perceber como a igreja pensava em relação à doença em questão; as discriminações sofridas pelos leprosos no período medieval e examinar a forma que a lepra era representada na arte. De forma semelhante, pretende-se perceber como a doença é concebida na atualidade, a fim de fazer uma comparação com o pensamento medieval sobre a lepra. Este trabalho é fruto de pesquisa bibliográfica em livros, sites, relatórios, fotos, artigos e da aplicação de um questionário individual a alunos do Ensino Médio de uma escola pública federal de Goiânia. As considerações finais indicam que os religiosos da Idade Média acreditavam que os leprosos eram pecadores e eram infectados como forma de castigo divino; é possível observar, na arte medieval, o imaginário da população sobre a lepra e os leprosos e como se dava a vida dos infectados. Já na atualidade, percebe-se que a geração pesquisada não associa a hanseníase à lepra. Por outro lado, pode-se perceber, por meio do depoimento de um médico, bem como pela forma como a doença é abordada em um filme de 2004, que a geração anterior ainda tem/tinha o estereótipo da hanseníase como uma doença altamente transmissível e, portanto, com necessidade de isolamento dos infectados.

Palavras-chave: lepra; imaginário; idade média; hanseníase.

INTRODUÇÃO

A hanseníase, nomeada na Idade Média como lepra, não era muito conhecida na época, isso fazia com que as pessoas compreendessem a doença e os tratamentos de maneiras variadas e fossem buscar respostas na religião. Essa falta de conhecimento sobre a doença acabou causando uma grande discriminação dos enfermos, que foram até representados negativamente na arte, como forma de expressão do imaginário.

O interesse por essa temática se deu pelo fato da primeira autora deste texto ter tido acesso a um viés histórico do fato, associado à perspectiva religiosa, fruto de discussões sobre o assunto no contexto escolar, bem como familiar, por isso, podemos classificar o interesse por essa temática como de nível pessoal. Por outro lado, acreditamos que desmistificar o entendimento sobre a doença pode contribuir para a diminuição do preconceito contra pessoas infectadas na atualidade.

Temos como objetivos para este trabalho: descobrir como a lepra era percebida e tratada na Idade Média e qual o imaginário sobre o leproso; compreender o pensamento da igreja sobre a lepra e as discriminações sofridas pelos leprosos e analisar as representações da lepra na arte. Esse trabalho tem como

problematização, as implicações do pensamento sobre a lepra na Idade Média para a Idade Pós-Moderna. Portanto, foi analisado se o pensamento medieval interferiu na maneira de pensarmos sobre a doença hoje em dia.

Esta pesquisa é classificada como exploratória. Os instrumentos de coleta de dados são livros, sites, relatórios, fotos, artigos, filme e um questionário que foi aplicado aos participantes da pesquisa. Ao final da pesquisa, pudemos perceber que o entendimento sobre a hanseníase tem sido modificado ao longo do tempo.

O PENSAMENTO MEDIEVAL SOBRE A LEPROSA

A lepra é considerada uma das doenças mais antigas do mundo. Segundo dados do Ministério da Saúde (2017), ela existe desde 600 a.C. De acordo com Françoise Bénéjac (1994), a lepra se propagou através de antigos focos no Próximo Oriente para todo o Império Romano. Na época, não havia muito conhecimento sobre a doença, com isso, muitas vezes as pessoas eram diagnosticadas com lepra quando na verdade tinham outra doença. De acordo com Neto e Costa (2015, p. 4):

Entre os antigos, as doenças tinham vários significados. De modo geral, eram costumeiramente associadas a alguma punição divina, devido à condição mórbida (especialmente o caráter estigmatizante causado pelas deformidades e/ou manchas visíveis).

Como consequência desse pensamento, as pessoas infectadas não tinham contato com a sociedade, muitas vezes eram isoladas em leprosários, usavam roupas específicas que as identificavam, andavam sempre com um sino sinalizando que estavam passando, não podiam encostar em nada que fosse de uso comum e eram proibidas de entrar em lugares públicos.

A Igreja acreditava que os leprosos deviam ser tratados e diagnosticados pelos monges (que também acabavam sendo contaminados). Os religiosos acreditavam que a doença era consequência do desvio da alma e algumas pessoas também acreditavam que era por conta de pecado sexual. Segundo Neto e Costa (2015, p. 9): “não é descabido pensar que religiosos adquirissem lepra por tratarem socialmente de leprosos”, com isso, eles eram os únicos que se livravam dos pensamentos preconceituosos da sociedade.

Na Bíblia, a lepra é muito assimilada ao pecado, pois acreditavam que quem era portador da doença, a tinha recebido como um castigo divino e, por isso, eles eram considerados pecadores. Segundo Levíticos 13:2, “O homem que tiver na sua pele inchação ou pústula, ou mancha lustrosa, e isto nela se tornar como lepra, será levado a Arão o sacerdote, ou a um de seus filhos sacerdotes”.

De acordo com Pompeu (2020), na Bíblia, os inchaços na pele representam que a pessoa se considerava superior aos outros, pelo fato de ter partes de seu corpo mais elevadas que o normal. As pústulas são parecidas com úlceras e geram pus, significando as más intenções manifestadas no coração. Já as manchas lustrosas

representavam as pessoas que tinham problemas em controlar seus sentimentos. Também comparavam a lepra ao pecado, pois a lepra se aloja no corpo e pode demorar para manifestar, assim como o pecado que está em nosso interior, mas não é sempre que se manifesta.

A lepra e a Arte Medieval

A lepra foi uma doença muito representada na arte medieval por ter sido tão marcante para a população e para a história. Na arte era representada a vida dos infectados e o imaginário da sociedade sobre eles. A igreja, seus símbolos e suas divindades, eram também muito representados na arte junto com os leprosos, por conta da constante presença da Igreja na vida desses infectados. Na figura acima, podemos observar Jó, personagem bíblico, acossado pelo diabo, que lança fogo por todos os orifícios de seu corpo (ouvidos, boca e ânus). Conforme Neto e Costa (2015), o fogo e o hálito putrefato lançado pelo diabo sobre Jó, representa a concepção de que o ar contaminado carregava a doença.

Figuras 1 e 2 - Gregório, o Grande; Enciclopédia Omne Bonum.



Fonte: Gregório, o Grande (c. 540-604), Moralia in Job, Affligem (séc. XII). BnF, Latin 15675, folio 5v

Fonte: Enciclopédia Omne Bonum (Londres, c. 1360-1375), de James le Palmer (c. 1326-1375)

Nessa outra fonte medieval, podem-se observar clérigos com lepra sendo abençoados por um bispo. Podemos observar através das duas iluminuras acima, a diferença na feição de Jó, que além de sofrer pela doença, também sofria com o julgamento das pessoas, e da feição dos clérigos, que não eram julgados, pelo fato de serem religiosos.

Figura 3 - The British Library.



Fonte: Pontifical (c. 1400), Manuscrito Lansdowne 451, folio 127.

Na iluminura acima, do Manuscrito Lansdowne, temos ilustrado um leproso mutilado, sem o pé direito e a mão esquerda, segurando na mão direita o sino que eles usavam para anunciar às pessoas, que estavam passando.

A LEPROSA NA ATUALIDADE

Como forma de arte atual, o filme “Diários de motocicleta” (2004) retrata a história real de Ernesto Rafael Guevara de la Serna (Che Guevara) e seu amigo Alberto Granado. Che Guevara era estudante de medicina e estava se especializando em lepra. Seu amigo, Alberto Granado, era um bioquímico e juntos viajaram pela América do Sul no ano de 1952. Uma de suas paradas foi em uma colônia de leproso em San Pablo, no Peru. Através do filme, podemos ver que ainda era perceptível uma semelhança entre o período medieval e o período retratado nele a respeito da doença.

Por meio do filme “Diários de motocicleta” (2004), também é possível observar que a religião ainda tinha relação com a doença. Isso pode ser observado, já que mesmo com médicos trabalhando no tratamento dos infectados, as freiras eram quem organizavam a colônia e faziam as regras do local. Além disso, é possível observar que mesmo tendo conhecimento sobre a doença e sua transmissão, os infectados ainda viviam em uma colônia isolada da sociedade, separados pelo rio Amazonas, e as regras da colônia proibiam as pessoas não infectadas, como os médicos e freiras, de terem contato com os infectados sem usarem luvas, atitudes desnecessárias e puramente simbólicas.

Atualmente, a doença é conhecida como hanseníase. De acordo com Junqueira (1997), em 1970 mudaram o nome da doença para hanseníase, com o intuito de combater o estigma por trás da doença. A hanseníase é uma doença transmissível, causada por uma bactéria (*Mycobacterium leprae*) e transmitida

através da saliva ou de secreção do nariz de uma pessoa infectada ao entrar em contato com a boca ou com o nariz de outra pessoa. Segundo dados da agência Fiocruz (2013), só transmite a doença quem não faz tratamento.

A doença pode causar manchas avermelhadas, amarronzadas e esbranquiçadas, sensibilidade tátil, térmica e à dor, diminuição dos pelos e do suor, dor e sensação de choque, agulhada, formigamento e fisgadas nos nervos das pernas e braços, inchaço das mãos e dos pés, diminuição da força muscular do rosto das mãos e dos pés, úlceras, nódulos, dor nas juntas, febre, edemas, ressecamento, sangramento e congestão nasal e ressecamento dos olhos.

O Brasil é um dos únicos países do mundo que ainda registra casos de hanseníase, ficando atrás somente da Índia na quantidade de casos. Segundo André Biernath (2019), no nosso país, a doença pega aproximadamente 27 mil pessoas por ano. O site G1 Maranhão, em 2020, publicou dados que atestam que o Maranhão registra sozinho mais casos de hanseníase do que a América do Sul inteira.

De acordo com Tierney e Nardell (2019), 95% dos infectados pela bactéria (*Mycobacterium leprae*), não têm a doença manifestada. A doença manifesta principalmente em crianças/adolescentes de 5 a 15 anos, e em maiores de 30 anos. Hoje em dia, já se sabe as causas e tratamentos para ela, diferente do período medieval. Segundo dados do Ministério da Saúde (2017), a hanseníase pode ser tratada por meio de associações de medicamentos, de acordo com o grau da doença de cada paciente, levando em conta o peso, em casos de hanseníase em crianças. Em 2016, o Ministério da Saúde escolheu o mês de janeiro e a cor roxa para dedicar à doença.

No início de 2022, testes de imunocromatografia de fluxo lateral para hanseníase desenvolvidos pela Universidade Federal de Goiás (UFG) foram disponibilizados no mercado, e ainda no primeiro semestre deste ano foi disponibilizado também pelo SUS. De acordo com a professora e pesquisadora Samira Bühner (2022), os testes, que oferecem resultados entre 05 a 10 minutos, confirmam casos suspeitos da doença, mas não excluem a possibilidade da doença em caso de resultado negativo.

De acordo com Juliana Krapp (2015), quando uma pessoa descobre que carrega a doença, é indicado que as pessoas mais próximas a ela façam exames e, se for o caso, tome a vacina BCG. A vacina BCG é utilizada no tratamento de tuberculose, mas é comprovada a eficácia do imunizante também para proteger da hanseníase. Entretanto, muitos infectados escondem da família e dos amigos que tem a doença, por terem medo do preconceito.

Segundo o pesquisador titular em saúde pública do laboratório de hanseníase do Instituto Oswaldo Cruz, José Augusto Nery (*apud* Krapp, 2015, n.p), “no dia a dia do ambulatório, testemunhamos muitos casos de doentes que perdem o casamento. A mulher ou o marido vão embora, com medo do contágio”.

Com isso, mesmo sendo possível encontrar inúmeras informações sobre a doença em sites e livros, ainda hoje alguns portadores de hanseníase sofrem pelo

fato de terem a doença, o que faz com que ela não afete somente a saúde dos infectados, mas também o psicológico.

METODOLOGIA

Esta pesquisa, além de ser classificada como exploratória, ela é também histórica, por analisar fontes medievais. Tivemos como propósito, identificar o imaginário medieval sobre a lepra, e através disso, descobrir como tratavam os leprosos na época. Além disso, objetivamos perceber quais pensamentos sobre a doença, herdados da Idade Média, permanecem na sociedade contemporânea.

Para analisar se há pensamentos herdados da Idade Média na atualidade, foi aplicado um questionário aos alunos do 3º ano do Ensino Médio, no segundo semestre de 2021, em uma escola federal da cidade de Goiânia - GO. Este questionário foi aplicado virtualmente, por meio do Google Forms. Esta pesquisa é de natureza qualitativa e de propósito exploratório, visto que, por meio de análises e percepções das fontes bibliográficas, bem como do questionário aplicado pudemos constatar a relação existente entre lepra, Idade Média e arte, através do imaginário medieval e contemporâneo sobre a doença.

ANÁLISE DE DADOS

Nossos objetivos neste trabalho são: descobrir como a lepra era compreendida e tratada na época medieval e a visão da população sobre os leprosos; compreender o pensamento da igreja sobre a doença e as discriminações sofridas pelos infectados e analisar como a lepra era representada na arte. A partir daí, uma comparação com a visão da doença na atualidade foi realizada.

A partir dos objetivos apresentados, temos como perguntas de pesquisa: qual era o pensamento da igreja e da sociedade civil sobre a lepra e os leprosos?; como a lepra era representada na arte?; quais são as implicações da visão medieval da lepra para a concepção atual da hanseníase? As duas primeiras perguntas de pesquisa propostas no trabalho foram respondidas por meio da análise das fontes bibliográficas, já a terceira pergunta apresentada, parte de hipóteses construídas a partir do questionário aplicado aos alunos do 3º ano do Ensino Médio de uma escola pública federal de Goiânia, bem como da análise do filme “Diários de Motocicleta”.

Qual o Pensamento da Igreja Sobre a Lepra e os Leprosos na Idade Média?

Os religiosos do período acreditavam que a lepra era um castigo divino em consequência do desvio da alma e do pecado. De acordo com Mário Pompeu, um dos autores estudados, na Bíblia, os inchaços na pele causados pela doença, significam que o doente se achava superior às outras pessoas. As pústulas significam as más intenções que se manifestam no coração e as manchas lustrosas

representam as pessoas que tinham dificuldades para controlar seus sentimentos. Os religiosos que cuidavam dos enfermos conseguiam se livrar desse pensamento, pois era cabível pensar que eles tinham pegado a doença dos infectados que eles mantinham contato.

Como a igreja na época era muito influente e a doença pouco conhecida, a população acreditava que a causa da lepra era realmente a que a igreja apresentava, e por isso, tratavam os leprosos como pecadores e com indiferença.

Como a Lepra era Representada na Arte?

A lepra foi muito representada na arte, principalmente em iluminuras, com as imagens dos leprosos. Pode-se observar na arte, a vida dos infectados, mostrando suas dificuldades do dia a dia e o imaginário da população medieval sobre eles. Por isso, eram sempre representados de forma negativa, com exceção dos religiosos infectados. Na arte atual, a lepra é representada retratando o preconceito e a falta de informação da sociedade para com os infectados, e por meio dessa arte, pode-se observar as dificuldades de convivência de uma pessoa infectada com as demais, por conta do medo de adquirir a doença.

Quais são as Implicações da Visão Medieval da Lepra para a Concepção Atual da Hanseníase?

Com intuito de descobrir se o pensamento medieval interfere na forma de a sociedade atual pensar sobre a doença, foi aplicado um questionário aos alunos dos terceiros anos do Ensino Médio. Quatro perguntas o compunham: 1. você já ouviu falar sobre hanseníase/ lepra?; 2. como você acha que ela é contraída?; 3. você acha que essa doença pode ser transmitida de uma pessoa para a outra? Se sim, como? e; 4. você sabe como a doença é tratada? Se sim, explique.

Dos 11 participantes que responderam ao questionário, somente uma pessoa respondeu que não tinha ouvido falar sobre hanseníase. Porém, trouxe suas impressões sobre a doença nas perguntas subsequentes.

O imaginário medieval era um imaginário muito preconceituoso por conta da falta de conhecimento sobre a lepra e pelo fato de as pessoas relacionarem a doença com o pecado. Na atualidade, esse imaginário parece ter sido superado. Os participantes desta pesquisa acreditam que a pessoa só contrai a doença se tiver contato direto com outros infectados, conforme excerto abaixo:

P54: [...] creio que seja por isso que é indicado que infectados não falem muito próximo de outras pessoas, nem tossam e nem espirrem perto dos outros⁵.

Isso pode se dar pelo fato de que hoje em dia as doenças não são mais relacionadas com a religião e, fruto de estudos científicos, possuem caráter natural, portanto passíveis de se manifestarem em qualquer pessoa.

Por outro lado, a crença de que o simples fato de a pessoa ser diagnosticada com a hanseníase a faz uma transmissora da bactéria parece ter sido herdada do

pensamento medieval sobre a doença. O filme “Diários de motocicleta”, que conta uma história baseada em fatos reais, retrata esta condição. Nele, a madre, que era a chefe do leprosário, mesmo sendo conhecedora dos estudos científicos que já apontavam que a doença não era transmitida quando os infectados estavam em tratamento, não permitia que os médicos deixassem de usar luvas e/ou tocassem nos contaminados, conforme diálogo abaixo, retirado do filme:

Dr. Bresciani: Eu sugiro que coloquem essas luvas, ainda que a lepra seja tratada e não seja contagiosa, as freiras são muito exigentes quanto a esse ponto.

Che: Se não é contagiosa, isso é puramente simbólico.

Dr. Bresciani: Mas eu estou dizendo isso para que não ganhe inimigas mortais.

Então Che e Alberto negam usar as luvas, e chegando na colônia eles cumprimentam os infectados, quebrando as regras do lugar.

Madre: Doutor esses senhores chegaram e acham que podem agir como bem entendem?

Dr. Bresciani: Madre Alberto, esses senhores têm grande experiência médica em Córdoba e Buenos Aires.

Madre: Isso não lhes dá nem um direito de agir assim e ignorar as regras (Diários de Motocicleta, 2004).

Figura 4 - Cena do filme “Diários de motocicleta” 2004.



Fonte: print de tela.

Não obstante, dois dos participantes desta pesquisa, em resposta à pergunta “Como você pensa que é feito o tratamento da doença?”, também acreditam que há a necessidade de isolamento do infectado, conforme excertos abaixo:

P4: Com medicamentos e isolamento.

P11: Remédio e isolamento.

É interessante observar que estes participantes da pesquisa, mesmo tendo acesso a estudos sobre a doença em aulas e livros de história e biologia, não desconstruíram a crença sobre a transmissibilidade da doença. Uma hipótese seria o fato de a doença não ser tão comum na atualidade, pouco midiaticizada, não despertando assim o interesse pelo assunto. Na verdade, a doença, apenas no mês de janeiro, por ser o mês dedicado à conscientização sobre a hanseníase, é abordada na TV, ainda assim de forma tímida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final da pesquisa, foi possível concluir que o imaginário da população e da igreja medieval a respeito da lepra, era de que a doença era um tipo de punição divina, e por isso os leprosos eram tratados com diferença, já que eram considerados impuros e desonrados. Foi possível observar também, que a arte medieval representava o imaginário sobre a lepra e os leprosos em suas obras, e que as pessoas hoje em dia não herdaram pensamentos da Idade Média quanto a associação da doença ao pecado, mas o pensamento medieval interfere na forma com que as pessoas pensam sobre a transmissibilidade da doença atualmente.

Por essa pesquisa se tratar de um trabalho que estuda fatos específicos na Idade Média, foi encontrado dificuldades no acesso a fontes, já que não se encontra tanta fonte disponível sobre esse tema em específico. Além disso, o fato de ter sido eclodida uma pandemia causada pelo Coronavírus, tivemos dificuldades para conseguir um maior número de participantes para o estudo em questão. Ainda assim, consideramos que os resultados foram satisfatórios e atenderam aos objetivos propostos para esta pesquisa.

REFERÊNCIAS

Agência Focruz de notícias. **Hanseníase**. Disponível em: <<https://agencia.fiocruz.br/hansen%C3%ADase>> . Acesso em: 16 jan. 2022.

BENIÁC, FRANÇOISE. O medo da lepra. In: LE GOFF, Jacques (Org.). *As Doenças têm História*. Lisboa: Terramar, 1994.

BIERNATH, ANDRÉ. **Hanseníase e as histórias de um Brasil que está na Idade Média**. Veja Saúde, 2019. Disponível em: <<https://saude.abril.com.br/blog/tunel-do-tempo/hanseníase-e-as-historias-de-um-brasil-que-esta-na-idade-media/>> . Acesso em: 05 jan. 2022.

COSTA, Ricardo; ANGOTTI, Hélio. **A lepra medieval e a Medicina metafórica de Ramon Llull**. Espírito Santo, 2015. Disponível em: <<https://www.ricardocosta.com/artigo/lepra-medieval-e-medicina-metaforica-de-ramon-llull-1232-1316>> . Acesso em: 23 dez. 2020.

DIÁRIOS DE MOTOCICLETA; **Direção: Walter Salles**. Produção: South Fork Pictures. Brasil/Inglaterra/França/Argentina/Chile: Walt Disney Studios Motion Pictures, Pathé, Focus Features, Constantin Film, 2004. DVD.

G1. **Maranhão registra sozinho mais casos de hanseníase do que a América do Sul inteira**. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2020/01/27/maranhao-registra-sozinho-mais-casos-de-hanseniase-do-que-a-america-do-sul-inteira.ghtml>> . Acesso em: 11 dez. 2021.

JUNQUEIRA, Thaís; OLIVEIRA, Helena. **Lepra/Hanseníase – Passado – Presente**. Revista Ciência, Cuidado e Saúde, 1(2): 263-266, jul/dez 2002.

KRAPP, Juliana. **Hanseníase ainda é uma doença invisível, afirmam pesquisadores**. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/noticia/hanseniase-ainda-e-uma-doenca-invisivel-afirma-m-pesquisadores>> . Acesso em: 05 jan. 2022.

MELO, Carolina. **Teste rápido de hanseníase desenvolvido pela UFG já está no mercado**. Disponível em: <<https://jornal.ufg.br/n/149906-teste-rapido-de-hanseniase-desenvolvido-pela-ufg-ja-esta-no-mercado>> . Acesso em: 12 jan. 2022.

Ministério da Saúde. **Hanseníase: o que é, causas, sinais e sintomas, tratamento, diagnóstico e prevenção**. Disponível em: <<https://antigo.saude.gov.br/saude-de-a-z/hanseniase>> . Acesso em: 23 dez. 2020.

POMPEU, Mário Sérgio. **A lepra**. Estudos Gospel, s.d. Disponível em: <<https://www.estudosgospel.com.br/estudo-biblico-evangelico-diversos/a-lepra.html>> . Acesso em 30 dez. 2020.

TIERNEY, Dylan; NARDELL, Edward. Lepra. **Kenilworth, NJ, EUA, 2019**. Disponível em: <https://www.msdmanuals.com/pt-br/casa/infec%C3%A7%C3%B5es/tuberculose-e-infec%C3%A7%C3%B5es-relacionadas/lepra>. Acesso em: 23 dez. 2020.

Organizadoras

Fabiana Perpétua Ferreira Fernandes

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás (PPGLL/UFG), Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), licenciada em Letras-Espanhol (UFSM) e Docente Adjunta do Departamento de Língua Estrangeira-Espanhol do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE/UFG). Atua como docente no Curso de Especialização em Linguística Aplicada: ensino-aprendizagem de línguas adicionais e como Coordenadora Pedagógica do Programa Escola em Tempo Integral da Região Centro-Oeste (MEC/UFG). É organizadora da coleção Iniciação Científica no Ensino Médio, volumes 1, 2, 3 e 4, membro do Grupo de Iniciação à Pesquisa Científica na Educação Básica (GICEB/CEPAE/UFG). Suas áreas de interesse e pesquisa incluem: ensino-aprendizagem de línguas adicionais na educação básica; aprendizagem baseada em projetos; aprendizagem colaborativa; teletandem; iniciação científica na educação básica; e formação crítica de professores de línguas adicionais.

Flávia Motta de Paula Galvão

Doutora e Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), licenciada em Letras (UFU). Atualmente, é Docente Adjunta no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás (CEPAE/UFG). É membro do Grupo de Estudos em Teorias de Discurso, o GETED/UFG, e do Grupo de Iniciação à Pesquisa Científica na Educação Básica, GICEB/CEPAE. Tem experiência na área de Língua Portuguesa e Linguística, com ênfase em Análise de Discurso, atuando principalmente nos seguintes temas: escrita; representação; mídia; educação; formação profissional escolar; letramento; formação de professores; políticas educacionais; iniciação científica na educação básica.

Índice Remissivo

A

abandono 11, 52, 74, 96, 101, 102
abordagem 13, 14, 26, 32, 34, 82, 95, 96
acesso 6, 13, 14, 15, 25, 31, 35, 38, 39, 40, 79, 125, 133
agressivo 79
ambiente 15, 18, 27, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 53, 56, 59, 70, 79, 87, 96, 97, 102, 104, 105
ambiente escolar 15, 27, 45, 46, 49, 50, 56, 59
análise 10, 11, 20, 29, 30, 42, 44, 52, 53, 54, 60, 62, 63, 64, 75, 130
analíticos 29
aprendizagem 18, 19, 22, 30
artes 46
aspectos físicos 11, 108

B

biológica 13

C

carcerárias 11, 96, 98
cárcere 11, 96, 97, 99, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107
cárcere social 96
cidadania 13, 14, 15, 16, 17, 25
cinema 11, 31, 33, 45
comportamento 18, 40, 56, 57, 58, 59, 62, 70, 72
comunidade 11, 33, 36, 41, 66, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 89, 90, 91, 92, 93, 94
comunidades online 79
conhecimento 15, 16, 19, 25, 27, 29, 46, 65, 96, 125, 126, 128, 131
conscientização 13, 24, 133
contemporâneas 10, 29, 41
contexto escolar 10, 11, 13, 14, 15, 17, 22, 23, 25, 108, 125
crianças 11, 15, 18, 38, 49, 53, 54, 55, 59, 70, 74, 82,

96, 104, 106, 129
criticamente 10, 45
cyberbullying 11, 79, 80, 81, 82, 83, 87, 90, 93, 94

D

desenvolvimento 13, 16, 17, 18, 19, 23, 25, 27, 37, 53, 55, 62, 63, 70
desigualdade 11, 63, 65, 67, 77, 78, 89, 96, 99, 101, 108, 123
dignidade 15, 81, 96, 105
direitos 15, 17, 18, 42, 96, 103, 105
disciplinas 15, 46, 108, 109, 110, 112
discriminações 110, 125, 130
discurso 11, 29, 30, 33, 41, 42, 43
discurso de ódio 11, 79, 80, 81, 82, 89, 90, 92, 93, 94
documentário 10, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 38, 40, 41, 42, 43
doença 11, 40, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134

E

educação 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 62, 63, 64, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 78
educação básica 10, 12, 108, 110, 112
educação sexual 10, 13, 14, 15, 16, 17, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27
educativa 10
emancipação 10
emocional 96, 105
encarceramento 96, 99, 101, 106
ensino 15, 18, 20, 27, 30, 42, 45, 47, 53, 56, 108, 109, 110, 112, 113, 116, 117, 119, 122
escola pública 10, 13, 14, 20, 125, 130
escolas 15, 16, 17, 18, 26, 28, 30
esforço 10
estereótipo 84, 85, 117, 125
estratégias 39, 41, 43, 74, 79, 81, 83
étnica racial 11, 108, 121

étnico-raciais 11, 108, 109, 110, 111, 112, 116, 118,
119, 121, 122
evolução 62, 68
experiência 27, 34, 54, 55, 79, 132

F

familiar 11, 22, 23, 96, 99, 102, 103, 105, 125
ferramentas 18, 35, 37, 41, 93, 108, 109
filosofia 11
físico 82, 96
formação científica 10
francês 39, 45, 59, 60

G

gênero 30, 32, 33, 34, 42, 43, 81, 86, 96

H

hanseníase 11, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 133, 134
homogeneidade 11, 79

I

idade média 125
ideologia 26, 30
ideológicos 29, 30
Iluminismo 46
imaginário 10, 11, 13, 14, 15, 48, 57, 68, 112, 125,
127, 130, 131, 133
infectados 125, 127, 128, 129, 130, 131, 132
influência 6
iniciação científica 10, 12, 13, 29, 96
instituição escolar 45, 46, 58
instrumento 13, 14
interações 11, 34, 35, 36, 79
internet 14, 25, 29, 30, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 79,

81, 82, 83, 95
interpretação 6, 10, 29, 30
isolamento 11, 125, 132, 133

J

jogadores 11, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 87, 89, 90,
91, 93, 94, 95
jogo online 79, 80
jogos 11, 46, 53, 79, 80, 82, 84, 89, 90, 93, 94, 95
jogos online 11, 79, 82, 90, 93, 94, 95
justiça 14, 96

L

legislação 11, 96, 97, 98, 105
leitura 10, 12, 29, 30, 45, 59
lepra 11, 125, 126, 127, 128, 130, 131, 132, 133, 134
leprosos 11, 125, 126, 127, 128, 130, 131, 133
liberdade 17, 34, 47, 48, 52, 55, 65, 66, 67, 70, 71,
75, 92, 96, 97, 99, 102, 103, 104, 105, 107
liberdades 46
língua estrangeira 45, 46
linguagem 30, 32, 33, 42
linguístico 29, 30
linguísticos 29, 30, 32, 33

M

mães prisioneiras 96
maternidade 11, 96, 97, 98, 100, 101, 102, 107
medieval 11, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132,
133, 134
modernidade 45
mulher 84, 95, 96, 98, 100, 101, 102, 103, 104, 105,
129
mulheres 11, 74, 83, 85, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101,
102, 103, 104, 105, 106, 107

N

natureza humana 11, 62, 64

O

obstétrica 11, 96

ódio 11, 30, 74, 75, 79, 80, 81, 82, 88, 89, 90, 92, 93,
94, 95

organização 11

P

patriarcal 96, 101, 105

pecadores 11, 125, 126, 131

pedagógicas 18, 108, 109, 122

pedagógico 13, 16, 17, 26, 27

pensamento 45, 47, 59, 125, 126, 130, 131, 132, 133

pesquisa 10, 11, 13, 14, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 28,
29, 30, 41, 42, 45, 46, 59, 60, 62, 63, 64, 77, 79, 80,
82, 83, 84, 86, 94, 95, 125, 126, 130, 131, 132, 133

poema 45, 46, 47, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59

poeta 45, 55, 59, 60

políticas 14, 29, 40

população 37, 83, 89, 95, 99, 108, 111, 124, 125,
127, 130, 131, 133

práticas 10, 11, 12, 26, 29, 30, 79

precoces 13, 15, 17, 27

presente trabalho 30, 45

presidiárias 11, 96, 97, 104

problematizar 62

processo 10, 13, 14, 16, 17, 25, 26, 27

processos 10, 13, 14

produtividade 45

professor 45, 47, 48, 49, 50, 56, 57, 58, 59

R

redes sociais 10, 14, 17, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 36,

37, 38, 39, 40, 41, 42, 44
relações 10, 11, 13, 15, 22, 26, 27, 29, 30, 33, 34, 35,
39, 41, 45, 46, 56, 60, 62, 63, 69, 73, 79, 108, 109,
110, 111, 112, 113, 116, 118, 119, 121, 122
relações sexuais 13, 15, 22, 27
relações sociais 10, 26, 29, 35, 41
religiosos 98, 125, 126, 127, 130, 131
respeito 13, 17, 128, 133
rousseauiana 11, 62, 69

S

sala de aula 11
saúde 11, 15, 16, 17, 18, 28, 29, 31, 36, 68, 81, 96,
99, 100, 101, 102, 104, 105, 107, 129, 130
serviços 6
sexualidade 10, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 22, 23, 24, 25,
26, 27, 28
sistema 6
social 10, 13, 14, 15, 16, 17, 26
sociedade 10, 11, 14, 18, 31, 32, 33, 34, 38, 39, 41,
43, 46, 57, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 73,
75, 79, 89, 96, 97, 98, 99, 105, 106, 125, 126, 127,
128, 130, 131

T

temática 13, 14, 15, 16, 18, 23, 24, 46, 62, 96, 125
textual 10, 29, 30
transmissível 125, 128

V

videogames 79, 84, 85, 89
violência 11, 17, 62, 74, 79, 82, 96, 100, 101, 102,
104
violentas 11, 79

